

Giorgio Pini

# MUSSOLINI

(tradução portugues)



Bolonha, 1939 – XVII E.F.

RIPRODUZIONE A CURA DI  
MARCO PIRAINO E STEFANO FIORITO

<http://bibliotecafascista.org>

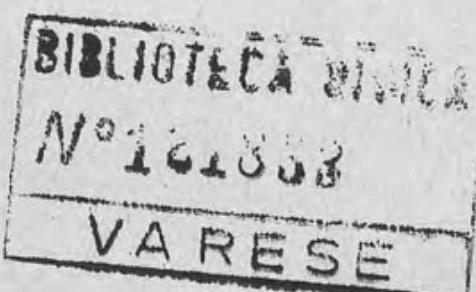
## ÍNDICE

	Pag.
<b>Sob o signo do Leão</b>	7
<b>Espírito adormecido</b>	10
<b>Gerações camponesas</b>	12
<b>A estrada de Roma</b>	15
<b>Revolta</b>	18
<b>Família romanholha</b>	21
<b>Perseverando alcançará</b>	24
<b>Pedreiro</b>	28
<b>Sem pão</b>	31
<b>Semente do sacrifício</b>	34
<b>A mãe do bersalhiere</b>	37
<b>Solidão</b>	40
<b>Noção de responsabilidade</b>	42
<b>Transformar o mundo</b>	45
<b>A Itália não termina em Ala</b>	47
<b>Ouvir-me-eis</b>	50
<b>Outros tempos virão</b>	54
<b>O único responsável sou eu</b>	56
<b>Contra a Maçonaria</b>	59
<b>Andacia</b>	62
<b>Dias radiosos</b>	66
<b>Nosso Duce espiritual</b>	68

Sangue á Patria . . . . .	Pag.	71
Os sobreviventes . . . . .		75
Defeudermos os mortos . . . . .		78
Tenho uma bussola que me orienta . . . . .		81
A ultima detenção . . . . .		84
Porque o perdestes? . . . . .		87
Governar a Nação . . . . .		90
Inventou alguma coisa . . . . .		94
Chefe que dirige . . . . .		97
É êste o momento . . . . .		100
A aguia que desce . . . . .		103
Aqui estamos . . . . .		106
Marcha sobre Roma . . . . .		109
Impuz-me limites . . . . .		112
Tudo está por fazer . . . . .		115
As bases do edificio . . . . .		118
Morram as facções . . . . .		120
Não me movo daqui . . . . .		123
Encontro . . . . .		126
3 de janeiro . . . . .		129
Agora é que começa o trabalho . . . . .		131
O poder ao Fascismo . . . . .		134
Nada poderá acontecer-me . . . . .		136
Humanidade . . . . .		139
Código do trabalho . . . . .		142
Ascensão . . . . .		145
Ninguem se iluda . . . . .		148
Coneiliação . . . . .		151
Tempos dificeis . . . . .		154
Sandro, Arnaldo e a bondade . . . . .		157
Ir de encontro ao povo . . . . .		160
Tu és todos nós . . . . .		163

Incognitas . . . . .	Pag. 166
Fundam-se as cidades . . . . .	169
O ano decisivo . . . . .	172
Para deante . . . . .	174
Itália de pé . . . . .	178
Sobre as colinas fatais de Roma . . . . .	181
Muitos inimigos muita honra . . . . .	185
Campo de Maio . . . . .	188
Quem para está perdido . . . . .	191
Paz segundo a justiça . . . . .	194
Raça e autarquia . . . . .	198
Passaremos . . . . .	201
Retrato . . . . .	206
A obra . . . . .	220
A sorte . . . . .	228

101.8



### *Sob o signo do Leão.*

Benito Mussolini chamou ao povo que trabalha « sal da Pátria, isto é, força e substancia da Pátria. O Duce é oriundo de uma das regiões mais proletarias da Italia, onde a vida do povo é trabalho aspero, tenaz e produtivo. Da terra e do mar, em Romanha, se retira o maximo da riqueza.

« Os meus antepassados — escreveu o Duce — eram camponeses que trabalhavam a terra e o meu pai, que era ferreiro, dobrava o ferro em braza sobre a bigorna. Muitas vezes, quando criança, ajudava meu pai em seu trabalho duro e humilde: e agora tenho a obrigação bem mais aspera e mais dura de convencer o espírito ».

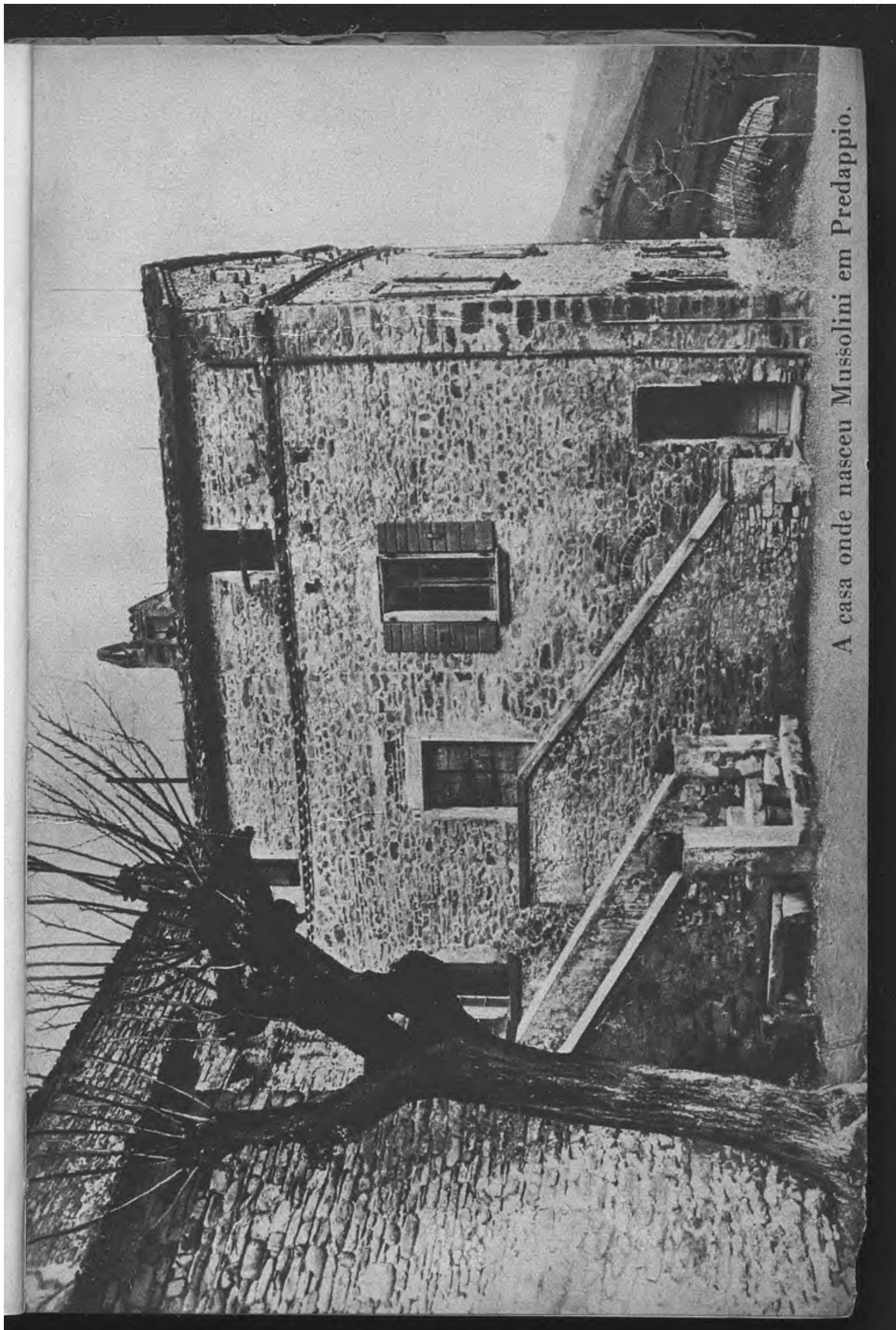
Na vasta planura da região de Padua, situada entre os Alpes, o Adriatico e o Apenino, distingue-se a fertilissima zona meridional pelo caracter franco da população e pelo seu dialéto: é a Romanha, um país onde os individuos vivem em harmonia com as estações, entre a sementeira e a

colheita, fieis á sua terra que só raramente abandonam para tentar a sorte em outra parte. Os séculos passam sem modificar o carácter rural dos romanhois, sem alterar a face agreste da região, que é forte e doce ao mesmo tempo.

Um consul romano construiu a estrada que vem do Pó e passa em Rímini. Em baixo das pontes da via Emilia correm as torrentes do Apeníno e o pequeno Rubicon, que Cesar atravessou quando tentou a sorte da primeira Marcha sobre Roma. Grande parte da história do Império, dos Dominios e do Ressurgimento italiano desenvolveu-se ao longo dessa estrada mestra, que atravessa antigas cidades, em retas brunidas no meio dos campos intensamente verdes. Aqui nasceram fortes condutores de milícias. Para o lado do mar, jaz Ravêna com o tumulo de Dante e os pinheiros solitários.

Ao centro está Forlì, a cidade das intensas paixões políticas. A estrada que vai ter ao Apeníno passa pelo vale de Rabbi «uma terra sulfurosa, cujas vindimas maduras produzem um vinho de fino olor e que embriaga. Existem nascentes de água iodada. Sobre aquela planura, sobre aquelas colinas onduladas e aquelas montanhas, extendem-se as ruínas das torres e dos castelos medievais com os seus muros acidentados e esverdeados sobre o céu palido, como testemunho da virilidade dos séculos que passaram». «Assim é a região que me é cara — disse Mussolini — a região onde nasci».

Hoje os pescadores que navegam ao longo da



A casa onde nasceu Mussolini em Predappio.



Os paes do Duce:  
Alexandre Mussolini  
e Rosa Maltoni.



costa Adriatica, os camponeses que aram o campo antes da alvorada e os viajantes que percorrem a via Emilia ao longo da planicie limitada pelos montes e pelo mar, avistam no silêncio da noite um raio luminoso girar, pelo horizonte entre a bruma e as estrélas. É o farol tricolor aceso na alta torre da Rocca delle Caminate, que de um morro domina Predappio e toda a Romanha. É la, naquele castelo milenario que lhe foi oferecido pelos habitantes da cidade de Forlì, que o Duce se retira para trabalhar. Esse castelo que já pertenceu aos Belmonte, aos Ordelaffi, aos Malatesta, aos Aldobrandini, aos Doria Panfili e aos Baccarini, foi durante as alternativas das lutas medievais, repetidas vezes destruído e reconstruído. Só existiam ruínas no fim do século passado, quando o Duce nascia em Dovia, pequena povoação da comuna de Predappio, a 15 quilometros de Forlì.

Foi em 29 de julho de 1883. Nesse dia, de fins de verão, os restôlhos doirados do trigo já ceifado, secavam nos flancos das colinas; a canícula castigava as estradas desertas e poeirentas; e as torrentes apareciam cobertas de seixos brancos. Mussolini conta: « Nasci num domingo, às duas horas da tarde, por ocasião da festa do padroeiro da paroquia das Caminade, a antiga torre em ruínas que domina alta e solene toda a planura de Forlì. O sol entrara ha oito dias na constelação do Leão ».

Onze meses mais tarde, a família do pequeno Benito, transferia-se para a casa de Varano, que hoje é sede da municipalidade da nova Comuna fundada pelo Duce.

### *Espírito adormecido.*

Mussolini nasceu num período obscuro da história italiana. Havia terminado as lutas do Ressurgimento; muitos heróis das batalhas políticas e militares tinham desaparecido e com êles seus chefes: Cavour, Mazzini, Victor Emanuel II e Garibaldi. Entre os velhos sobreviventes dominava o Presidente do Conselho, Agostino Depretis. A vida italiana perturbara-se com as necessidades infinitas da organização interna e internacional: era mister unificar o país nas leis, nas finanças e sobretudo moralmente, construir obras públicas, incrementar a agricultura, encaminhar as indústrias nascentes. Era grande a pobreza e a ignorância dos lavradores, escassos os meios e a vontade de melhorar. Faltavam as colônias justamente quando as Potências europeias se apoderavam dos recursos da África e da Ásia. O governo parlamentar caíra nas mãos de uma reduzida casta de politiqueros da Esquerda, oportunistas e incapazes de desenvolver um plano fundamental. Interesses de categorias e de pequenos grupos, preocupações pessoais prevaleciam sobre os interesses gerais da Nação. Ninguém enfrentava os problemas sociais, e por isso onde a miséria não havia embrutecido os trabalhadores, começavam as primeiras agitações contra o governo; daí os primeiros núcleos de subversivos e de revoltosos, sequazes da doutrina de Bakunin. Na Romanha, ao lado dos republicanos, lutavam os pioneiros do socialismo chefiados por André Costa, combatentes generosos que não renegavam a pátria.

No campo internacional, após o suplício de Guilherme Oherdan, os italianos orientavam-se para o irredentismo contra a Áustria, pela posse de Trento e Trieste, apesar do recente tratado de aliança; ainda piores eram as relações com a França que se apoderava da Tunísia. Na falta de recursos internos, milhares de proletários viram-se forçados a emigrar para servir de jogo ao capital estrangeiro. Continuava sempre intensa a dissidência entre a Igreja e o Estado, em virtude da ocupação de Roma, agravada pelos excessos do anti-clericalismo e pelas intrigas da Maçonaria.

Mas não faltavam o engenho e a capacidade produtiva. O povo prolífico não abandonara a terra, nos melhores sobreviventes do Ressurgimento conservara-se vivo o ideal nacional e entre êles salientavam-se escritores como Alfredo Oriani e os maiores poetas da época: Carducci, Pascoli e d'Annunzio. Heroicos pioneiros sofreram e pereceram nas explorações africanas, modernos imitadores dos grandes navegadores italianos do passado. As novas gerações cresciam com a preocupação de uma renovação necessária. No meio de tanto sofrimento individual e colectivo, a mocidade revelava um insciente e irresistível impulso para uma nova vida.

Mas com exceção de Francisco Crispi, que viu falir em África a sua empreza colonial, por muito tempo falton um homem capaz de reunir as energias nacionais para restituir á Itália a sua histórica função de continuadora de Roma; um chefe como o que fora idealizado por Proudhon, que desde 1863, escrevera: « Que surja em sua terra

um homem, um Richelieu um Colbert, um Conde, e em menos de uma geração, a Itália terá um posto entre os grandes impérios e a sua influência tornar-se-á formidável em toda a Europa ». No fim do século, Crispi, moribundo, exclamava: « A Itália está constituida, mas o espírito está adormecido, a energia exgotada: falta o homem para revela-la e orienta-la para as ousadas virtudes que provam a grandeza dos países. Surgirá este homem? Eu o espero ». E, Gabriele d'Annunzio, nas suas, « Città del silenzio », invocava:

É tão pobre a tua gleba  
o Itália, que não surja um novo  
herói do sangue rustico, campones?

### Geracões camponesas.

Cincoenta anos depois do seu nascimento, quando preparava a conquista na África Oriental que conduzia à fundação do Império, Mussolini inaugurava na fachada de uma antiga casa de colonos, em Montemaggiore esta inscrição: « De 1600 a 1900 — nesta quinta — denominada « Colína » — viveram e trabalharam — as gerações camponesas — dos Mussolini — aqui nasceu meu pai — no dia 11 de novembro de 1854 ».

O Duce fala raramente de si: a lembrar o passado prefere pensar no futuro. Com tudo recorda sempre sua infância de filho de trabalhadores, escassa de afectos, vivida na rude formação da pobreza. « Os registros da minha paróquia provam que descendo de gente honesta, trabalhadores da terra ». « Revendo a árvore genealógica, verifica-se

que a familia Mussolini teve notoriedade no século XII, na cidade de Bolonha. Em 1270, Giovani Mussolini era chefe dessa cidade agressiva e guerreira: era seu companheiro de governo, no tempo dos cavaleiros em armadura, Fulcieri Paolucci de Calboli, pertencente a uma das mais distintas famílias de Predappio. As vicissitudes de Bolonha, e as divisões intestinas dos seus partidos e facções, segundo o uso dos conflitos e das mudanças que se verificavam em todas as lutas pelo poder, obrigaram por algum tempo os Mussolini a exilarem-se em Argelato. Daí se espalharam nas províncias limitrofes. Verificou-se que, nessa época, devido a emprezas diversas, e aos fluxos da sorte, eles ficaram reduzidos a viver em grande estreiteza ». No século XVIII, encontramos Mussolini como bom musico em Londres. Mas o nucleo principal da familia fora precedentemente dividido em ramos, dos quais, um veneziano. Mais tarde, os Mussolini reaparecem na Romanha, sua terra de origem, como lavradores.

O pai do Duce, chamava-se Alexandre Mussolini e era filho de Luiz Mussolini e de Catarina Vassumi naturais de Montemaggiore. Assim a ele se referia o Duce: « Não frequentou escolas e aos dez anos de idade, foi enviado á aldeia vizinha, Dovadola, para aprender o ofício de ferreiro. De Dovadola transferiu-se para Meldola, onde aprendeu entre 1875 e 1880, a teoria dos internacionalistas. Já senhor do seu ofício, abriu uma oficina em Dovia. Esta aldeia designada então e hoje pelo nome de « Piscaza », não gozava de boa fama. Meu pai encontrou trabalho e começou a difundir a idea

da Internacional. Organizou um grupo numeroso que foi dissolvido por uma ação pronta da polícia ».

Alexandre Mussolini, rapaz moreno, de estatura media, tornou-se « um homem sólido, de mãos fortes e carnosas ». « O seu coração e o seu espírito estavam impregnados de teorias socialistas. Tinha profunda simpatia pelas doutrinas e pelas causas. Discutia-as á noite com seus amigos, e seus olhos luziam. Interessava-se pelo movimento internacional e eram-lhe familiares os nomes celebres dos defensores das causas sociais na Italia: André Costa, Balducci, Amilcar Cipriani e Giovani Pascoli ». Foi um inteligente autodidata e publicou alguns artigos em jornais de combate. Era honesto, generoso e muito direito. A sua divisa era: « Viver livre trabalhando, ou morrer combatendo ». Pelos seus ideais, foi diversas vezes processado e encarcerado na Rocca de Forlì. Mais tarde, foi nomeado conselheiro, assessor e chefe da comuna de Predappio. Fundou uma das primeiras cooperativas, introduziu máquinas para a lavoura, promoveu obras públicas. Apesar de pobre, ajudava seus companheiros com a habitual generosidade dos romanhois.

Quando em 1877, abriu-se em Dovia a primeira escola, Alexandre Mussolini, apaixonou-se pela professora, Rosa Maltoni, nascida em Villafranca de Forlì, em 22 de abril de 1858. O casamento foi celebrado quatro anos depois, isto é em 1882, pois o pai não queria que sua filha casasse com um subversivo vigiado pela polícia. Um ano

mais tarde, entre a escola da mãe e a oficina do pai, nasceu o primogenito que recebeu o triplice nome de Benito, Amilcar, Andrea, em homenagem aos três grandes revolucionarios Juarez, Cipriani e Costa e o segundo filho recebeu o nome de Arnaldo da Brescia.

Benito foi criado pela mãe; era esperto e robusto mas muito serio e atento. Não gostava de brincar e á companhia de outras crianças, preferia estar só. Quando pensa naquele tempo, o Duce ainda lembra a paciencia e a resignação de sua mãe, professora. Rosa Maltoni era alta, sobranceira no aspecto, alma gentil e forte. Levou uma vida exemplar inteiramente dedicada á familia e á escola. Era religiosa, adorava o marido procurando sempre com visivel esforço, reprimir seus impulsos politicos. Levou uma vida de sacrificio, pela escassez de meios em que vivia; a morte veiu prematuramente.

### A estrada de Roma.

« Comecei ler as primeiras letras com a idade de quatro ou cinco anos e em pouco tempo, aprendia a ler corretamente. A imagem do meu avô esvaiceu-se com o tempo. Adorava minha avó. As minhas primeiras relações começaram aos seis anos. Dos seis aos nove anos frequentei a escola de minha mãe e depois a do professor Silvio Marani. Eu era peralta e violento; muitas vezes voltava para casa com a caheça rachada. Mas sabia vingar-me.

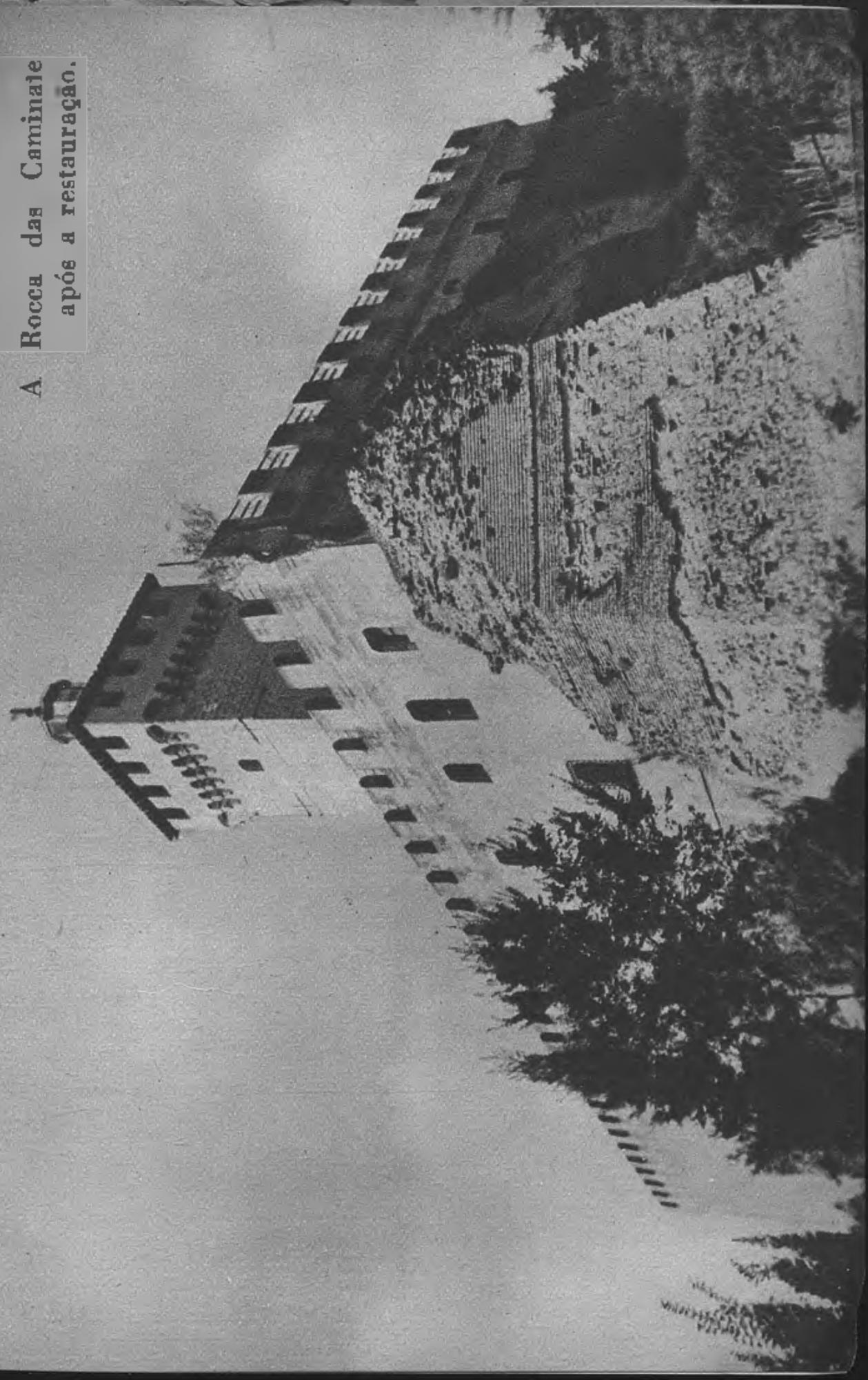
Nas férias, apanhava uma pequena enxada e

junto ao meu irmão passava o tempo a trabalhar no rio. Certa vez, roubei os passaros de uma armadilha. Perseguido pelo dono, corri desenfreadamente pelos flancos da colina, atravessei o rio mas não abandonei a presa. Costumava ir também á oficina de meu pai e ajudava-o no seu trabalho. Tinha uma especial predilecção pelos passaros e sobretudo pela coruja. Ia frequentemente á Igreja com minha mãe e minha avó, mas não conseguia ficar muito tempo, sobretudo nas grandes ceremonias. A luz rosea dos cirios acésos, o olor penetrante do incenso, as cores dos paramentos, a cantilena dos fieis e o som do orgão, alteravam-me profundamente ».

Gostava imenso dos gatos e de um cavalinho branco que ás vezes montava. As maravilhas da natureza, a misteriosa psicologia dos animais, o ambiente e as coisas circunstantes, interessavam-lhe mais que os homens. A época da sua infancia ficou gravada na sua memoria; com frequência o Duce repete, que ele considera ter-se inteiramente formado aos quinze anos.

No seu diário de guerra, no Natal de 1916, o Duce escreveu: « Ha 25 anos eu era uma criança temerosa e violenta. De instinto nomade, caminhava de manhã á noite, ao longo do rio, a roubar ninhos e frutas. Ia á missa. O Natal dêsses tempos ficou gravado em minha memoria. Quasi todos iam á missa, com excepção de poucos, entre êles meu pai. As árvores ao longo da estrada de São Cassiano, pareciam enrijecidas pelo frio. As primeiras missas eram para as velhas madrugadeiras. Quando as

A Rocca das Caminate  
a pós a restauração.



Mussolini menino, entre seus companheiros de escola (na primeira fila ao centro).



avistavamos, para lá da Piana, era a nossa vez. Lembro-me: eu acompanhava minha mãe. Na igreja havia tanta luz e no centro do altar num pequenino berço florido, o Menino Jesus. Tudo isto era pitoresco e satisfazia a minha fantasia. Só o olor do incênsio produzia-me certa perturbação, que ás vezes determinava um mau estar insuportável. Finalmente, um acorde do orgão encerrava a cerimónia. O povo saira, ouvia-se seu tagarelar satisfeito pelas ruas. Ao meio dia, os tradicionais e deliciosos « cappelletti » de Romanha, fumegavam nas terrinas. Quantos anos, quantos séculos se passaram, desde esse tempo?...

Um incidente passado naquela época, revela o temperamento do rapazinho. Estavam Benito e alguns companheiros a roubar marmelos, quando apareceu esbravejando o dono do campo; na pressa de fugir á furia do homem, um dos pequenos caiu e quebrou uma perna. Benito, desprezando as ameaças carregou o companheiro nos hombros e afastou-se lentamente, sob a pesada carga, deixando o homem boquiaberto pelo seu acto de generosidade.

Alexandre Mussolini, absorvido pela paixão política, educava o filho á maneira superficial dos romanhois: Presentia que êle o teria continuado, e encorajava-o com termos rudes, com o exemplo da actividade quotidiana, que consistia no trabalho da oficina e nas apaixonadas discussões com seus companheiros de partido. Os coetâneos temiam Benito, que exercia sobre êles uma autoridade irresistivel e hoje ainda lembram « que a Mussolini era impossivel dizer que não ». Era sempre o pri-

meiro a chegar nas perigosas corridas pelo terreno acidentado do Rabi e a galgar o cimo dos morros situados ali perto. Não sentia a necessidade de companhia que é tão comum nas crianças; preferia estar só, em casa e ler os « Miseraveis »; ou então, no inverno, preferia ler nos estabulos e de verão debaixo de uma árvore frondosa, que hoje denominaram carvalho do Duce. No silêncio das noites serenas, ficava a fitar as estrelas e mesmo mais tarde, durante a guerra, nas trincheiras, ficava a olhar embevecido o arco brilhante da via lactea, que na Romanha se chama « estrada de Roma ».

Uma velha criada dos Mussolini costumava dizer: « Parecia que Benito tivesse na sua mente uma ideia ».

### Revolta.

Rosa Maltoni sentiu logo a necessidade de enviar seu filho para o Colégio salesiano de Faença. « Meu pai de princípio opôs-se, mas, acabou cedendo. Nas semanas anteriores á minha ida para o colégio fiz as maiores travessuras. Sentia-me inquieto; imaginava o colégio um carcere e por isso quis aproveitar os últimos dias de liberdade, a correr pelos campos fóra, através dos vinhedos carregados de cachos maduros. Em meados de outubro, tudo estava pronto: roupas, enxoval, dinheiro. Não senti muito deixar meus irmãos. Edviges só tinha três anos e Arnaldo sete. Mas senti imenso deixar um passaro que estava numa gaiola dependurada á minha janela. Na véspera da partida, briguei

com um companheiro, dei-lhe um sôco mas em vez de antigi-lo fui bater com o mão no muro, machucando-me os dedos. Tive de partir com a mão atada. Na hora da despedida, chorei. Num carro puxado por um burro sentamo-nos eu e meu pai. Colocamos as malas debaixo do assento e partimos. Ainda não tínhamos percorrido 200 metros, que o animal tropeçava e caia « Mau sinal! » disse meu pai; levantou o burro e continuamos. Durante o percurso fiquei calado. Observava os campos que começavam a secar, seguia o vôo das andorinhas, o curso do rio. Atravessamos Forlì. A cidade fez-me grande impressão. Apesar de ter lá estado de nada mais me recordava. Lembro-me apenas de ter-me perdido e que só depois de algumas horas de ansiosa procura, me encontraram sentado calmamente na oficina de um sapateiro, fumando um meio charuto toscano que ele me dera. Nessa ocasião eu contava quatro anos. A impressão mais forte que eu experimentei entrando em Faenza, foi a da ponte de ferro sobre o rio Lamone, que une a cidade à aldeia. Lá pelas duas da tarde chegamos ao Colegio dos Salesianos. Fomos logo recebidos e fui apresentado ao censor que olhando-me disse: « Deve ser um menino muito vivo ». Em seguida, meu pai abraçou-me e beijou-me; estava comovido. Quando ouvi bater atraç de mim o grande portão de entrada, caí em prantos ».

Eis Benito prisioneiro aos nove anos, entre os muros de um colegio sombrio e severo, forçado a uma vida metódica, monótona, quasi sempre separado dos companheiros mais expansivos do que ele

e mais socegados. Teve repetidas vezes impulsos de revolta desde os primeiros dias, principalmente quando constatou que no refeitório havia três mesas diversas: os alunos pobres como ele, estavam separados dos nobres e dos ricos. Era generoso com os fracos, mas todos os seus actos denunciavam intolerância. Ele desabafava lendo tudo o que lhe vinha ás mãos, na ansiosa espera das ferias, que lhe restituíria a liberdade durante alguns meses. Aprendia as lições diárias à primeira vista. Com a Bíblia e o catecismo alternava os romances de Verne. Ao mesmo tempo desenvolvia-se fisicamente: hombros fortes, peito largo, face quadrada.

No verão voltou a Dovia; continuou a ajudar no trabalho de enxada o seu velho amigo Filippone e voltou a ouvir as histórias de misteriosas bruxarias, que lhe contava Giovana, a velha feiticeira da aldeia.

Mas no autônomo teve de voltar ao detestável internato, aos severos professores, aos frios dormitórios, ás funções quotidianas, á vida monotonamente interrompida pelas disputas dos companheiros. Certa vez, insultado por um colega mais velho, reagiu com um tal impeto que foi quasi expulso do colegio. Poude ficar até o fim do ano, graças á intervenção do bispo de Forlì, mas foi-lhe impossivel voltar no ano seguinte, durante o qual teve de estudar em casa, ajudado pela mãe, ao mesmo tempo que, prestava atenção ás teorias políticas do pai, que exercia sobre ele uma grande influencia.

Em fins del 1895, já não podia continuar os estudos obstaculados pela pobreza da familia. Por

Mussolini com 14 anos.



Mussolini estudante  
na Universidade de  
Lausanne.



amor do filho, a mãe não hesitou em pedir um subsídio e escreveu ao prefeito uma carta que não obteve o fim desejado, mas que documenta a intuição do valor de Benito, apenas velada pela modéstia do trepido coração materno: « Lembre-se Exceléncia, que neste ano, as dificuldades económicas desta aldeia chegaram ao auge, devido á deficiente colheita e á falta completa das uvas único produto desta região. Justamente por essas razões, a minha pobre família se encontra em dificuldades tais, que somos forçados a interromper os estudos de um pobre rapaz de 12 anos que actualmente está na escola normal de Forlimpopoli, e que segundo a opinião dos professores é uma promessa ».

### *Família romanholia.*

Comtudo, Benito, conseguiu frequentar a escola técnica, o curso magistral até tirar o diploma de professor. Passava todos os anos as ferias na sua casa de Varano, cada vez mais alto, mais forte, energico e com os grandes olhos cheios de um brilho que dominava seus pequenos amigos. Ria pouco, lia muito, sempre absorvido pela mesma paixão revolucionaria do pai; falava pouco.

Outras recordações, prendem-no ao tempo de sua adolescência. Em setembro de 1896, sofreu a primeira dor, com a morte de sua avó materna Mariana Ghetti, que « era uma mulher alta, magra e de grande actividade. Ela tinha a mania de caminhar ao longo do rio e apanhar os detritos lenhosos depois das enchentes do rio, que junto as tem-

pestades no verão, constituiam um acontecimento. Outra mania de minha avó, era não querer sentar-se á mesa comnosco nas horas das refeições, que consistiam durante a semana, num prato de verduras ao meio dia e outro de raízes ao jantar, que comiamos num unico prato.

« Eu e Arnaldo, dormiamos então, no mesmo quarto, numa grande cama de ferro, feita por meu pai, em colchão de palha. A nossa casa compreendia dois quartos no segundo andar do palacio Varano e para entrar passava-se pela sala de aula. O nosso quarto servia também de cozinha. Do lado da cama, havia um armario de madeira avermelhada para as nossas roupas; em frente uma estante repleta de livros velhos e de jornais. Esses eram por nós folheados e foi então que lemos as primeiras poesias, as primeiras revistas como « L'E-poca » publicada em Genova; certa vez, numa das prateleiras fiz uma descoberta que me encheu de curiosidade, de admiração e de emoção: encontra-  
ra as cartas de amor que meu pae escrevera á minha mãe. Lí algumas delas. Em frente da cama, estava uma janela de onde se avistava o Rabi, as colinas, e a lua que surgia atraç de Fiordinano. Do outro lado da cama, a masseira para o pão e ali perto a lareira, quasi sempre apagada. No outro quarto, dormiam meus pais e minha irmã. Uma comoda, um grande armario de madeira branca onde estavam dispostos nove rolos de tela para roupa branca, e uma mesa constituiam os unicos moveis. Era nessa mesa que eu estudava e onde mais tarde comecei as primeiras leituras genericas entre as quais

a « Moral dos positivistas » de Roberto Ardigó, a « História da filosofia » de Fiorentino; os « Miseráveis » de Victor Hugo e as « poesias » de Manzoni. Arnaldo era meu companheiro de travessuras e de aventuras principalmente no verão. No inverno a nossa casa era muito fria, cheia de fumaça e só a neve nos trazia um pouco de alegria. A miseria que nos circundava era grande. Vivíamos pedindo emprestado pão, azeite, sal. Quando havia trabalho, ganhava-se 28 vintens por dia. Um acontecimento que ficou gravado na nossa memória foi a partida dos emigrantes para o Brasil. De Varano partiu Mateus Pompignoli. Cena de grande comoção e de lagrimas. Lembro-me á noite, junto á escada apenas iluminada pelos lampeões á petroleo, a descida dos que deviam deixar a sua terra, com os hombros carregados de grandes sacos, enquanto os parentes apoiados ao corrimão repetiam em alta voz, seus adeuses. A maioria nunca mais voltou. Muitos morreram nas fazendas de Minas Gerais.

« O verão era a nossa estação preferida. Terminadas as aulas, a sala onde lecionava minha mãe era esvaziada para depositar o trigo ceifado pela maquina que meu pai tinha sido o primeiro a comprar. Iamos à caça de ninhos e à procura de frutas. Espiavamos nos ramos a primeira fruta amadurecida; o rio era nossa meta preferida. Arnaldo revelava desde então seu temperamento. Ele era muito mais sozinho do que eu. As nossas brinca-deiras quasi sempre acabavam em grandes briga, mas não me lembro de nenhuma provocada por meu irmão. Era bondoso e reflexivo. Acon-

lhava-me e era ele quem tentava desculpar-me com meu pai. Ao mesmo tempo que traço estas linhas, revejo o rio, a torrente, as estradas, as casas, o campanario de San Cassiano, os meus companheiros, e o « Callarone » estrada que conduzia a Varrano; as respigadeiras no verão e as longas partidas de bisca no inverno no estabulo de Cireneo. partidas interrompidas unicamente pelos jornais, que traziam as noticias da guerra da África. Ligados ás recordações de minha infancia, estão os nomes de Macalé, Toséli, Taitú, Amba Alagi, Major Galiano ».

No outono Benito voltava para a escola normal de Forlimpopoli, que era dirigida pelo irmão de Giosué Carducci, maior poeta italiano da época. Os professores tiveram de ser muito pacientes com o aluno que intimidava seus colegas e enfrentava com violencia quem o aborrecesse. Após um facto mais grave que os costumados, ele mesmo compreendeu sua falta, decidiu-se a pedir desculpas e foi perdoado porque o director dizia que aquelle rapaz seria uma honra para a sua escola.

### Perseverando alcançarás.

Benito apreciava a musica e tocava trombone na banda do colégio. Giosué Carducci de passagem por Forlimpopoli, foi visitar o instituto que tinha seu nome, e o director seu irmão, apresentou-lhe o filho do ferreiro de Dovia. Por occasião da morte de Giuseppe Verdi, o director quis que Benito comemorasse o grande musicista: e assim Mus-

solini pela primeira vez, deante do publico de um teatro, conquistou aos 17 anos o primeiro sucesso oratorio.

A sua mocidade nunca foi despreocupada; aos periodos de intimo ardor meditativo sucediam-se em raras ocasioes, periodos de diversões animadas, como os bailes no campo por ocasião do carnaval. Gostava de discutir politica e quasi todos os dias os companheiros faziam grupo em volta dêle para ouvi-lo como se fosse um tribuno.

Tirou o diploma de professor aos dezoito anos, foi passar o verão na praia junto de uma familia amiga e tornou-se um bom nadador. Escreveu poesias no estilo de Carducci. Ao chegar o outono, teve de pensar no trabalho necessario já que a miseria oprimia. Procurou em vão um emprego ou uma colocação qualquer. Em Predappio, recusaram-lhe um lugar de escrivão e o pai que se orgulhava de Benito, disse-lhe sacudindo os hombros; « Não é este o teu lugar: vai pelo mundo. Com Predappio ou sem Predappio serás o futuro Crispi ». O velho Alexandre tinha confiança no filho; ele havia de ser uma honra para a sua familia e havia de governar. Vinte anos mais tarde, quando o Duce assistia ao circuito automobilistico de Monza, un senhor siciliano, quasi evocando as palavras do ferreiro de Dovia, exclamou com entusiasmo: Salve cerebro de Cavour e pulso de Crispi! ». E repetiu três vezes esta frase.

Após a revolta de 1898 em Milão, e o assassinio do Rei Humberto I, no começo do novo seculo o partido socialista italiano dominado no par-

lamento orientava-se para o reformismo, de forma a oferecer uma vantajosa carreira política aos jovens. Não, para Benito Mussolini. Os companheiros de partido que favoreciam sua nomeação como professor substituto da escola elementar de Gualtieri Emilia, viram logo que o seu extremismo não se dobrava a meios termos.

Ele chegou da Romanha, envolto numa capa romântica, aos 13 de fevereiro de 1902. «A aldeia ficava a um quilometro das margens do Pó, defendida por diques possantes sobre os quais corriam as estradas. Aí cheguei numa tarde triste e sombria; era esperado na estação. Conheci no mesmo dia as pessoas mais importantes da aldeia, socialistas e administradores e tomei pensão a 40 liras por mês. A minha mensalidade era de 56 liras. Não havia motivo para grandes alegrias. A minha escola ficava a dois quilometros da aldeia na fracção de Pieve Saliceto. Contava cerca de quarenta alunos todos muito bons e comecei a querer-lhes bem». O edifício da escola era muito modesto e compunha-se de um único andar. Atraz via-se uma pequena horta com alguns vinhedos e poucas árvores espalhadas. Uma antiga professora, lembra que Mussolini mandava quasi sempre seus alunos cantarem o hino de Mameli: «Fratelli d'Italia, l'Italia s'è desta». Nas horas de recreio ia ler na horta, como no tempo de criança, sob o carvalho de São Cassiano. Os deveres da escola deixavam-lhe tempo de sobra que ocupava aprendendo a tocar violino, ou caminhando com algum companheiro até as aldeias vizinhas, discutindo de política; não descuidou as ra-

parigas do lugar. Quando chegou o bom tempo ia quasi sempre nadar no grande rio, antes de medir suas forças no salto e na luta, com os poucos rapazes que o seguiam.

Foi nomeado secretário do círculo socialista local, mas não se dobrou aos princípios dos reformistas que dominavam ali perto em Reggio Emilia, pelo contrário, simpatizou com o ousado movimento sindicalista que começava a firmar-se na região de Parma. Um dia, os chefes da secção socialista interrogaram-no sobre os canones fundamentais da fé marxista e compreenderam quanto era diverso o seu modo de pensar quando lhes disse: « Só quem pode estar certo de sacrificar-se sem arrependimento pela propria idea, realizando assim actos fora do comum, pode considerar-se revolucionário; o reformismo que não admite a insurreição armada de um povo durante 40 anos escravo de falsos ídolos e de falsas instituições democráticas, não deve ser aceito. Pelo que respeita a fé religiosa é melhor não tocar nessa questão, aliás os grandes científicos encontram em determinado ponto de suas pesquisas uma muralha alem da qual nada mais lhes é possível encontrar ». Desde esse momento ele foi condenado como professor pelos administradores da comuna. Tal não se deu com o povo de Gualtieri que no aniversário da morte de Garibaldi, faltando o orador designado para a comemoração pediu ao professor que tomasse a palavra. Apesar de ter sido apanhado de surpresa Mussolini, saiu do botequim onde se encontrava, e pronunciou um longo discur-

so, que foi muito aplaudido, atacando a deplorável inércia italiana da época.

No relatório final do ano escolar o professor fez algumas observações acerca das condições da escola e do método didático: « Sempre obtive a disciplina com meios simplicissimos: despertando o interesse, vigiando. Não é disciplina a que se obtém com meios coactivos. Comprime a individualidade infantil e gera tristes sentimentos. O professor deve prevenir e afastar as causas do mal ». No último dia de aula dictou aos alunos este tema: « Perseverando alcançarás! ».

### Pedreiro.

Já ha muito que Mussolini pretendia sair daquele ambiente acanhado para tentar a sorte algures, visando uma meta ainda imprecisa. E abandonou sem pesar aquela pequena etapa de sua vida difícil. Desde o tempo em que era estudante dissera a um amigo de família: « Estou estudando para professor mas não vais pensar que eu nasci para ensinar crianças ».

A mãe que de longe esperava a colocação do filho enviou-lhe um vale de 45 liras e ele embarcou a 9 de julho de 1902, com esse pouco dinheiro em busca de fortuna.

Só em setembro um amigo recebeu suas notícias; narração dramática de uma vida de miseria e de trabalho: « De Parma a Milão, a Chiasso; o calor insuportável quasi me fez morrer de sede. Chiasso, primeira cidade republicana, hospedou-me

ás dez e um quarto da noite. Ao ler o « Seculo » tive a desagradável surpresa de saber que meu pai tinha sido preso devido a desordens eleitorais. Esta noticia aborreceu-me profundamente pois se tivesse sabido disso antes não teria partido para a Suiça mas para a Romanha. Arranjei um companheiro de viagem — tal Tangueroni de Pontremoli — troquei dinheiro, e tomei o comboio que devia chegar na manhã seguinte a Lucerna; 12 horas de viagem. O vagão estava repleto de italianos, acreditas? Passei quasi todo o tempo á janela. A noite estava linda. A lua surgia atraç dos altissimos montes brancos de neve e numerosas estrelas brilhavam no firmamento. O lago de Lugano refletia luzes desconhecidas e misteriosas. O Gothardo apareceu aos meus olhos como um gigante meditabundo que beneficiava por seu meio o serpente de aço que numa fuga vertiginosa, levava-me para gente nova. No vagão todos dormiam, só eu pensava. O que pensei naquela noite que dividia dois periodos de minha vida? Não me lembro. Só pela manhã — e isto dependia do cançaco fisico — quando passamos pela Suiça alemã, e uma chuva nos acolheu fria como o adeus de um infeliz, lembrei-me — com um aperto no coração — das regiões verdejantes italianas, heiadas por um sol de fogo.... Foi o primeiro nascer da nostalgia? Talvez. Em Lucerna mudei de trem e tomei passagem para Yverdon animado pelo meu companheiro de viagem que me prometia um emprego junto de um seu parente que era negociante de tecidos. Cheguei a Yverdon ás onze horas, numa quinta feira; trinta e seis horas de viagem. Cançado

e quasi tonto, dirigi-me a uma taberna onde tive ocasião de falar pela primeira vez em francês. Comi e fui procurar o negociante italiano. Soube fazer-me muitas promessas e convidou-me para almoçar. Aceitei, outras promessas vas e acabou dando-me um escudo. Para que não pensasse fazer-me um favor, dei-lhe como lembrança um punhal árabe que eu comprara em Parma, em primeiro de abril.

« Encontrei-me na sexta feira deante da estatua de Pestalozzi que nasceu em Yverdon. No sabado em companhia de um pintor desocupado fui a Orbe — cidade vizinha — para trabalhar como servente pedreiro. Onze horas de trabalho por dia, 32 centimos por hora. Fiz 121 viagens corregando pedras para o segundo andar de um « batiment » em construção. À noite estava com os musculos dos braços inchados. Comi batatas cozidas na cinza e atirei-me, sem me despir, para a cama: um montão de palha. As cinco da manhã fui novamente para o trabalho. Tremia de odio. O patrão de-ume uma raiva louca. No terceiro dia disse-me: « Estaes demasiadamente bem vestido!... ». Essa frase era significativa. Quis revoltar-me, rachar a cabeça daquele insolente que me acusava de preguiçoso quando os ossos se me dobravam sob o peso das pedras, e gritar-lhe na cara: patife, patife!

« E depois? A razão está com quem te paga. Veiu o sabado. Disse ao patrão que pretendia partir e que portanto me pagasse. Entrou no seu escritorio e daí a pouco voltou e com mal disfarçada raiva, atirou-me 20 liras e centimos dizendo: « Eis o que vos dou e é rouhado ». Fiquei petrificado.

Que devia ter feito? Mata-lo. O que lhe fiz? Nada. Porque? Sentia fome e estava sem sapatos. Um par de botinas quasi novas tinham ficado aos pedaços nas pedras da construção que me tinham rompido as mão como as solas.

Sem pão.

« Em Lausanne passei bem durante a primeira semana com o dinheiro que ganhara em Orbe. Depois fiquei sem real. Numa segunda feira a unica coisa metalica que eu possuia no bolso era uma medalha de Karl Marx. Tinha comido um pedaco de pão pela manhã e não sabia onde dormir á noite. Desesperado caminhei em vão. Sentei-me (as contracções do estomago impediam-me de andar) no pedestal da estatua de Guilherme Tell que se ergue no parque de Montbenon. O meu olhar devia ser terrivel pois os que ali estavam ao pé do monumento olhavam-me com um ar suspeito e receioso.

« Às cinco da tarde deixei Montbenon e dirigi-me para Ouchy. Caminhei ao longo do caes (estrada maravilhosa á beira do lago) até a noite. No crepuscolo, as ultimas luzes e as ultimas badaladas dos velhos sinos distraem-me. Uma profunda melancolia apodera-se de mim e pergunto se vale a pena viver mais um dia.... Fico a pensar mas numa harmonia doce como o canto de uma mãe que aca-lenta o filhinho, desvia os meus pensamentos e volto-me. São quarenta professores de orquestra que tocam deante do grandioso Hotel Beau Rivage. Apoio-me ás grades do jardim espreito entre a folha-

gem das arvores e escuto. A musica consola o cerebro e a barriga. Mas a fome aumenta e torna-se um sofrimento. No entanto pelas alamedas do parque vāo-se aqueles que gozam a vida, ouve-se o froufrou das sedas e o murmurar de linguas que nāo comprehendo. Passa-me perto um casal já velho. Parecem-me ingleses. Desejaria pedir-lhes *l'argent pour me coucher ce soir* ». Mas a palavra morre nos labios. A mulher gorda e pelada, brilha sob o oiro e as pedras preciosas.

« Das 10 ás 11, fico encostado a uma velha barca. Sopra o vento da Saboia e faz frio. Volto á cidade e passo a noite debaixo da « grand pont » anel de conjunção entre duas colinas). De manhã olho-me com curiosidade na vetrine de uma loja e nāo me reconheço. Encontro um conterrâneo, a quem conto em poucas palavras minhas aventuras. Põe-se a rir; eu o amaldiçoo. Faz-me a esmola de dez vintens e eu agradeço-lhe. Então entro apressadamente numa padaria compro um pão e vou para o lado do bosque. Parece-me possuir um tezouro. Longe do centro da cidade mastigo com a avidez de Cerbero aquele pão. Estava ha 26 horas sem comer ».

Noutro dia, ainda esfomeado e perdido pelos campos, fui forçado a pedir pão a uma familia que estava reunida em volta da mesa para o jantar. Uma lampada que chamara a minha atenção no meio das trevas nocturnas iluminava a cena. Ninguem respondeu ao meu pedido. « Um pedaço de pão repeti sem humilhar-me ». Só então recehen da mão que silenciosamente lhe dava o pedaço de pão, do qual mais uma vez apreciava o valor. Foi este va-

lor que induziu mais tarde o Duce a proclamar a campanha do trigo e que lhe inspirou também um hino que hoje os alunos cantam nas escolas.

Muitos anos depois, num discurso pronunciado em Turim no momento da crise económica, Mussolini pôde dizer sinceramente ao povo: « É sob o ponto de vista humano que eu me preocupo, porque, só a ideia de uma família sem pão para viver, produz-me um profundo sofrimento físico. Já sei por experiência própria o que significa uma casa deserta e uma mesa vazia ».

Voltou ao trabalho de pedreiro no qual se aperfeiçoou. Ainda hoje quando visita os trabalhos por ele determinados nas cidades e nas bonificas, maneja a picareta com desembaraço tal, a ponto de impressionar os leigos presentes e suas observações deixam boquinhertos os mestres de obras pelo seu lado prático.

Em Lausanne, quando redigia um jornal socialista « L'Avvenire del Lavoratore », frequentava as lições de Vilfredo Pareto da Universidade e ganhava a vida como menino de recados. Sempre descontente num dado momento resolveu emigrar para Madagascar. Decidiu-se, porém, exasperado como estava a ir para Berna onde esteve em contacto com os ambientes extremistas internacionais, principalmente russos e alemães. Provavelmente encontrou então, também Lenin. Mais decidido do que seus companheiros de fortuna entre os quais os irmãos Serrati, resolveu empenhar seus próprios indumentos. Foi intimado pelas autoridades a deixar a cidade de Berna porque durante uma reu-

nião, contra a sua expressa vontade, tinham ferido um informador da polícia que pretendia passar desapercebido.

### Semente do sacrifício.

Regressou a Genebra e logo depois esteve na Saboia em Annemasse e Chambery, onde projectou a fundação de uma revista política. Nessa época soube que o revolucionário Amilcar Cipriani amigo do ferreiro de Dovia, desejava conhecê-lo. Cipriani encontrava-se em Paris, e Benito seguiu a pé, para a cidade da Comuna. Durante o percurso, encontrou um estranho vagabundo: um rapaz russo, alto, com os cabelos em desalinho, poliglota, que usava como relógio um despertador, amarrado ao pulso. Mas a falta de dinheiro e aquela companhia singular e comprometedora, fizeram com que Mussolini mudasse itinerário. Regressou a Milão onde se tornou colaborador do « *L'Avanguardia socialista* »; em maio de 1903, voltava novamente a Berna e no Canton Ticino, como pedreiro, propagandista e incançável caminhador. Em Zurich estudou alemão e leu pela primeira vez Nietzsche.

Logo que soube que a mãe estava doente, partiu para a sua gelida e triste casa em Dovia. Mas nesse mesmo ano, voltou com o irmão Arnaldo à Suiça, demorando-se algum tempo em Lugano e Bellinzona a trabalhar numa distilaria e numa fábrica de máquinas agrícolas. Continuou a escrever para « *L'Avvenire del Lavoratore* », « *L'Avanguardia socialista* » e « *Il Proletario* » de New York, sempre



atacando os reformistas dominados pelo parlamentarismo. Em fevereiro falou em Zurich durante um congresso presidido pelo director de « Pagine libere » A. O. Olivetti. Nesse periodo surgiam na Itália duas novas tendencias políticas, de extrema direita e de extrema esquerda: o nacionalismo que reagia contra a inercia liberal e principalmente contra as influências exóticas dos imortais principios franceses e do constitucionalismo inglese; e o sindicalismo que de outra parte, reagia contra as influências do socialismo alemão, da Maçonaria francesa, do gradualismo reformista, do positivismo materialista. Mussolini não se filiara em nenhum destes grupos: sua concepção revolucionaria, social e nacional, não estava vinculada a esquemas doutrinários mas suas ideas comportavam o melhor das extremas tendencias, como se vê nas palavras que pronunciou no congresso de Zurich: « Através da nossa sensibilidade de emigrantes podemos descobrir melhor os erros cometidos em nosso prejuízo, por um conjunto de homens, ideas, instituições que caracterizam a vida política italiana actual. Nos somos a boa semente do sacrifício e a nossa obra corajosa, desinteressada, firme, contra todos e contra tudo, dará num futuro ainda longínquo os frutos que actualmente seria uma loucura esperar. De-sejaria falar, o camaradas, da situação do partido socialista italiano, mas, justamente com um dia tão bonito porque envenenar a alma, lembrando as tradicionais vergonhas de quantos dirigem esse partido? ».

Em Lausanne, enfrentou numa discussão o

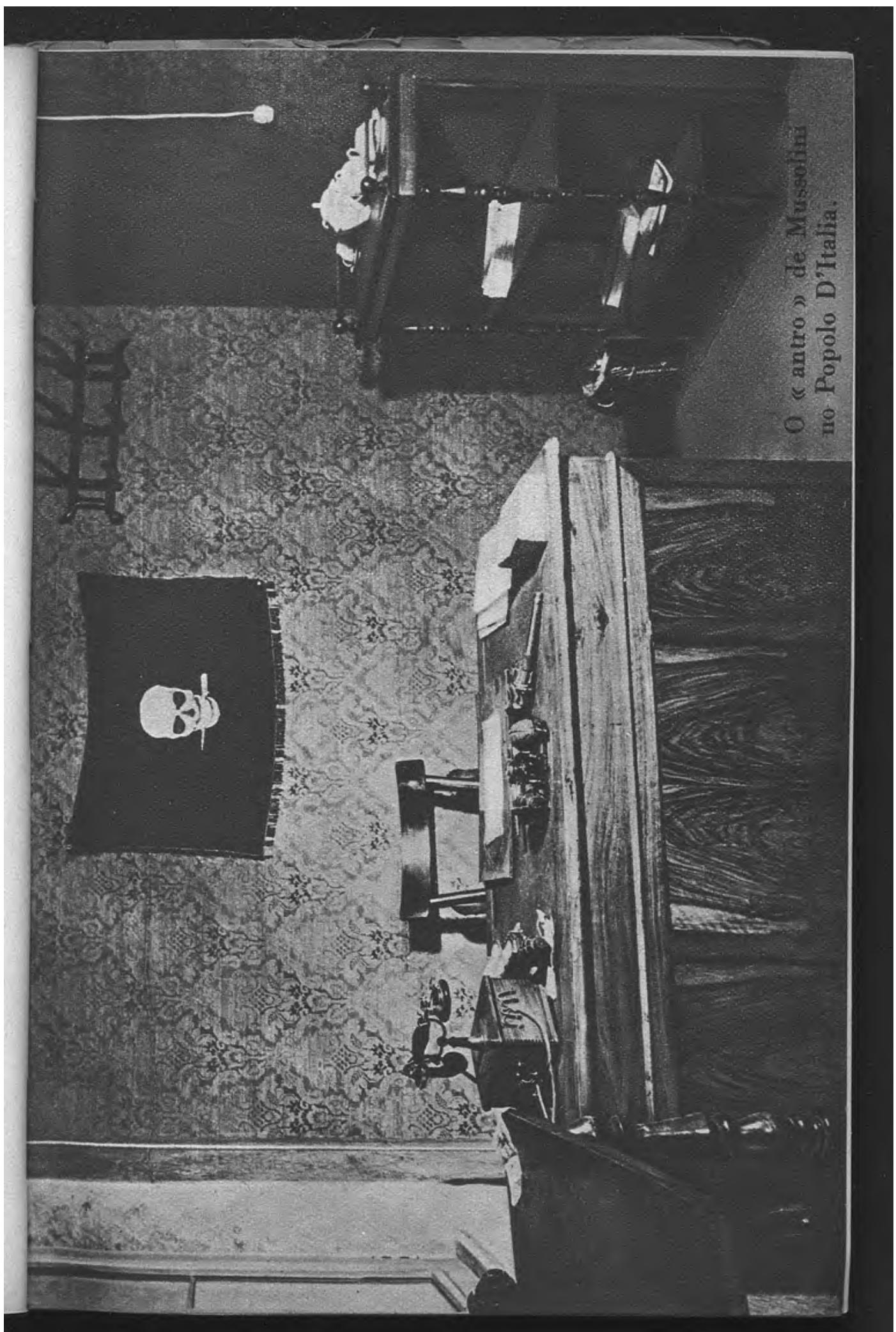
pontífice do reformismo europeu, Vandervelde. Logo depois foi preso e encerrado nos carceres de Lucerna. Era a véspera da Pasqua. « De repente ouviu-se um repicar de sinos em grandes badaladas que anunciavam a véspera da Resurreição. As ondas sonoras vinham morrer na minha cela onde já entrara a noite, e o concerto dos bronzes despertaram as recordações da minha mocidade livre sob o céu da Romanha ». Enquanto esperava ser posto em liberdade, travou conhecimento com os companheiros de prisão: um velho vagabundo de aspecto diabólico, um alemão e um italiano que numa briga matara um homem e que agora escondia uma grave ferida recebida. Tratei logo da ferida servindo-me dos trapos da própria camisa, ao mesmo tempo que ele confessava a sua aventura, certo de não mais poder sobreviver.

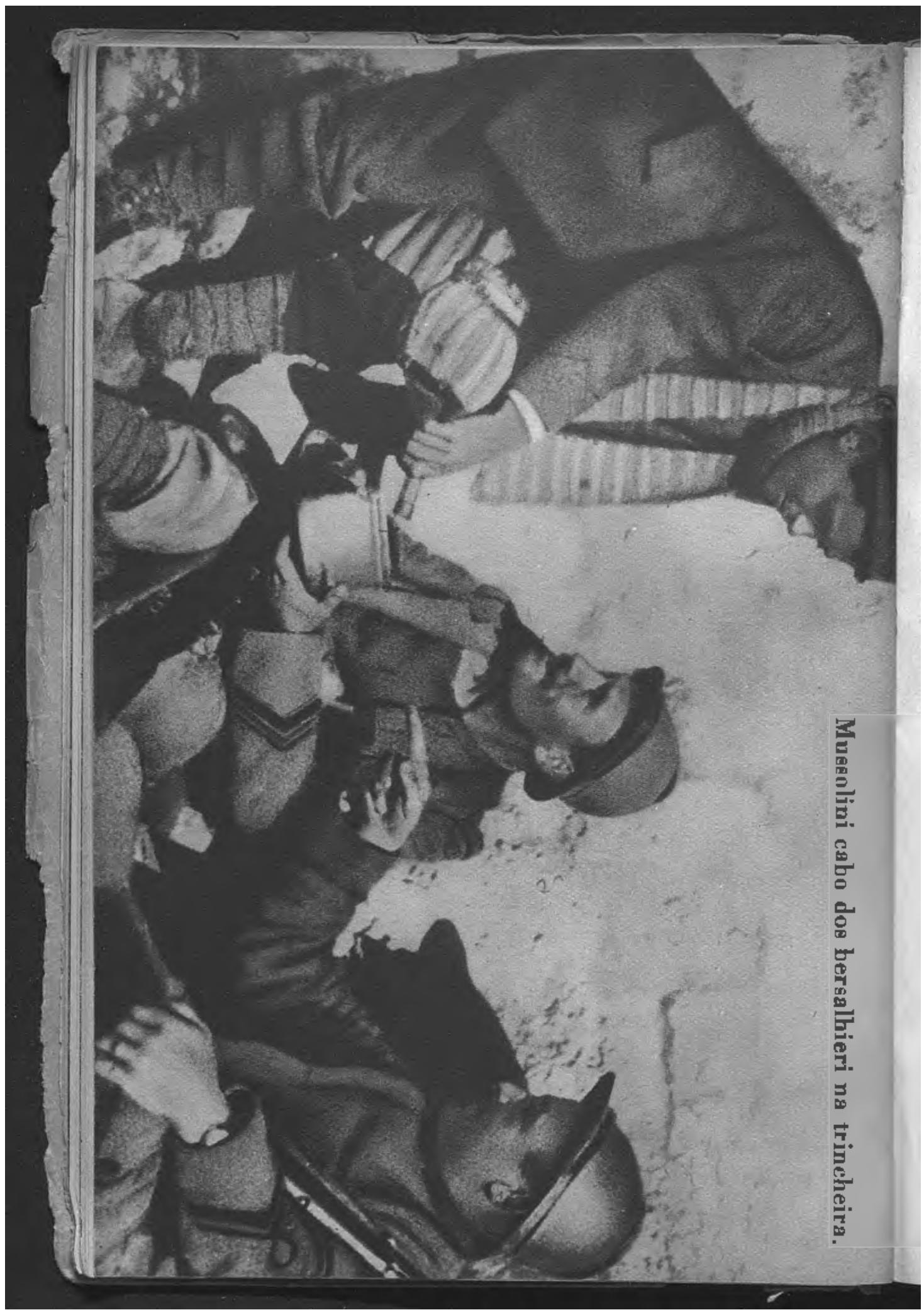
Mussolini foi solto, mas expulso do Canton. Acompanhou o desgraçado ferido até Bellinzona e aí foi hospede do prof. Rensi, antes de voltar a Lausanne onde viveu dando lições e chefiando greves, sempre vigiado pela polícia. Regressou à Itália no fim do ano, para prestar serviço militar.

Reviu a mãe cada vez mais doente e cansada. Abraçou-o pela ultima vez sempre ansiosa pelo futuro do filho que então tinha 21 anos, que tão rapidamente lhe aparecia para logo desaparecer.

Mussolini foi designado para o regimento dos bersalhieri com sede em Verona na Caserma de Castelvecchio, e naturalmente viu-se recebido pelos superiores com severa prevenção. Um tenente teve o encargo de vigiar o jovem assinalado como sub-

O « antro » de Mussolini  
no Popolo D'Italia.





Mussolini cabo dos bersalhieri na trincheira.

versivo mas não tardou a considerar o recruta Mussolini como o melhor dos soldados: perfeito bersalhiere, decidido, cumpridor de seus deveres, agil, forte nos exercícios físicos. Como em Gualtieri nas margens do Pó, ele batia em Verona seus companheiros no salto em altura.

### A mãe do bersalhiere.

Benito já se compenetrara da nova vida quando foi chamado pelo pai: a mãe morria. Obteve uma licença e correu á Dovia. Era ainda inverno: Na gelida tristeza dos campos nus, a mãe sucumbia vítima do mal no meio da silenciosa aflição dos parentes. « Encontrei-a viva mas já estava agonizando. Reconheceu-me logo pelo barrete que apanhou apertando-o entre as mãos; quis falar-me mas não poude devido á paralisia da laringe. Nesta hora de luto eu me curvo perante a lei inexorável que domina a vida humana. Quisera encontrar conforto neste pensamento fatalista, mas as doutrinas filosóficas mais consoladoras não são suficientes para preencher o vazio deixado pela perda irreparável de um ser amado ». Mais tarde o Duce do Fascismo, lembrando-se daquèle tempo, escreveu ainda: « Durante muitos dias senti-me desesperado. Tinham-me arrancado o unico ser realmente amado e que me era mais proximo, a unica pessoa que compreendia minhas aspirações ». E nenhuma tentativa de conforto conseguia preencher « nem mesmo em minima parte o grande vazio, nem entreabrir por fração de centimetro aquela porta fechada. Minha

mãe muito sofrera por mim e vivera horas de ansiedade pela minha vida nomade e combativa. Ela tinha previsto a minha ascensão, tinha trabalhado e esperado demais; morreu com 46 anos de idade ». « Podia ainda estar viva e gozar dos meus sucessos políticos ».

Rosa Maltoni faleceu em 19 de fevereiro de 1905. Aos pesames enviados pelo seu capitão, Mussolini respondeu com belas palavras que revelam o amor patrio revolucionario que herdara de seu pai: « Entre as muitas cartas que recebi nestes dias, e que repetiam as habituais e banais frases de conveniencia, conservarei a sua senhor capitão, como uma das lembranças mais caras de minha vida. Justamente, como me diz, seguirei os conselhos de minha mãe, e hei de honrar a sua memoria cumprindo todos os deveres de soldado e de cidadão. A mulher é dado queixar-se e chorar — mas ao homem forte sofrer e morrer em silencio é preferivel do que lagrimar; agir no caminho do bem, honrar a memoria dos antepassados e ainda mais a memoria sagrada da Patria, não com lamentações estereis, mas com grandes obras. Não basta comemorar os herois que com o seu sangue consolidaram a unidade da Patria, é necessario preparar-nos para não sermos descendentes ignavos ».

O capitão Simonetti, que faleceu em 1938, depois de ter sido promovido a coronel e aposentado, era muitas vezes recebido pelo seu antigo hersalhiere no Palacio Veneza e comprazia-se contar que o Duce o acompanhava até a porta da sua sala de trabalho; despedia-se sempre com afabilidade, para

depois fazer uma disciplinada saudação militar.  
« Queria mostrar-me que não esquecia o seu antigo capitão ».

O hersalhiere voltou ao regimento, em Verona e em Pesquiera, e terminou o tempo de serviço em setembro de 1906, para voltar a Dovia onde o pai vivia triste, longe da vida política e fisicamente abatido. Era dono de uma taberna e ficava até altas horas da noite com o filho para ler Machiavel.

Mas Benito não nasceu para viver no campo. Pobre, quasi só no mundo voltou em busca da fortuna. Podia sempre lançar mãos do seu título de professor. Eis que em meados de novembro obtém o encargo de professor nas escolas de Caneva de Tolmezzo, ganhando 52 liras por mês. A atmosfera pura e luminosa dos montes da Carnia exaltou as fibras e o espírito ardente de Mussolini, e ele desabafou a exuberância vital da sua mocidade forte e livre, escalando montanhas, atravessando o rio Talhamento, caminhando pelos campos. Dedica muitas serenatas ás raparigas alternando as horas de aulas e de leitura ás de diversão. Em 17 de fevereiro, por ocasião da comemoração de Giordano Bruno, para satisfazer ao pedido do povo, tomou a palavra, como em Gualtieri.

Não é só por este episódio que a sua estadia em Caneva é muito semelhante á de Gualtieri: a simpatia de que gozava da parte dos alunos e do povo e a hostilidade continua dos administradores da comuna. Foi por essa razão que resolvem deixar Caneva no fim do ano e emigrar antes que o expulsessem pela sua turbulência.

## Solidão.

Peregrinou durante alguns meses e reapareceu em Dovia, em setembro de 1907 e aí ficou em companhia de seu pai, dedicando-se ás leituras políticas, ás solitárias meditações e ás viagens á Forlì onde ia se refugiar na biblioteca. « Eu o vejo — escreveu Antonio Beltramelli — sempre ou quasi sempre sózinho, atravessar a grande praça de Forlì, evitando os porticos, talvez para não encontrar quem o aborreça; a gola levantada, o chapéu sobre os olhos e a cabeça baixa; uma espessa barba preta cobria-lhe o rosto palido. Se levantasse os olhos, ver-se-iam iluminados de um brilho intenso e de uma vontade granítica. Olhos impenetráveis; sem deixar perceber o que se passava no seu íntimo, adivinhava o pensamento dos outros; andava sempre alheio ao que se passava. Mas ás vezes, de improviso, como por um milagre, no seu rosto vincado por linhas fortes e viris aparecia um sorriso de criança ».

Tomou lições de francês para passar o exame de habilitação ao ensino e apresentou-se em novembro na Universidade de Bolonha. Aconteceu que nesse dia, entrou na sala onde estavam reunidos os examinadores, distraído, com o cigarro na boca. Foi um escândalo. « Parou com os olhos esbarrados e apercebendo-se da sua distração, atirou o cigarro, dizendo: « Esquecia-me de que estava numa academia ». E deu tal provas de preparação e de seriedade que os professores esqueceram o leve incidente ».

Nos meses seguintes, começou a percorrer os centros agrícolas da província para uma propaganda socialista, sempre atacando o partido republicano que predominava então em Forlì. Aos seus acerrimos adversários disse um dia num dos seus discursos: « O que pensais que tenha sido até hoje a minha vida, senão uma luta continua pela conquista da verdade? ».

Em 1908 a sua situação não melhorara. Teve de recorrer mais uma vez aos seus diplomas. Foi professor de francês num instituto particular de Onelha e jornalista; Lucio Serrati que o conhecera na Suíça confiara-lhe a direcção do jornal socialista « La lima ». Mussolini chegava na referida cidade, justamente, quando falecia Edmundo de Amicis, e no seu jornal exaltou o idealismo humano do autor de « Cuore » o livro mais popular daquele tempo. Concluia: « No caso em que as mentes fossem conquistadas pelas especulações idiotas, no caso em que num futuro mais ou menos próximo, a vida não tivesse outro objectivo senão aquele que se limita á satisfação das necessidades materiais, nós, ultimos peregrinos idealistas, levaremos para os desertos da longinqua Thebaida, as nossas ultimas esperanças, as supremas ilusões, as memórias dos nossos mortos ».

Ficou em Onelha poucos meses e foi êsse o período mais calmo de sua vida, apesar de vigiado pela polícia. Contudo, desenvolveu grande actividade no jornalismo, e nas polemicas com os órgãos dos outros partidos expunha claramente seus princípios: « Para nós as ideas não constituem entida-

des abstractas mas forças físicas. Quando a idea quer objectivar-se no mundo, fá-lo através de manifestações nervosas, musculares e físicas ».

No fim do ano escolar, Mussolini, deixou para sempre o exercicio didactico que iniciara três vezes na planura de Padua, entre os montes da Carnia e nas margens do Mar ligure. Pois que, na Romanha as lutas politicas se acentuavam seus amigos e companheiros pediram-lhe que voltasse a Dovia para nelas tomar parte. Tinha então 25 anos e estava preparado para tudo.

#### *Noção de responsabilidade.*

Julho de 1908. A luta politica na Italia saia então daquela fase estagnada que Oriani e Carducci, haviam propalado nas suas obras. As novas gerações faziam pressão contra as velhas, dirigindo-se para novos objectivos, se bem que, ignaros do grande futuro que os esperava. No campo socialista de Forlì, Mussolini começava a adquirir notoriedade, pela concreta firmeza da sua concepção revolucionaria. Era o momento da luta intensa entre proprietarios e camponeses, entre as ligas republicanas e socialistas. Os trabalhadores socialistas queriam impedir que o trigo fosse ceifado com as maquinas dos meeiros; a luta se desencadeou com episodios violentos. Mussolini poz-se logo a frente do movimento mas tendo ameaçado um organizador de operarios não solidario com seus companheiros, foi preso. Na luz avermelhada de um ocaseo estival, alguns amigos avisaram-no de que os carabineiros

estavam á porta. Muito calmamente ele respondeu: « Deixaí-me acabar o capítulo e estou ás ordens ».

Esteve na prisão cerca de 15 dias. Quando foi posto em liberdade escreveu algumas considerações sobre as causas que haviam provocado a luta agraria, com uma clareza de ideas desconhecida aos « competentes » que então se ocupavam do problema, já que ele acompanhava a observação á acção. Voltou a ler Nietzsche e dedicou-lhe um estudo completo que apareceu no fim do ano no jornal « Pensiero romagnolo ». A interpretação do jovem revolucionário assim terminava: « E Nietzsche toca a alvorada de uma proxima volta ao ideal. Mas a um ideal fundamentalmente diverso daquele no qual acreditaram as gerações passadas. Para compreende-lo, veremos surgir uma nova especie de « espíritos livres », fortalecidos pela guerra, pela solidão, pelos grandes perigos, espíritos que conhecerão, os ventos, o gelo, as neves das altas montanhas e saberão medir com olhar sereno a profundidade dos abismos ». É de notar nesta interpretação de Nietzsche a visão de uma verdadeira profecia. Entre as dificuldades da vida provincial e da luta económica, o jovem agitador via alto e longe. Rodeado pelos trabalhadores que nêle confiavam impressionados pela sua noção de responsabilidade frequentemente se apartava para viver em comunhão com os grandes espíritos. Em setembro de 1908, dirigiu-se a Ravenna para visitar o tumulo de Dante, ao mesmo tempo que os italianos das terras irredentas aí acendiam una lampada perpetua. Pouco mais tarde, transferiu-se pela ultima vez

para além das fronteiras, ainda em busca do seu ideal, e estabeleceu-se em Trento para trabalhar à sombra da estatua de Dante.

Antes ainda da sua chegada, o jornal que o convidara « *L'Avvenire del Lavoratore* » apresentava-o aos companheiros trentinos como encarregado do Secretariado do trabalho: « É um rapaz culto, que está ao par do nosso movimento, e que conhece perfeitamente o alemão ».

O socialismo austriaco era substancialmente diverso do italiano: não era revolucionário e não existia entre ele e o Estado, o abismo que na Itália nem mesmo o reformismo predominante conseguira preencher. Em Trento, cidade liberal, ou clerical ou socialista, o revolucionário romanhol exasperado pelo hábito local de realizar conferências de propaganda nas cervejarias, não se sentiu satisfeito, pelo contrário, quasi desistiu dos encargos recebidos, para viver dando lições particulares. Mas em Trento, Cesar Battisti, director do quotidiano « *Il Popolo* », em cuja tipografia se imprimia « *L'Avvenire del Lavoratore* », espírito nobre, independente, italianoissimo, atraiu Mussolini mais do que outros que encontrara nas suas peregrinações. A amizade e a simpatia foram imediatas e reciprocas. Quando Mussolini, em fevereiro de 1909, pouco depois de sua chegada, comemorou Giordano Bruno, não só surpreendeu o auditório, mas também Battisti, que assim escreveu referindo-se à Mussolini: « É um estudioso, um sincero, um entusiasta, que soube transfundir na sua bela conferencia, o

resultado de serios estudos, a força de persuasão, o entusiasmo do homem que possui uma fé, que a defende e que deseja inculcá-la nos outros ».

### *Transformar o mundo.*

Em poucas semanas a acção de Mussolini tornou-se tão intensa a ponto de sacudir a inercia do ambiente: organizador, orador, jornalista, narrador, passou da tipografia ás bibliotecas, da produção literaria ás polemicas violentas; foi diversas vezes preso. As autoridades austriacas como as suíças e as italianas, julgavam-no sincero quando dizia — como disse em março comemorando Marx: « Não se trata de estudar o mundo mas de transforma-lo ». E êsse jovem subversivo não tinha ar de quem renegasse a sua patria. As autoridades austriacas dispostas a tolerar um internacionalista ainda que exaltado, alarmaram-se quando leram a seguinte frase de Mussolini: « A Itália prepara-se para marcar uma nova época na historia do mundo ». Semelhante linguagem não era prevista pela polícia e começaram a sequestrar seu jornal.

Um orgão clerical definiu-o « garoto » e ele respondeu: « Não podiam fazer-me melhor elogio. Sinto apenas, não poder pertencer á classe dos garotos, dos garotões que deixaram seu nome na história. Quisera ser um garoto como Gavroche — romântica figura do genio de Victor Hugo — quisera imitar Balilla — o rapaz genoves que vós austriacos não podeis esquecer ». Mas « para chegar a ser um bom garotão, eu passo muitas horas na bibliote-

ca, curvado sobre os livros, e não fujo á leitura dos livros cristãos e também católicos.... ». Mas o que é seu ao seu dono: eis um outro escrito do « garoto » contra a democracia daquele tempo e de todos os tempos: « Quem diz democracia, diz mescla de exploradores da baixa política, diz advogados em busca de clientela, professores que fazem intrigas para obter uma catedra, jornalistas e especuladores que compram o silêncio e os juizes, consciências inquietas que praticam o anticlericalismo, no seio da Maçonaria que se tornou hoje, uma associação universal de camorristas ». Entre os argumentos tratados durante esse tempo, já tinha estabelecido aquele que deveria ser a sua orientação de lutador e construtor. A sua absoluta e granítica coerência tornou definitivas as palavras da sua mocidade.

Em fins de junho, processado pelas suas polémicas, teve de sofrer oito dias de prisão. Entrou dizendo: « Começa o primeiro período de férias » certo de que a odisséa continuaria como de facto continuou até o epílogo definitivo. Desta vez, Mussolini aproveitou seu tempo para estudar as obras de Sorel. Solto, retomou o trabalho, voltou às polémicas, aos estudos literários sobre Platen, Klopstock e Schiller.

No verão de 1909, o explorador Peary alcançou o Polo Norte, o Duque dos Abruzos tocou a mais alta cota no cimo do Himalaya, Bleriot atravessou em voo a Mancha. Todas essas provas de ousadia, exaltaram Mussolini, homem novo, moderno e clássico ao mesmo tempo, e o animaram a demonstrar a derrota dos « profetas do imobilismo ». Escreveu



que contra todas as aparências « a nossa Idade é heroica talvez mais do que as antigas. O materialismo não sufocou o espasmo doloroso mas salutar da procura; hoje como nos tempos mitológicos dos Argonautas, o homem sente a nostalgia do grande perigo e da grande conquista ».

Em agosto Cesar Battisti, convidou Mussolini para redactor chefe do seu jornal e o apresentou aos leitores como « homem de uma unica medida ». O seu trabalho aumentou consideravelmente. Quando foi preso pela segunda vez leu Maupassant e Stirner; depois da terceira, escreveu um artigo relativo ao grave problema da desocupação que considerava ligado ao sistema capitalista: « A desordem é o estado normal da economia capitalista: as oscilações cegas do agregado económico produzem abalos violentos (crises) que tornam impossível por um certo tempo, o processo normal produtivo agravando a miseria e as dores ». E assim também falou o Duce quando da crise de 1930. Desde então, afirmava que o Estado devia intervir para regular a economia, « estimulando, protegendo e complementando a iniciativa dos individuos e das organizações ». E denunciava o fenomeno do declínio demográfico como sintoma principal da decadência das nações.

### *A Itália não termina em Ala.*

Após os processos, as condenações, os sequestros reiterados em vão contra ele, a polícia procurou um bom pretexto para livrar-se definitivamente

te do agitador. Numa perquisição feita ao jornal liberal « *l'Alto Adige* », foi encontrada na gaveta do director, uma carta de Mussolini que propunha ao colega, solidariedade de acção comum e definia sem cabimento uma recente frase do vice-procurador de Estado: « A Itália termina em Ala ». Se o romanhol estava de acordo com os irredentos no parecer de que a Italia não terminava em Ala, a indulgência de Vienna usada ao socialista Mussolini, não tinha mais razão de ser. Eis portanto, um novo processo em Rovereto, onde o prisioneiro foi conduzido e em seguida necessariamente absolvido mas com um decreto de expulsão « de todos os países e reinos do Império austriaco ».

Mas a acção das autoridades não poude desenvolver-se á sombra da administração ordinaria: os jornais italianos de Trento protestaram; a cidade exaltou-se, e cobriu-se de manifestos; Cesar Battisti organizou pessoalmente um protesto que terminou numa greve geral a primeira e a ultima causada por razões políticas naquela época em Trento.

Em 26 de setembro de 1909, Mussolini foi escoltado até as fronteiras mais do que nunca convencido da necessidade de destrui-las enquanto o seu nome se repercutia para além do Brenner.

Após uma estada em Verona, foi a Forlì onde estava seu pai enfermo. E assim voltou á sua Romanha, com 26 anos de idade, com muita experiência da vida, depois de ter sido repelido de toda a parte: do colégio de Faenza, de Gualtieri, da Suíça, da Carnia, de Onelha e da Austria. Absorveu-se nos seus estudos, passando dias de desolada solidão,

de intima amargura com poucos amigos e muitos adversarios. Continuou a colaborar no « Popolo » de Battisti, atacando a imperante mediocridade giolittiana. Assim vivia á espera de uma « proxima onda salutar que varresse Giolitti e seu adeptos, e a desmiolada ideologia socialoide que deformava o socialismo puro »; nessa ocasião falecia Alfredo Oriani na solidão do Cardello e Mussolini continuava a obra espiritual do grande conterrâneo. A mesma gente mediocre que havia definido como « maluco » Alfredo Oriani, começou a chamar « louco » a Mussolini. E era natural: a multidão hostiliza sempre os precursores antes que triunfem. Oriani como Crispi não vencera: mas Mussolini venceria e como Duce do Fascismo definiria Oriani como unico precursor, quando a Itália reconheceria no filho do ferreiro de Dovia o homem que Oriani preanunciara: « O senhor de amanhã será aquele que melhor definirá a nobreza do novo ideal »; porque a « Patria que não morre continuará a mirar o passado até que do seu meio surja outra grande figura, que nos mostrará o caminho do século XX ».

No entanto, o jovem revolucionario, já conhecido para além das fronteiras estava reduzido á iner-  
cia da vida do campo, sem um encargo que corres-  
pondesse ao impeto de suas energias. Conheceu en-  
tão, a mulher que escolheu para companheira da  
sua vida e continuou a sua preparação; parecia-lhe  
porem, estar enterrado vivo; escreveu artigos que  
custaram a aparecer e um romance para o « Po-  
polo » de Battisti. Protestou quando soube que era

seu substituto como redactor chefe desse jornal, Vasilico Vergani, individuo duvidoso, no qual ele via o futuro traidor do martir de Trento. Leu Schopenhauer e escreveu para a « Voce » de Florença um livro que continha o resultado da sua mais recente experiencia: « O Trentino visto por um socialista » e visto com olhos de italiano. Mas nem mesmo com os intelectuais florentinos, que estavam reanimando a nossa cultura, com o « Leonardo », o « Reino » a « Voce » ele estreitou vinculos definitivos. Em fins de 1909, mais do que nunca desapegado de toda a sorte de associações ou cenaculos, o seu espírito examinava as experiencias realizadas, repelindo toda e qualquer influencia estranha.

Terminou assim a segunda fase de sua vida, que iniciara com a primeira viagem á Suiça.

### Ouvir-me-eis.

Deu o nome de Edda á primogenita nascida na pauperrima casa de Forlì; no entanto, os companheiros apercehiam-se sem que a isso fossem solicitados de terem nêle um valioso elemento para avivar o partido e para competir com os republicanos. Foi nomeado secretario da secção local e em janeiro de 1910, por ocasião da morte de André Costa, Mussolini voltando com vehemencia á luta política, fundou e redigiu um semanal. « A luta de classe » apareceu como uma chama acêsa para purificar o velho mundo circunstante. Durante alguns meses e anos, o emigrado que voltou á Patria, condenou os vicios da vida politica italiana, destruiu

lugares comuns, atacou a vileza do subversivismo acomodador, polemizou sem consideração com amigos e adversários, assumiu a responsabilidade das ações mais ousadas, foi um rebelde, e um moralizador. Revolucionando seitas e partidos, venceu todas as lutas empenhadas e impôz-se como chefe do socialismo revolucionário. A sua energia física permitiu-lhe um rendimento continuo; o seu desinteresse pessoal neutralizou qualquer ataque adversário. Percorreu a província, organizando reuniões e conferências, coordenou as fileiras dos organizados, valorizou-as, multiplicou-as sem se abandonar a atitudes demagogicas. Cada ação, cada palavra, exprimiam sua profunda seriedade moral, sua absoluta intransigência, sua concepção dramática da vida. sua força de precursor que guia e arrasta não se deixando influenciar pelos outros. Pontos de mira de suas polemicas, foram o roseo reformismo dos chefes do mesmo partido socialista, a pretensa hegemonia dos republicanos, a falsa política clerical, a inercia do governo de Gioliti que corrompia as massas através das eleições e a ignorância servil do parlamento. Porque o seu fim visava uma concreta revolução da vida italiana.

Eis o programa do seu jornal: « não teremos piedade dos charlatães seja qual for o partido a que pertençam, que frequentam as multidões operárias para procurar aplausos, votos, dinheiro, clientes. O socialismo não é um negocio de mercadores, não é um jogo de políticos e ainda menos um esporte. É um esforço de elevação moral e material, individual e colectivo ». E aplicava esses princípios ao pé da

letra com os exemplos. Num congresso no qual documentara o rendimento do seu trabalho e a difusão alcançada pela « Luta de classe », propuseram-lhe um aumento do ordenado de quatro liras por dia, que recusou embora vivesse miseravelmente: « Não desejo tornar-me um conejo da organização socialista ». Naturalmente, se opôs também á agitação provocada para o aumento das indenidades aos deputados.

No ritmo rapidissimo do seu trabalho, descuidava-se de si mesmo. Numa ocasião, seus amigos custaram convence-lo de que devia comprar um fato novo. Decidiu-se finalmente, mas antes de usa-lo, pisou-o, amarrotou-o, com receio de ver-se demasiado elegante. Exigia uma colaboração activa dos companheiros. Irritava-o principalmente a tendência comum para as diversões aos domingos, os bailes, os jogos e o excesso de bebidas nas tabernas.

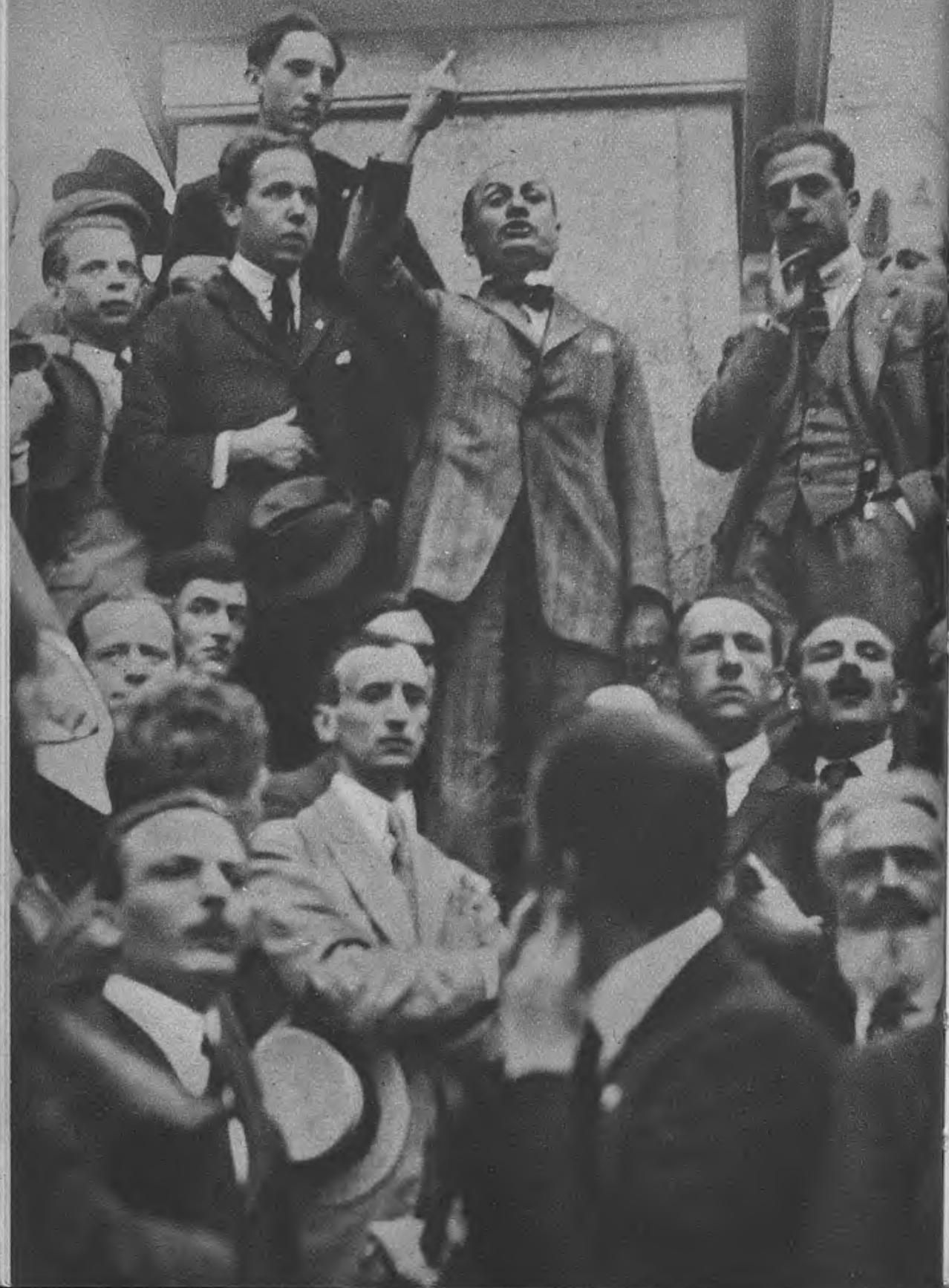
Mantinha-se em correspondencia com Sorel, o teorico da violencia, aconselhava os organizados a não se abandonarem em excessos de entusiasmo que nos frequentes encontros com os republicanos provocavam rixas sangretas e até homicidios. Em pouco tempo, seu nome tornou-se notorio em toda a Itália, transpôs o oceano, e um dia recebeu uma saudação da America de desconhecidos operarios romanhois.

Atacava e combatia os advogados exploradores da política. « Toda essa gente que tortura o código, como os padres torturam o evangelho e assalta o Estado monarquico sabaudo, que de cesareo, como foi nos tempos do rei Humberto torna-se —

Mussolini, sua  
mulher Raquel  
e sua filha Edda



Mussolini fala aos fascistas de Roma, em 1920.



sob a pressão dos legisladores — democratico e de acção limitada. Todos os ramos da administração estadual estão repletos de advogados: os que não conseguem ser « rond de cuir » nos Ministerios, e Prefeituras, acabam na Policia ou no jornalismo. Não é um paradoxo afirmar que os advogados devorarão a Itália ».

Pelos prudentes doutrinarios reformistas que dominavam no partido, reunidos em Milão durante um congresso, foi considerado como um terrivel heretico: de facto, viu-se logo em contraste com êles a respeito dos criterios a serem aplicados no tocante a luta agraria na Romanha. E como suas ideas não prevaleceram usou meios radicais: restituí a caderneta e declarou autonoma a seccão de Forlì, atirando-se contra os « pseudo intelectuais do positivismo academico que olhavam com um sorriso de incomensuravel estupidez todas as tentativas ideais ». E continuou: « Ao rebanho obediente e resignado que segue o pastor e debanda ao primeiro uivo dos lobos, preferimos um pequeno nucleo firme, ousado, que dá uma razão á propria fé, sabe o que quer e marcha directamente para o fim desejado ».

Travou nova luta no interesse dos trabalhadores contra a forte organização republicana. Cortejos ameaçadores de grupos opositos, cruzavam pelas ruas de Forlì, arriscando encontrarem-se em conflitos sangrentos. Em toda a parte Mussolini se viu empenhado em deficeis momentos. Gritava aos adversarios: « Podeis bater-me mas ouvir-me-eis ». E fez-se ouvir sem que nunca ninguem ou-

sasse levantar-lhe a mão. A quem o ofendia na honra respondia: « A nossa vida é uma página aberta onde se pode ler estas palavras: estudo, miseria, luta ».

### *Outros tempos virão.*

Em novembro de 1910, falecia, Alexandre Mussolini. O filho ainda mais sozinho, acompanhou o feretro a frente de uma multidão de três mil pessoas e assumiu suas ideias políticas com estas palavras viris: « De bens materiais nada nos deixou; de bens morais nos deixou um tesouro: a ideia ».

Em 1911, definiu o jornalismo como o concebia e o exercia: « O jornalismo não é para nós um ofício, é uma missão. Não somos jornalistas pelo ordenado. Neste caso não nos faltariam lugares melhores. O jornal não é para nós uma folha que deve ser compilada todas as semanas com aquilo que nos vem ás mãos. Não. O jornal representa o Partido; é uma bandeira, é uma alma ».

Aos companheiros que reclamavam amnistias para os presos políticos, gritava: « Nenhuma amnistia! É necessário saber sofrer e esperar! ». Apesar desta substancial independência de pensamento e de acção, e da natural oposição á ortodoxia corrente, ele era profundamente apegado á ideia socialista que a identificava com a revolução. Por isso, seguiu a orientação do partido contrário á conquista de Tripoli e promoveu agitações de protesto contra o governo de Giolitti, si bem que desaprovasse os gestos vandálicos da multidão. Mas foi preso e encar-

cerado — como outr'ora seu pai — na Rocca de Forlì. Durante o interrogatorio no processo que lhe moveram justificou a sua conduta com argumentos que revelaram aos proprios companheiros seu fundamental amor patrio: « Já que sou italiano e amo o meu País, como bom italiano eu manifestava com dados economicos e geograficos a minha opinião contraria á empresa que teria podido atingir os interesses do proletariado. Eu deseo uma Italia que esteja em condições de redimir seus filhos da dupla miseria económica e moral ». E concluiu: « Eu vos digo, senhores do tribunal, se for absolvido me fareis um grande prazer, porque me restituireis ao trabalho, á sociedade. Mas se for condenado, será para mim uma honra, porque, não estao em presença de um malfeitor mas de um defensor de ideas, de um agitador de concien-cia, de um militante de uma fé, que se impõe ao vosso respeito porque encerra os pressentimentos do futuro e a grande força da verdade ».

Deixou perplexo um amigo que em sua presença deplorava a pena de onze meses a que fora condenado, dizendo-lhe bruscamente: « Se me lastimas, quebro-te a cara ». Na espera do processo de apelação organizou sua vida na fria cela do carcere lendo e discutindo com outros condenados. E quando nas festas de Natal e de Ano bom, de 1912, sua mulher veiu visita-lo dentro daquelas tristes paredes, consolou-a com um voto que para ele era certeza: « Outros tempos virão : os nossos tempos ! ».

Foi transferido, para o carcere de Bolonha e encerrado no meio de delinquentes comuns. Só em

fevereiro, lhe foi reduzida a pena a seis meses que terminou em março na Rocca de Caterina Sforza, ocupando o seu tempo num estudo sobre « Giovanni Huss o verídico », publicado mais tarde e traduzido em varias línguas.

Muitos espiritos fracos abatem-se com a dureza de tais sofrimentos, não Mussolini, que voltou á luta mais encarniçado do que nunca, como se o carcere lhe tivesse amadurecido a hora prestes a chegar. Impoz-se logo no congresso socialista reunido em julho em Regio Emilia, como um dominador. Foi a sua revelação no campo nacional. As partes invertearam-se: ele conseguiu expulsar os expoêntes reformistas como Bissolati, Cabrini, Bonomi, e Podrecca, e foi nomeado membro da direcção do partido.

A morte do pae, desligara-o de todo e qualquer vinculo com a sua província. Em dezembro, o jovem agitador foi chamado para dirigir o « Avanti! » ao mesmo tempo que, na França Jorge Sorel dizia referindo-se á ele: « O vosso Mussolini não é um socialista comum. Creiam-me: vós o vereis talvez um dia á frente de um batalhão sagrado, saudar com a espada a bandeira italiana. É um italiano do século XV, um condottiero. Não se sabe ainda mas é o unico homem energico, capaz de reparar as fraquezas do governo ».

*O unico responsavel sou eu.*

O novo director do « Avanti! », não tinha ainda completado 30 anos, quando chegou na grande

cidade industrial e operaria de Milão. Decidido a renovar o jornal, eliminou alguns colaboradores pendentes, os quais haviam reduzido o orgão do partido a uma infadonha academia de discussões teóricas que interessava poucos leitores. O método personalíssimo de direcção de Mussolini, desconcertou os companheiros, mas fez reviver o jornal que em poucos meses aumentou a tiragem chegando a cem mil cópias. Mussolini sustentou a tendência extrema, sendo sempre o primeiro a tomar para si as mais graves responsabilidades. A cada objecção replicava: « O director sou eu »; um director excepcional que chegara a pedir uma redução do seu ordenado.

Quando em Roccagorga, na província de Roma, durante um conflito entre o miserável povo e a força pública, fizeram-se muitas vítimas, Mussolini protestou com violência. Na sua defesa, no processo que lhe moveram disse: « Não lamento e jamais lamentarei ter escrito aqueles artigos, quando o telegrafo me dava notícias sobre o caso Roccagorga. Quisera naquele momento que os infelizes de Roccagorga vissem que ao lado deles havia italianos que compreendiam toda a sua desgraça. E quisera que sobre a significação social deste debate, refletissem os que na Italia governam e os que se deixam governar. Peço-vos senhores jurados a absolvição do gerente. Desde que somos nós os responsáveis não há mais razão para condena-lo; peço-vos para absolver também os outros. No fundo, o único responsável sou eu, pelo que eu escrevi e pelo que eu permiti que fosse publicado. Que todo o rigor da

lei caia sobre mim, que não sou inocente porque sou reincidente e provavelmente cairei no mesmo pecado, aliás vos dou a minha palavra de honra. A vossa absolvição ou condenação é me completamente indiferente. A prisão é um regimen toleravel. Um proverbio russo diz que para ser homem completo é preciso fazer quatro anos de ginasio, dois de Universidade e dois de prisão. Quem está sempre em contacto com os homens, sente de vez em quando a necessidade da solidão ».

Apesar de certas asperezas do seu temperamento e da tendencia de isolar-se inspirada pelo profundo pessimismo sobre a qualidade fundamental dos homens, as multidões socialistas viram nêle o valor do mais corajoso paladino. Num congresso do Partido em Forlì, no qual interveiu para falar sobre a sua actividade precedente, alguém definiu-o: « Aquele que foi nosso Duce intemperato, durante três anos ». Duce: pela primeira vez foi pronunciado o apelativo que ficará na historia.

A certeza arcana da sua palavra, a pobreza, a honestidade, a independencia da sua vida, o proceder irresistivel da sua accão fascinara todos. Em julho de 1913, o « Avanti! » recebeu correspondencia da Suiça que começava com estas palavras: « Ha dias os operarios de Berna pensaram alcançar as nuvens. Pudera! Esperava-se a chegada de Mussolini. A animação era grande Havia quem o esperasse para reve-lo depois de um decenio, homem feito, havia outros, os jovens, que o esperavam para admirar de perto êsse revolucionario terrivel que fala até na eventualidade de uma insurreição ».

E não é só isso: após a guerra de Tripoli e os conflitos nos Balkans, a sua sensibilidade excepcional que poderíamos chamar de rabdomancia social, fez-lhe presentir a guerra que se aproximava, trágica premissa da esperada revolução, enquanto em redor magnos sacerdotes do internacionalismo, continuavam ingenuamente a garantir a paz eterna.

Mussolini vivia mais pobre do que nunca, privado de tudo, indiferente às pequenas intrigas de partido, ignorante dos detalhes de administração ordinária, mas ao par dos sintomas mais secretos, aos imponderáveis que anunciam as situações futuras. O parlamentarismo foi a sua sombra negra, também na ocasião que teve de fazer um giro de propaganda em vista das eleições políticas administrativas. Repetia definições drásticas como a seguinte: « A Câmara italiana é um mercado fechado ». E insistia: « Cremos firmemente que na praça e não algures, com o amadurecer dos tempos e dos homens, travar-se-ão as batalhas decisivas ».

### *Contra a Maçonaria.*

No processo que lhe moveram pelos artigos sobre o caso Roccagorga, foi absolvido. Voltou a trabalhar no « Avanti! », mas as infinitas pequeninas servidões de um órgão oficial, irritavam-no. Afim de possuir um instrumento pessoal e autónomo à sua disposição lançou uma revista de pensamento: « Utopia ».

Em maio de 1914, tomou parte no Congresso socialista de Ancona disposto a transformar o par-

tidio com o auxilio dos que, sendo contra os maçonicos, contemporaneamente aos nacionalistas já haviam sido trabalhados quando ele proprio dirigia a federação de Forlì. Sabia-se que um formidavel orador maçonico Horacio Raimundo, sustentara a tese defensiva. Na realidade, aquele homem de palavra sedutora falara arrastando sequazes e neutros no sorvedouro de sua eloquencia. Mas a assemblea decidiu como desejava Mussolini, após este jovem director do « *Avanti!* » ter respondido com a energica eficiencia de seus argumentos concretos: « Um homem que entra para a maçonaria fica sujeito ás mais estranhas transformações. Está demonstrado que certos animais postos no escuro perdem o pelo. Esse facto é facilmente explicavel. Colocai um heroi entre mil covardes e o fareis pusilanime; colocai um covarde entre mil herois e afastarei a sua pusilanimidade; especialmente quando já se passou dos quarenta anos e por isso não se veem as coisas mais com os olhos do entusiasmo, mas com os do scepticismo. O banco e a Maçonaria são sinonimos ». Exclusivamente orientado pela sua constante preocupação de ideal, disse naquele mês de maio, em Cesena: « Os numerosos escandalos de cada país demonstram que a classe dos dirigentes está abaxio de suas obrigações. A moral decae e, emfim, é substituida pelo cinismo pervertido de nossa sensibilidade. À religião sucede a negociata ».

Estava convencido que só um movimento violento poderia modificar profundamente a situação; mas o seu senso realistico não o deixava iludir-se demasiadamente sobre o exito daquela desordenada



revolta sem chefe responsável que aparecera de provisão em junho, como uma perigosa tempestade de verão, extendendo-se de Ancona ás varias partes da Peninsula: a semana rubra. A insurreição anarquica atingiu o maximo na propria Romanha onde ficaram interrompidas as comunicações ferroviarias, os negócios devastados, os frangos vendidos a preço baixo, foram plantadas árvores da liberdade, despiram um padre e mataram policias. Mussolini não se move de Milão. Ele preferia a violência saneadora cirúrgica, «aos movimentos del 1848». E, quando um general foi detido e desarmado, desaprovou abertamente esta atitude. As autoridades haviam cedido mas bastou a intervenção do almirante Cagni com poucos marinheiros para extinguir o fogo. Depois a rebelião desapareceu de toda a parte.

Enquanto a burguesia voltava do panico em que a atirara o ciclone interno, anunciava-se um forte tufão sobre a Europa depois da subitaneidade sanguinaria de Serajevo.

O governo italiano, não prevenido do ultimatum austriaco á Servia, diante das seguidas declarações de guerra, desligou-se das obrigações com os Imperios Centrais, declarando a ausencia de agressão, de consulta previa e de quaisquer vantagem. Tal atitude trouxe imediata e decisiva vantagem para França, livrando-a do guarnecimento de força nos limites dos Alpes e permitindo-lhe concentrar todos os esforços na frente do Marne.

A neutralidade foi aprovada unanimemente, mas cada grupo passou a comentá-la num ponto de

vista individual, em relação ao futuro. Mussolini entre os socialistas, foi o mais encarniçado em sustentar a neutralidade, não em quanto pudesse significar inércia ou receio do perigo mas sim no que significava auxiliar a Áustria detentora da terra não libertada. Desde que, a Internacional demonstrara a falácia da sua finalidade e o proletariado das diversas potências se enfileirava disciplinado nos exercitos inimigos, ele aprovou o gesto do francês Hervé, o ex antimilitarista que se apresentou como voluntário para combater pela sua pátria. Tal neutralidade contingente dinâmica de Mussolini não demorou a atritar-se com a outra timida mesquinha e utopística de seu partido, que, não obstante a negar-se a qualquer possibilidade de intervenção estava resolvido a assistir inerte à tragédia europeia, mesmo que essa atitude favorecesse a vitória dos impérios centrais aos quais em princípio era adverso. Não se deixou demover do exemplo dos garibaldinos que correram a combater em Argona ou do intervencionismo declarado dos sindicalistas como De Ambris, Corridoni. Cego guardião de velhos preconceitos doutrinários, o socialismo italiano não teve repugnância de encontrar-se lado a lado com os conservadores e com todos os grupos de neutralistas, aí inclusa a camarilha parlamentar de Gioliti.

### Audácia.

O espírito independente de Mussolini, colocado defronte do dilema, sofreu uma crise profunda. Havia já algum tempo que tinha a intuição de que

a revolução seria somente a consequência de uma guerra feita por todo o povo, após um tão demorado período de estagnação. Só uma guerra poderia consolidar a unidade, defender a independência italiana da influência externa e reacender a cesta do sacrifício, um novo ideal.

Enquanto tentava afastar a inércia do partido — bem diversa da sua intransigência inicial — revelou sua luta íntima numa polémica com Libero Tancredi. Finalmente abalou e rompeu as pontes, sem contudo entregar-se à ideologia oposta de certos intervencionistas: « Recuso-me exaltar superficialmente a guerra da Tríplice como uma guerra revolucionária, democrática ou socialista, segundo a opinião vulgar corrente nos círculos maçônicos e reformistas. Quanto à intervenção da Itália é questão de estudar-se sob um ponto de vista pura e simplesmente nacional ». O seu realismo nunca o abandonou, nem mesmo nos dias de tragedia pessoal, quando os roseos argumentos sentimentais, humanitários e utópicos das democracias que pediam socorro, o teriam ajudado em focalizar e justificar perante a massa.

Em outubro de 1914, Mussolini declarou a sua conversão. Perante a direcção do partido reunida em Bolonha, repetiu a exortação já contida em um seu artigo recente: « Queremos ser — como homens e como socialistas — os espectadores inertes desse drama grandioso? Ou não queremos ser — de qualquer forma ou em qualquer sentido — os protagonistas? ». Avisou aos companheiros para que as palavras de momento não matassem o espiri-

to. Mas inutilmente. Correu a falar a surdos, obtusos e teimosos, e como a sua tese foi recusada renunciou ao direito de julgamento de apelo, parou a sua campanha e demitiu-se do « *Avanti!* » sem exigir a liquidação que tinha direito embora tivesse extrema necessidade material.

Em Milão afirmava ainda: « Os vencidos terão uma historia, os ausentes não. Se a Italia permanecer ausente continuará sendo a terra dos mortos ». Em seguida, apartou-se, vilependiado pelos companheiros incapazes de compreende-lo e indignados pela sua conversão, que o acusaram de traidor e o consideraram um homem acabado.

Mas ele estava mais vivo do que nunca e no meio da execração publica preparou-se para uma nova vida independente. Sentiu logo a necessidade de uma tribuna pessoal e em poucos dias lançou um jornal, apesar de desprovido de tipografia propria, de dinheiro, coadjuvado por redactores voluntarios, quasi todos socialistas. Assim, na nebulosa manhã de 15 de novembro de 1914, apareceu em Milão o primeiro numero do « *Popolo d'Italia* », acolhido com grande interesse. O novo quotidiano trazia no cabeçalho as divisas de Blanqui e de Napoleão: « Quem tem ferro, tem pão ». « A revolução é uma ideia que se encontrará sempre em face de baionetas ». E o artigo de fundo trazia o titulo « *Audacia!* » era a senha dedicada á mocidade italiana « a vós jovens das oficinas, e dos ateneus, jovens de anos e de espírito; jovens que pertenceis á geração á qual o destino reservou o privilegio de escrever a história! A vós eu lanço o meu voto feliz ».

Irritados pelo ousado desafio, os antigos companheiros que bem sabiam até que ponto era honesto, acusaram-no de « vendido » e em 24 de novembro o expulsaram do Partido com ameaças e vituperios. Palido, calado, os olhos acesos assim falou no meio de injurias e de insultos, desprezando a vergonha: « Vós hoje me odiais porque ainda me amais » e concluiu reagindo: « Mas eu vos digo desde já, que não perdoarei nem terei piedade daqueles que nestes tragicos momentos não proferem uma palavra, com receio de serem vaiados ». Saindo de Milão afirmava: « Serei recompensado mais tarde. Os que me expulsam me amam. Destruiram-me porque não me compreenderam. Um dia, porém, dirão: « Foste um pionheiro e um precursor ».

Um jornalista do liberalismo neutro denominou-o Rabagás, mas ele já tinha superado aquele acontecimento e deixou de assinar seus artigos « *L'homme qui cherche* », como as vezes usava fazer no « *Avanti!* ». O seu caminho já estava definitivamente traçado. Nenhuma dúvida perturbava seu espírito e continuou a luta com impetuosa violência. Num discurso pronunciado em Parma intervencionista afirmava: « É o sangue que dá movimento á roda sonora da história ». « Os neutrais que andam gritando abaixo a guerra, não se apercebem como é vulgar e covarde esse grito. É uma ironia atroz gritar hoje abaixo a guerra, ao mesmo tempo que os soldados combatem e morrem nas trincheiras ». « Quem ama demasiado sua péle não vai combater nas trincheiras como também não é encontrado pelas ruas num dia de luta ».

### *Dias radiosos.*

Dizia-se justamente, que Mussolini não se conservaria neutro; era impossível como o sol de meia noite. De facto, eis-o que revolve o País, sacudindo-o do antigo torpôr impelindo-o para a prova decisiva. Dás sombrias e acanhadas salas do jornal á rua Paolo Canobio num bairro popular, perto da praça do Duomo, o animador convocou as fileiras do movimento, fundou os Fascios de ação revolucionaria, agitou os nucleos da minoria, que organizaram demonstrações contra os neutralistas. Com apelos sonoros, artigos secos, imperiosos, exaltou, convenceu arrastou os incertos. Os melhores de cada partido consideraram-no chefe unico. Reconheceram-no como tal também os intervencionistas da primeirissima hora, como: Corridoni, Battisti, Corradini, Federzoni, Marinetti, os republicanos, os nacionalistas, os sindicalistas, os liberais, os futuristas, os irridentes, os estudantes, os militares. Uma nova harmonia unia estes entusiastas em torno a Mussolini que se tornara o homem mais querido e mais odiado da Itália. Do miserável « antró » da redacção com sequazes voluntarios que lutavam também contra a miseria, Mussolini realizou a preparação moral á guerra, influiu sobre as directrizes do governo, derrotou a velhacada parlamentar de Gioliti, sem abandonar-se á retórica nem á falsos gestos de demagogo irresponsável. A sua palavra, mesmo a mais violenta, foi sempre uma fruta amadurecida através de frias meditações. « O trabalho intelectual de Mussolini — escreveu

um biografo — não é de improvisação. A sua oficina craneana está sempre em acção, mas para os demais, mesmo para os mais íntimos, o trabalho de preparação é um segredo. Quando fixa seu olhar ao longe, quando seu rosto de traços marcados como uma escultura antiga, se torna sombrio, quando se isola no seu cubículo da redacção e amarrota os jornais, como se faz com um guarda napo quando o jantar custa ser servido, Mussolini está repisando, forçando raivosamente seu pensamento anin de imprimir a forma viva e quente á matéria bruta e confusa. Suas ordens são secas e concisas. *Gestos e olhares* ». « Mas o seu trabalho não é de improvisação como parece, sobretudo quando o jornal é dado á multidão. É um trabalho de preparação profundo, poderia-se dizer quasi grave ».

Mussolini reclamou a denuncia da Triplice aliança, opôs-se ás acomodações preventivas, ameaçou provocar um facto consumado e irreparável convencido que os voluntários mortos nas Argonne haviam favorecido a causa da intervenção mais do que os artigos, e os discursos. Nem se enganava quanto á duração e ao metodo das operações. « A meu ver, em caso de guerra, deve-se conceder a mais ampla liberdade ao Estado maior. Os advogados que se interessam de política deverão ficar calados ». « É necessário que os italianos não se iludam. Devem ter desde já a convicção precisa de que se trata de dinheiro e de sangue ». « Hoje é a guerra; amanhã será a revolução ». « Ai, dos ausentes, tanto hoje como amanhã ».

Com o sobrevir da primavera o assalto inter-

vencionista encurtou os tempos. Mussolini foi preso em Roma e também Marinetti; foi esta a penúltima das onze prisões de sua vida. Solto, bateu-se em vários duelos e com o deputado socialista neutralista Claudio Treves. Após a inauguração do monumento aos Mil de Garibaldi no rochedo de Quarto, feita por Gabriel d'Annunzio cujo discurso foi um anúncio de guerra, a situação interna precipitou devido a um pronunciamento parlamentar de Giolitti contra a política evidentemente intervencionista de Salandra e Sonnino. Desencadeou-se uma crise tumultuosa que foi resolvida pelo Rei e pelas fileiras intervencionistas contra as formas constitucionais ordinárias no sentido da guerra. Naqueles dias radiosos de maio, o filho do ferreiro de Dovia — já protagonista da história — impuzera a suprema resolução.

No dia em que foi declarada a guerra à Áustria — 24 de maio de 1915 — Mussolini afirmou que toda e qualquer polémica devia cessar. « De hoje em diante só existem italianos ». « E nós ó amada Itália, oferecemos — sem medo e sem pesar — a nossa vida e a nossa morte ».

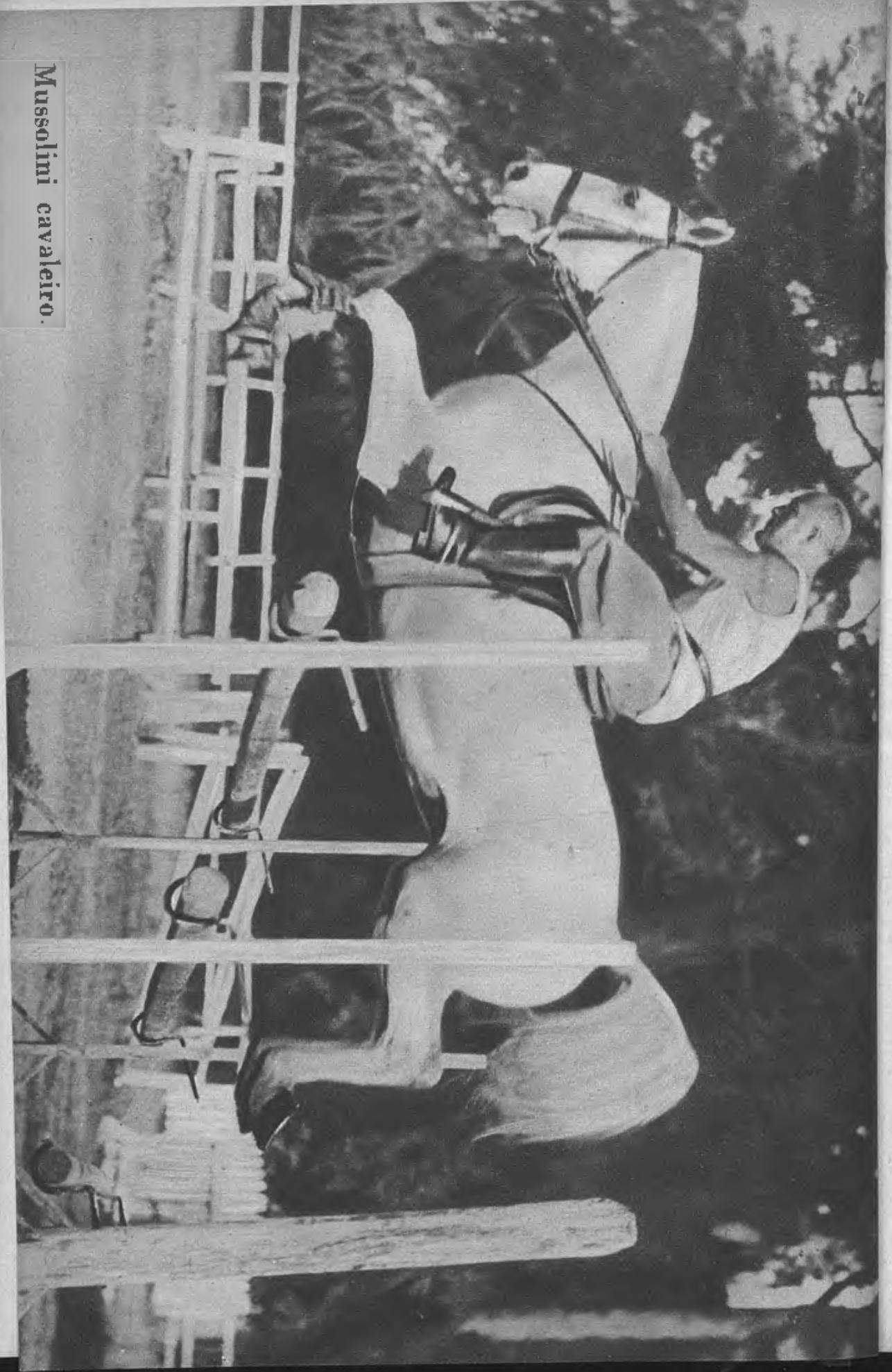
#### *Nosso duce espiritual.*

Mussolini quis partir como voluntário, mas o seu pedido foi recusado devido a já ter sido prevista a mobilização da sua classe. Foi chamado em fins de agosto, depois de alguns meses de impaciente espera pois que ele sentia um fortíssimo desejo de tomar parte no sacrifício que havia reclamado. E

Mussolini e os Quadrupniros na reunião de Nápoles, em 1922.



Mussolini cavaleiro.



voltou simples soldado do 11º Bersalhiere. Partindo, disse aos poucos redactores do « Popolo d'Italia »: « Devemos proteger nossas costas. Estejamos alerta! ». E aqueles que lhe aconselhavam não se expôr demasiado aos perigos, pelas suas crianças, replicava: « Não faz mal; justamente porque tenho filhos, posso morrer. É este pensamento que me dá maior tranquilidade: sou continuado ». « Pelo que me respeita, não tenho preocupações pessoais. Estou pronto a tudo ».

Partiu para as trincheiras e passou por Tolmezzo pela zona onde fora professor; uma mulher que o reconheceu, ofereceu-lhe hospitalidade, que recusou dizendo: « Sou um soldado como os outros », e foi dormir com os companheiros numa igreja.

Recebeu o batismo do fogo em 17 de setembro, no legendario Monte Negro a 1270 metros de altura. Depois do primeiro bombardeamento, um bersalhiere aproximou-se e disse-lhe em nome dos outros: « Senhor Mussolini, admiramos o seu espírito e a maneira como nos conduziu de baixo das granadas, desejaríamos ser comandados pelo senhor ». Mas o futuro Marechal do Império não era graduado na ierarquia militar e no seu « Diario de guerra » limitou-se a comentar: « Sancta simplicitas ». Em pouco tempo, espalhou-se nas trincheiras a noticia da presença do chefe intervencionista nas linhas de fogo. Camaradas e oficiais quiseram conhecê-lo tratando-o logo confidencialmente e os pobres soldados pediam para que ele escrevesse suas carta. Mussolini compriu escrupulosamente seu de-

ver, tomando parte em arriscados serviços e em perigosíssimas « corveés ». Só uma vez, recusou com orgulho a uma ordem do seu coronel que o convidara para no Comando assumir as funções de escritão. Respondeu-lhe: « Prefiro ficar com os meus companheiros de trincheira... ». Em 17 de outubro um projectil austriaco de 280, explodiu a três metros de distância, sem antigi-lo; foi um daqueles casos providenciais que muitas vezes se repetiram na sua vida. Foi promovido a cabo por mérito de guerra, ou melhor, « pela sua exemplar actividade, e pela serenidade de espírito. Sempre primeiro em todas as empresas que exigiam trabalho e ousadia. Desprezando as comodidades, foi sempre escrupuloso cumpridor dos seus deveres ».

Mais tarde foi sargento. E depois de alguns anos, chefe de um exercito composto de trezentas mil Camisas Pretas, Ministro da Guerra, Comandante Geral da Milicia, Primeiro Marechal do Império. Contudo, em novembro de 1915 não lhe fora permitido tomar parte num curso de aspirantes oficiais porque o famoso revolucionário era suspeito, ainda que expoente do intervencionismo e óptimo soldado. Voltou sem rancor, calmamente junto aos velhos companheiros do 11º Bersalhiere.

Mas nas cidades, os neutralistas não se conformavam com a derrota e reapareceram como emboscados. Aconteceram coisas absurdas: Para vingar o neutralismo, um síndico socialista do Veneto, teve a pouca vergonha de instigar um seu partidário, bersalhiere no front, induzindo-o a matar o chefe dos intervencionistas que cumpria o seu dever despre-

zando a morte. Mas o bersalhiere em vez de seguir o infame conselho apressou-se a mostrar a carta á vítima designada. Mussolini exercia uma grande fascinação sobre os espíritos, e os animava principalmente nos momentos de perigo. Naquela ocasião, Filipe Corridoni, na véspera da sua morte heroica no assalto á trincheira das Frasche escreveu ao companheiro dos dias radiosos de maio: « Querido Benito, enquanto estamos á espera de ordens para a partida, os nossos mais puros pensamentos dedicamos a ti, nosso duce espiritual, nosso amado companheiro ».

Pela segunda vez, chamavam-no com o apelativo destinado a ser repetido mais tarde, por milhões de homens, de todo o mundo.

### Sangue á Patria.

Nas suas recordações de guerra, Ardengo Soffici, narra: « Eu vi Benito Mussolini nas zonas onde os homens morriam pela Patria. Numa noite de chuva, de vento e de fogo, ao pé do massigo de Rombon na bacia de Plezzo, apareceu-me a sua robusta figura á luz do bivaque; seus olhos cintilantes e vivos brilhavam á luz rubra da chama crepitante da fogueira resinosa. A sua voz forte, metálica, mesclava-se com o estalar da chuva, o estampido do trovão e as descargas da fuzilaria. Houve um silêncio e exclamou: « Porca guerra! ». E continuou a falar; as palavras saiam da boca com o mesmo ritmo da metralhadora; o seu gesto cortava a atmosfera cheia de fumo.... E deante dos nossos olhos iam

tornando corpo as visões que êle plasmava. A pátria, o dever, o sacrifício, o lar, o campo de batalha, a morte.... Antes de deixar o bivaque perguntei quem era e disseram-me: « É Mussolini ». Recomeçámos a ascensão, a mochila mais pesada, que o nosso cançâo, pareceu-me mais leve e a su-  
bida menos escabrosa. Precedia-nos a Fé ».

Em 1916, o batalhão de Mussolini tinha sido deslocado para a Carnia a mais de mil metros de altura. Os bersalhieri combateram naquelas alturas ao lado dos alpinos contra o inimigo, o frio e a neve. Nos intervalos, entre as acções de guerra e os serviços comandados, Mussolini continuava seu diário destinado aos leitores do « Popolo d'Italia ». Leu obras de Mazzini, e tomou nota de passagens salientes como a seguinte: « As grandes coisas não se realizam com protocolos, mas advinhando o proprio seculo ». « O segredo da força está na vontade ».

Apesar de metido no meio dos montes a 20 graus abaixo de zero, mantinha-se em contacto com a vida do País. A sua aguda sensibilidade advertiu-lhe que a orientação da guerra era deficiente devido aos erros do Comando e á fraqueza do governo. Em novembro mandou um artigo ao « Popolo d'Italia » para advertir o Ministro do Interior: « Onorevole Orlando, estamos em guerra: é uma guerra que destroi centenas de milhares de vidas humanas, guerra em que a Itália sacrificou todos seus recursos. É necessário vencer, para a vida da Nação e para a liberdade dos povos. É necessário vencer e para isso carecemos da mais completa disci-

plina; é um crime atentar contra a resistencia moral e deixar que este atentado se cumpra ». « Nenhuma piedade pelo soldado que foge deante do inimigo; não pode haver piedade para aqueles que tentam apunhalar nos flancos, a Nação armada ». « Perto do Capitolio, senhor Orlando, está a Rocha Tarpeia ». Comtudo o mal se agravou diminuindo o espirito dos combatentes e a resistencia do País.

Passando da Carnia ao Carso em principios de 1917, Mussolini imprecava contra o « governo da impotencia nacional » ao mesmo tempo que, uma frase nefasta e vil ia ser lancada na Camara pelos socialistas, para enfraquecer a resistencia do soldado: « No proximo inverno, adeus trincheiras ». Corridoni caira victima do seu dever de soldado; Cesar Battisti e Nazario Sauro tinham sido decapitados Numa tarde de 23 fevereiro de 1917, um grupo de bersaglieri exercitava-se em tiros de adextamento, nas proximidades de Doherdó. « Senhor tenente — advertiu Mussolini — basta; esta é a segunda caixa de munições que esvaziamos ». Mas o oficial insistiu para que continuassem e foi uma carnificina. Um projectil explodiu no lança-bombas e cinco soldados ficaram estraçalhados, Mussolini que manobrava a arma, foi investido, pelos estilhaços e atirado ao longe. Os sobreviventes acorreram e transportaram-no desfalecido para a igreja de Doherdó onde receberam os primeiros cuidados. Foi depois para o hospital de campo de Ronchi, onde impressionou os proprios medicos: o brilho de seus olhos e a barba negra, contrastava com a palidez do seu rosto. Fixava os que o rodeavam, silen-

cioso e duro no esforço de suportar estoicamente as dores atrozes. Tinha mais de 40° de febre, quando lhe extraíram da perna crivada por 42 feridas, os estilhaços do projectil. Fixava o bisturi que lhe penetrava na carne, apertando com força os maxilares para não gritar. Infecções, queimaduras, supurações, delírio, tudo ele suportou sem narcotico. Enquanto, no hospital se espalhava a notícia de que ele tinha sido ferido — tragica desmentida á voz difundida pelos neutralistas que Mussolini se emboscara — em Milão consideraram-no morto, até que Sandro Giuliani, redactor mobilizado do « Popolo d'Italia » foi visita-lo e recebeu esta declaração: « Orgulho-me de ter derramado meu sangue cumprindo o meu dever, a caminho de Trieste ».

Na manhã de 7 de março o Rei Soldado, foi visitar o hospital. O capitão medico Piccagnoni indicou ao Soberano o leito de Mussolini. Foi o primeiro encontro entre os dois homens do futuro Império. « Como vae Mussolini? ». « Assim, assim, Magestade ». « Ha dias o general M. falou-me muito bem do senhor.... ». « Procurei sempre cumprir o meu dever com disciplina, como todo o soldado: o general é muito amavel ». « Bravo Mussolini — interrompeu o Rei — suportaes com resignação a imobilidade e o sofrimento ». « Muito obrigado, Magestade ».

### *Nós, os sobreviventes.*

Onze dias depois, a artilharia austriaca bombardeou o hospital, apesar dos sinais da Cruz Vermelha, com o evidente proposito de ferir o destemido interventionista, o temivel homem politico ai abrigado. Os projectis atingiram o edificio provocando o panico entre os feridos. Foi « a cêna mais terrivel da minha vida — escreveu Mussolini — um verdadeiro inferno ». Não estando em condicões de ser transportado como os outros teve de esperar inerte os golpes que podiam massacra-lo .« Todos os meus companheiros de sofrimento tiveram alta — escreveu no Diario — no hospital só ficaram os medicos, o capelão, os enfermeiros. O unico ferido sou eu. Reina um grande silêncio no crepúsculo.... ».

Só em 2 de abril, conseguiu ser transportado para Milão; teve demorada convalescência e logo que poude andar apoiado á muleta, recomeçou a trabalhar. A sua nova actividade foi dominada pela clara sensação de um perigo que ameacava a Itália. Reagiu, encorajou, denunciou tempestivamente, mas em vão: o governo permanecia surdo, inerte. Enquanto o bersalhiere combatia no « front », os males haviam crescido no interior provocados pela cumplicidade do ambiente parlamentar neutralista, dos subversivos e dos especuladores morais e materiais, do sacrificio dos combatentes.

Durante o verão de 1917, uma ofensiva italiana para além do Isonzo, obteve sucesso no planalto da Bainsizza. Mussolini aproveitou logo da ocasião

propicia para incitar os responsaveis: « As cronicas militares registram um desbaratamento total do front, uma manobra que deu á guerra seu caracter fundamentalmente dinamico ». « Senhores do governo chegou a hora. Deixaes de lado as praticas da administracão ordinaria. Esquecei de ser Ministros. Esquecei Montecitorio e suas miserias ». Mas apercebeu-se de estar falando com surdos: « É um discurso inutil, os nossos governantes não guiam. deixam-se guiar. Não são missionarios, são funcionarios. Destruiram o imenso patrimonio espiritual de maio de 1915; destruirão o de agosto de 1917 ». E assim foi, enquanto alguns delegados russos propagandistas do bolchevismo e da revolta, andavam pela Italia evenenando o espirito do povo e provocando motins como sucedeu em Turim.

Veiu então Caporetto: um insucesso parcial, agravado por alguns erros, pelo cançao dos soldados e pela desmoralizacão do País, que se resolven na queda de um inteiro sector com o aumentar dos profugos civis e dos soldados dispersados pelas retrovias. « Frente ao inimigo! » — gritou o animador — « Não é já a hora dos contrastes ». O Rei disse num proclama: « Cidadãos e soldados, sede um unico exercito ». E o revolucionario continuou dizendo que já não se podiam admitir duas disciplinas diversas para os soldados e para os cidadãos; não era lícito acusar e calumniar o heroico soldado italiano, ferido pelo subversivismo interno.

Detida a marcha do inimigo, no Piave e no Grappa, Mussolini ainda convalescente multiplicou seus artigos e arrastou-se pelas praças e nos tea-

etros desencadeando a paixão pela vitória. A quem o visitava no « antro » do seu jornal, Mussolini preanunciava uma grande batalha decisiva na planície Veneta, batalha que « expulsará o inimigo da terra italiana ». E saudou o ano de 1918, com estas palavras: « Ha quem se sinta gelar, deante do desconhecido custodiado misteriosamente no seio do futuro; ha quem va de encontro ao desconhecido, com espírito juvenil de aventura ». Em 24 de fevereiro, falou em Roma, no Augusteo: « Eu peço homens ferozes. Peço un homem feroz que possua a energia de reorganizar, a inflexibilidade de punir, de ferir sem exitar, tanto mais quanto mais alto for o culpado ». O homem invocado era ele, ainda longe do governo. E concluia: « A pátria não se nega, conquista-se ». « A Itália não pode morrer porque é imortal ! ». A desgraça exaltara-lhe a fé, excitara-lhe as energias, alias, como todas as vezes em que sua vida encontrava-se em grandes dificuldades. E abandonava-se á onda do seu amor de pátria: « O prazer de reencontrar a Itália — a mãe que nunca fora renegada mas apenas um tanto esquecida, para seguir com a ingenuidade da mocidade os roseos fantasmas do cosmopolitismo proletário — era tão profundo, que a miseria dos homens e das coisas não conseguiam perturba-lo ».

Por ocasião do aniversário da intervenção, falou em Bolonha perante os mutilados de guerra, afirmando os direitos do combatente: « Nós, os sobreviventes reivindicamos o direito de governar a Itália não com o objectivo de faze-la cair na dis-

solução e na desordem, mas de orienta-la para mais altos destinos; para torna-la no pensamento e nas obras digna de estar ao lado das grandes nações que constituirão a directriz da futura civilização do mundo ». Já estava certo da vitoria, era mister pensar no segundo acto: a revolução.

### *Defenderemos os mortos.*

A intuição estratégica de Mussolini realizou-se em outubro, com a contribuição dos mais moços que combateram ao lado dos veteranos do Isonzo para rechassar o ultimo esforço austriaco no alto do Montello, atravessar o Piave e apressar a redenção de Trento e Trieste. Chegara finalmente o fulgido boletim da vitoria e o armistício, prelúdio do final da guerra em todos os frontes.

Naqueles dias de indescritível orgasmo, Mussolini exaltou o evento que a Itália de ha séculos não conhecia igual. « Chegara a grande hora! A hora de jubilo, quando o tumulto das emoções parece fazer cessar o pulsar do coração. A intensa paixão coroada enfim pelo sucesso, arranca lagrimas de alegria aos olhos que muito viram e muito choraram ».

Mas muito ainda havia de se ver e de chorar, porque os governantes italianos não estavam na altura da sua missão. Não souberam explorar a vitoria nas conferências internacionais e foram batidos em Versailles, como se representassem uma nação derrotada e não uma nação vitoriosa. O utopismo de Wilson, a habilidade de Lloyd George a intransi-

gência de Clemenceau, fizeram bloco contra Orlando e Sonnino provocando a decepção dos italianos que esperavam os frutos do grande sacrifício. No interior, o Estado permanecia ausente perante os problemas da desmobilização e da reconstrução social, o mundo parlamentar voltava a prevalecer com a mesquinhez de suas intrigas, e a deficiência de seus homens; os neutralistas preparavam-se para a desforra, os socialistas para o proximo triunfo. Os que haviam combatido arriscando durante quatro anos a vida nas trincheiras, tiveram de regressar aos seus lares sem um premio nem moral nem material, e retomar a vida burguesa entre humilhações e mil dificuldades. A crise económica agravou o desequilíbrio geral. Nenhuma promessa foi cumprida. O resultado da guerra apareceu negativo numa atmosfera opaca e pesada, enquanto em París os Aliados celebravam a vitória.

Com tudo Mussolini, através da sua fé, via muito longe. Ainda durante a guerra escrevera a um amigo: « Um erro de cálculo ilude os neutralistas, os quais, pensam que, os que realmente tomaram parte na guerra, isto é dois ou três milhões de italianos, possam depois cuspir na guerra que combateram. Veremos ressurgir com entusiasmo garibaldino a sociedade dos combatentes das gloriosas batalhas. A futura Itália será governada pelos que tudo deram á guerra! ».

Lancou-se novamente á luta com o seu jornal não mais « quotidiano socialista » mas orgão dos combatentes produtores. Em 20 de dezembro de

1918, comemorou Oberdan em Trieste e depois em Fiume e acabou dizendo que a cidade disputada, seria de qualquer forma italiana. Em janeiro de 1919, pediu a Gabriele d'Annunzio um artigo para o « Popolo d'Italia » e uma noite se opôs a Bissoni que queria pronunciar um discurso renunciatório no teatro Scala assim como se opuzera ao reformismo doutrinário do mesmo, no congresso socialista realizado em Reggio Emilia.

A medida que a onda anarquica ia crescendo, Mussolini reagia com violência, combatendo os adversários, com uma temerariedade admirável, arriscando quotidianamente a própria vida. Poucos adeptos lhe ficaram ao lado no « antro » do « Popolo d'Itália »: intrepidos futuristas, combatentes que se entrincheiravam, defendendo-se com armas e bombas ostentadas ou escondidas. Entre um artigo e uma notícia, os redactores exercitavam-se aos tiros, e viviam como podiam repartindo as poucas liras de que dispunham os administradores da pobreza comum: Arnaldo Mussolini e Manlio Morganagni. Enquanto aumentava o numero das greves, Mussolini dizia: « Ha três anos que proclamamos a necessidade de dar um valor social interno á guerra, não só para recompensar as massas que defenderam a Nação, mas para liga-las no futuro, á Nação e á sua prosperidade ». Aos operários metalúrgicos de Dalmine, que confiavam em Mussolini, afim de obter certas reivindicações sindicais, expôz os conceitos que constituiram mais tarde o prelúdio dos conceitos do futuro sindicalismo fascista: « Vós não sois os pobres, os humildes, os

desprezados segundo a antiga retórica do socialismo literário; Vós sois os produtores e nesta reivindicada qualidade, reivindicareis o direito de tratar de igual para igual, os industriais ».

Se o governo de Nitti amnistiava os desertores, se os bolchevistas praguejavam contra o tricolor, feriam os oficiais e ofendiam a memória dos mortos, Benito Mussolini, superando o clamor dos renegados gritava: « Não temeis, espíritos gloriosos. Se reis defendidos, Defenderemos os mortos. Todos, sem exceção de nenhum, ainda que tenhamos de abrir trincheiras pelas praças e pelas ruas das cidades ».

### *Tenho uma bussola que me orienta.*

O « Popolo d'Italia » era o refúgio de todos os que se revoltavam à besta triunfante, era a fortaleza dos destemidos, dos que encerravam no coração uma nova fé. Era o centro dos voluntários da guerra civil que ameaçava a Itália. Mussolini lá vivia sem horário para trabalhar, recebendo todos no seu acanhado cubículo, repleto de livros, jornais, velhas armas e bombas. Trabalhava, distribuía as últimas liras aos combatentes desocupados, discutia ou ficava a meditar no meio do vozerio dos redactores, chefiados por Miguel Bianchi. Na sua porta lia-se o aviso: « Quem entra me honra. Quem não entra me faz prazer ». E nas salas da redacção havia um outro aviso: « Os senhores redactores, façam o favor, de não sairem antes de terem entrado ». Ali dentro o movimento era intenso, enquan-

to fóra pelas ruas e pelas praças de Milão, as multidões socialistas tumultuavam ameaçadoras, tentando o assalto ao ultimo nucleo de resistencia. Não ousaram, porem. Numa ocasião, talvez das mais perigosas, Orlando Danese estava no « Popolo d'Itália » quando de fóra se ouviu gritar: A morte Mussolini! Viva a Russia! « Dizem que Mussolini poucos antes de bater-se em duelo e logo após, conservava um pulso inalteravel; não me lembro de ter tomado o pulso de Mussolini, mas posso afirmar que pela expressão da sua fisionomia pelo seu sorriso feroz — não saberia defini-lo de outra forma — pelos seus olhos, pela sua atitude, nessa ocasião, o pulso de Mussolini manteve-se mais do que nunca inalteravel. Estava sentado á mesa de trabalho, numa pequena sala, sem ornamentos, apenas um mapa da Italia na parede com uma bandeirinha tricolor colocada no ponto de Fiume. Sobre a mesa um grande copo de leite que de quando em quando ele mexia com uma colher, e uma pistola de grandes proporções, que junto ao copo fazia um interessante contraste. O clamor da multidão crescia, entremeado pelo toque da policia e pelos tiros de mosquetes. Mussolini, agitando o leite dizia-me: « Berram gritam, fazem uma algazarra infernal, mas, se lhes arrancais as gravatas e as bandeiras, nada mais são do que uma manada de idiotas. E não pensais que eles venham até cá, consideram-me como morto, mas.... sahem que se ousam atentar á minha vida, com esta pistola dois pelo menos eu posso aterrarr. E podeis estar certo que em Milão, não ha um heroi que saiba enfrentar o perigo. Por isso.... torno



leite ». E apesar de tudo, nesse mesmo dia, comemorando os garibaldinos mortos nas Argonne, declarava: « Confio no povo italiano, nas suas virtudes de raça e nas suas obras futuras ». « Nos somos os combatentes á sombra meridiana, certos porém, de que ha de voltar a aurora luminosa ».

Para acelerar os tempos do renascimento, quando parecia um absurdo esperar nêle, Mussolini decidiu reunir as poucas forças isoladas num unico grupo. Em 23 de março de 1919, fundou os Fascios de Combate: não era um partido mas uma exigua fileira de pioneiros provenientes das diversas correntes politicas, unida pelo desejo comum de reagir contra o desmoronamento, preferindo a acção aos poucos principios ideais e programaticos enunciados nessa primeira reunião. Os Fascios de Combate tiveram em relação á Revolução a mesma missão que tiveram em relação á guerra, os Fascios de acção revolucionaria. Com os novos Fascios, Mussolini continuava si mesmo.

Os primeiros sequazes, foram poucos corajosos: o ambiente dominado pelo terror vermelho não favorecia naturalmente o proselitismo como não o favoreciam os jornais, liberais e conservadores que quasi ostentaram ignorar o movimento, talvez prevenido que êle não teria defendido interesses capitalistas e burgueses, embora colocando-se contra o comunismo.

A primeira batalha se desencadeou em 15 de abril, quando uma massa ameaçadora de cem mil vermelhos, se reuniu na Arena e exaltada com os discursos dos chefes, invadiu a praça do Duomo.

Na via Mercanti a multidão foi enfrentada por um punhado de intrepidos, oficiais, estudantes, fascistas e futuristas conduzidos por Ferruccio Vecchi, Marinetti e Chiesa.

David abateu Golias, entre bombas que explodiam, tiros de pistola; foi uma debandada geral. A tarde, o centro de Milão livrara-se do pesadouro, e a sede do « *Avanti!* » estava em chamas. A primeira batalha prevista e desejada numa reunião havida na véspera no « *Popolo d'Itália* » estava vencida. Mas a guerra civil apenas começava. Os vencidos quiseram reagir e Mussolini não se subtraiia à responsabilidade: « Não temo as palavras.... Tenho uma bussola que me orienta. Tudo o que pode engrandecer o povo italiano tem meu apoio e, vice-versa, o que tende a diminui-lo, a embaraçá-lo e a empobrece-lo tem em mim um adversário ».

#### *A ultima detenção.*

Apesar da luta se tornar cada vez mais encarniçada e de todos os dias sua vida correr perigo, Mussolini percorria a cidade sem medo algum. Saia do jornal muito tarde, depois da impaginação e encaminhava-se para sua casa que ficava muito longe, forçando os amigos a deixá-lo sózinho, para que não corressem riscos por sua causa. E não se ocupava unicamente da luta interna, os problemas políticos do momento, inclusive os estrangeiros, chamavam sua atenção. Em 22 de maio, voltou a Fiume para falar no Teatro Verdi contra Wilson e Versailles. Fez previsões que foram além do que

Mussolini « skyador ».



L  
e  
a  
·  
s  
-  
d  
-  
e  
  
·  
t  
o  
o  
a  
s  
s,  
a  
n  
te



Mussolini aviador.

se esperava; segundo o seu intuito antecipador ilustrou as necessidades mediterrâneas da Itália, prospectou o imperativo de ser fortes no mar, falou da África. Exaltou a tal ponto o auditorio, que logo depois Host Venturi pôde convocar a mocidade de Fiume no campo de Marte e formar o Batalhão de voluntários, que foi protagonista de todos os acontecimentos sucessivos.

Embora na Itália, o marasmo, as convulsões, as greves, os conflitos, a desordem bolchevista continuavam até a extrema abjeção e uma angustia mortal tornava o futuro duvidoso, mesmo assim Mussolini mantinha-se firme no seu jornal durante todo o verão, até quando D'Annunzio marchava de Ronchi a Fiume para salvar a cidade que o governo de Nitti quasi abandonara á cubica dos Aliados. Desde esse dia Mussolini apoiou a empresa de D'Annunzio e escreveu artigos poderosos e eficientes contra o miserável chefe de governo que denominava os legionários, desertores. A censura não conseguiu sufocar a voz do jornalista, nem pôde impedir que apoiando-se no nascente espirito nacional, o pauperrimo « Popolo d'Itália » obtivesse mais de três milhões numa subscrição destinada a alimentar a empresa de Fiume. O governo não pôde impedir que Mussolini voltasse pela terceira vez a Fiume a 6 de outubro de 1919, em avião, apesar dos vôos serem proibidos. Depois de um coloquio com o Comandante, a volta foi obstaculada no céu de Istria por uma violenta hora, e o avião viu-se forçado a descer no campo de Aiello onde Mussolini saltou apenas em tempo de permitir

ao piloto de largar o vôo, no meio da surpresa dos oficiais e dos soldados que acorreram e de um carabinieri que continuava a gritar para o aeroplano: « Para, para! ». Mussolini foi preso e conduzido a Udine, mas foi solto logo depois, por intermédio do General Badoglio. Daí, foi á Florença onde o esperavam os camaradas reunidos para o primeiro congresso dos Fascios de Combate. Contou a burla e presidiu aos trabalhos exaltando o gesto do Comandante. Nesse mesmo dia foi visto num restaurant por uns exaltados vermelhos e como estava só, assumiram ares provocadores, mas logo que viram que Mussolini tirava do bolso um enorme revolver, debandaram, enquanto lhes dizia: « Ao primeiro que por aqui passar, atiro ».

A situação peiorou, tornando-se cada vez mais sombria e pesada, até novembro, época em que se realizaram as eleições organizadas pelo governo contra a empreza de Fiume. Mussolini quis tomar parte na luta com alguns destemidos apesar das poucas esperanças de sucesso. De facto, os candidatos fascistas foram derrotados: obtiveram apenas quatro mil votos. No entanto, tinham conseguido falar nas praças de Milão, sem que os adversários ousassem perturbar seus comícios que á noite á luz das tochas, pareciam reuniões de conjurados.

À derrota eleitoral seguiram-se dias trágicos. Tudo parecia perdido: as fileiras dos fieis desorganizadas, os comunistas senhores da grande cidade celebravam a vitória com simbólicos funerais dos derrotados. E « l'Avanti! » publicou um sarcástico artigo sobre a morte política de Mussolini di-

zendo que o seu cadáver tinha sido pescado nas águas do « Naviglio ». Finalmente o governo para angariar a simpatia de centenas de socialistas e de populares eleitos na Câmara, teve o gesto servil de mandar prender o fundador dos Fascios de Combate. Com essa detenção parecia chegar ao auge a agonia das forças sãs. « Reconhecendo a aflição dos seus companheiros — lembra Mussolini — e as duvidas de outros que estavam ao meu serviço, reputei necessário reanimar as minhas esperanças e vigiar pela minha segurança. Não temais. A Itália em breve ficará curada desta molestia que sem a nossa vigilância poderia ser-lhe fatal. Resisteremos. Resistir! Creio: certamente daqui há dois anos será a minha vez! ».

### *Porque o perdestes?*

Certa ocasião tendo ido com seu irmão Arnaldo, ao Correio para receber um dinheiro, os empregados mostraram-se arrogantes, fingiram não reconhecer-lo e com atitude provocadora iam repetindo: « Benito Mussolini? Quem o conhece? », até que um antigo funcionário, interveiu, exclamando: « Paguem o vale. Não sejam imbecis! O nome de Mussolini não é conhecido somente aqui, mas tornar-se-á famoso e será julgado pelo mundo inteiro ».

Comtudo, no fundo de tanto amargor e de tanta miseria moral, o espírito do lutador previa claramente a vitória futura. Aos jornais de todas as tintas que fingiam ignorar o movimento fascista,

disse com firmeza: « Falareis um dia do Fascismo! ». No começo de 1920, quasi em soliloquio insistia: « Navigare necesse. Mesmo contra a corrente. Mesmo contra o rebanho. Mesmo se o naufragio espera os guias solitarios e orgulhosos da nossa heresia ».

Um dia, estava á espera de um amigo num café da Galeria, quando foi reconhecido e ameaçado por um grupo de energumenos. O proprietario do local, preocupado com a sua casa, em vez de defender o cliente pediu-lhe para que se retirasse. De facto assim fez, enrijecido numa atitude de defesa pronto para se defender contra todos. No mesmo instante os canalhas amedrontados retiraram-se, limitando-se a lançar de longe improprios, enquanto Mussolini se afastava incolum. Resistiu a todas as ameaças, impediu o dispersar-se dos fieis, reagiu contra o abandono de alguns amigos, que se tornaram seus inimigos e acusadores. Venceu porém, depois de um inquerito organizado pela Associação de imprensa, pela correção pessoal que a cada instante da sua vida, o tornava imune dos ataques morais. Continuou a incitar os camaradas, a reunir as fileiras dispersas. Mesmo no momento em que as esperanças pareciam absurdas, nas primeiras reuniões fascistas ele insistia: « Daqui ha algum tempo a psicologia do povo será outra, e grande parte do povo italiano, reconhecerá o valor moral e material da vitoria. O povo honrará seus combatentes e combaterá os governos que não quiserem garantir o futuro da Nação ». E em setembro do mesmo ano, exaltou em Trieste o sonho

de um renovado Império de Roma: do Império que ele mesmo realizou dezasseis anos depois.

Os comunistas italianos que o insultavam sem cessar nos jornais e nos discursos mandaram seus delegados para visitar as maravilhas da terra de Lenin, sem terem ficado, para dizer a verdade, muito entusiasmados. Ficaram porém surpreendidos quando ouviram o próprio Lenin dizer, referindo-se a Mussolini: « Porque o perdestes? É uma pena! Era um homem decidido e vos teria conduzido à vitória ». Como se não bastasse, Trotzsky, acrescentava: « Perderam a única cartada seria; o único homem que teria podido fazer uma revolução de verdade... ».

Em 1920, ano peior do nosso após guerra, ao triste espetáculo da orgia social-comunista, alinhavada pelas desordens quotidianas, pelas greves continuas nos serviços públicos, pelos assassinatos, pelas grosseiras offensas ao Exército e aos oficiais, acrescentava-se a obra deleteria do governo de Nitti que em Roma ordenou a fusilaria contra os profugos dalmatas, mulheres e estudantes, durante uma demonstração. Depois desse massacre o Senado reagiu com energico protesto promovido e assinado pelos vencedores da guerra: general Diaz e almirante Thaon de Revel. O sucessivo governo de Giolitti ordenou a evacuação da Albânia, fez ocupar as fábricas e depois da assinatura do tratado de Rapalo com a Yugo-Slavia e mandou atacar D'Annunzio, afim de expulsa-lo de Fiume. Um vento de decadência soprava sobre a Itália. E a morte posse em tocaia contra os fascistas. Nitti

destruira a aviação militar: alguns corajosos durante um vôo de propaganda em prol da aviação civil, caiam do céu de Verona. Após o congresso de Florença, Mussolini voltando de auto pela via Emilia, ia de encontro á porteira de uma passagem do caminho de ferro perto de Faenza sendo atirado fóra do carro. Ainda uma vez ficara ileso.

Voltou a Milão onde se lançou á luta mais desesperadamente do que nunca. Mas no fim do ano o seu exemplo corajoso e o dos poucos que ainda lhe ficaram ao lado, começou a dar frutos: as esquadras de ação dos Fascios de Combate reagiram contra as incessantes provocações dos vermelhos, puniram com violência os inspiradores das greves, armaram-se e organizaram-se militarmente. A roda da história italiana recomeçou a girar, antes devagar e aos poucos o ritmo foi-se tornando mais acelerado até a reviravolta da situação.

### Governar a Nação.

Mussolini viu que antes de prover aos interesses italianos comprometidos pelo governo no campo internacional, carecia impor a ordem e a disciplina no interior e conquistar o poder com forças organizadas. Recusou tentar uma insurreição que projectara e discutira com D'Annunzio durante a empresa de Fiume e que devia concluir com uma marcha sobre Roma. A tentativa teria gorado, e alem disso, teria prejudicado o futuro. Mais tarde, num discurso pronunciado em Trieste motivou sua conduta dizendo que, depois da assinatura do tra-

# Il Popolo d'Italia

— QUOTIDIANO —

MONDADORI - BENTIVOGLO - MILANO -

DIREZIONE

TELEFONO 21.200  
INTERFONICO 21.200

Editoriale  
di Guido De Mattei

Pregiudiziale

- 9º Agosto/1920. Continua a ultima edição da carta  
a Agostini um novo magistral problema  
adivito. Ahmed pôde aparecer como um  
gênio e resolteu all'aperto vários de mechânicos.  
Mas um gênio entre os filhos, quando, ha-  
temos  
1º Occupação e manutenção da ocupação na  
terras renegociadas  
2º Onde proteger laboratori a Roma, a Belgrado,  
a Londres  
3º Marcha na Roma

No outono de 1920, Mussolini traçou um plano de ação em três fases sucessivas que dava concluir-se numa marcha sobre Roma. O texto demonstra claramente a especial situação desse momento. Damos aqui a sua transcrição: « Pregiudiziale. O golpe do Estado deve estar em relação da causa e efeito, com uma solução « isóqua » do problema aditivo, se contrário, poderia parecer uma espécie de resposta ao violento movimento dos metalúrgicos. Observa-se as manobras da imprensa renegociadora a ver-se-á que é impossível. Verificam-se portanto, três tempos: 1º Ocupação ou manutenção da ocupação nas territórios renegociados; 2º Agredir e obter a atitude de Roma que poderia aplicar o Tratado de Londres, de Belgrado, de Londres; 3º Marcha sobre Roma ».

lado de Rapalo « podia-se anula-lo com um dos meios seguintes: uma guerra com o estrangeiro, ou uma revolução interna. Tanto um como o outro inteiramente absurdos. Não se levanta um povo contra um tratado de paz depois de cinco anos de calvario sangrento. Ninguem é capaz de operar tais prodigios! ». A noção da realidade nunca o abandonou. « Alguem me reprovou não ter feito aquela pequenina coisa, leve, facil e graciosa que se chama revolução. Uma revolução antes de tudo deve possuir uma alma propria, claramente definida; só com ideas claras, se conquistam os povos. Deve ter um objectivo definido, uma linha de programa, que não a faça gorar, no dia seguinte da vitoria, pelas dissidências internas. A revolução não é uma « hoste à surprise » que se abre á vontade. As revoluções fazem-se com o exercito, não contra o exercito; com as armas, não sem armas; com movimentos de divisões enquadradas não com massas amorfas convocadas em comícios de praça. Triunfa quando são circundadas por uma aureola de simpatia por parte da maioria, caso contrario é um fracasso ».

Uma demorada greve, durante o verão de 1920, causara a perda das colheitas na planicie de Padua. A tiranica prepotência das ligas subversivas excitou a reacção fascista que explodiu com violência no inverno. Para libertar os campos e as cidades da opressão bolchevista, os esquadristas assaltaram as camaras do trabalho, e municipais, as sedes socialistas e venceram porque não se deteram deante dos riscos da morte. Muitos morreram durante as acções

punitivas e durante as ciladas organizadas pelos adversários. Em fins de 1920, e inicio de 1921, Bolonha, Ferrara, e Modena foram libertadas do domínio vermelho com generosa contribuição de sangue.

Do seu « antro » milanes, Benito Mussolini comandava e guiava os fascistas com seus artigos quotidianos. No segundo aniversário da fundação dos Fascios, escreveram estas palavras que revelam a sua conciente certeza: « O fascismo é uma grande mobilização de forças materiais e morais. Qual o seu objectivo? Declaramos sem falsas modestias: governar a Nação. Com que programa? Com o programa necessário a assegurar a grandeza moral material do povo italiano ». Exaltou a heroica mocidade reunida em torno aos galhardetes pretos, e traçou em grandes linhas a preparação do futuro governo, quando muitos dos seus sequazes mais entusiastas, mesmo dispostos a sacrificar a vida, sentiam-se incapazes de acreditar num triunfo total. Só ele trazia no seu coração a grande certeza. « No aniversário da fundação — escreveram — curvemo-nos deante dos mortos, e, em pé saudemos os vivos que se reunem em torno das nossas bandeiras. É a melhor mocidade da Itália, a mais saudável a mais destemida. No entanto apoiados em sólidas bases contruia-se o edifício fascista; o trabalho procedia intenso e febril. Uns carregavam pedras, outros as dispunham, outros traçavam os planos. Avante fascistas! Dentro em breve seremos uma só coisa: Fascismo e Itália! ».

As forças da desforra tinham sido lançadas:

esquadristas de todas as proveniencias políticas, reuniam-se nas sedes dos Fascios para organizar-se e operar, e todos haviam eleito Mussolini como chefe unico. E ele depois dos anos de guerra, depois dos anos sombrios do isolamento apareceu como promotor da nova historia. Dominou os fascistas com o prestigio da personalidade e dos escritos, nas reuniões e através do « Popolo d'Italia ». Os traços da sua fisionomia energica foram estampados nos muros das casas, nas cidades e nos campos. A mesma raiva assassina dos partidos adversarios deu-lhe realce á figura. Todos os dias numerosos esquadristas morriam em defesa da sua doutrina invocando seu nome que já se cantava nos hinos herdados da guerra. No meio de tanta confusão que chegou ao auge com o assassinio de Giovani Berta em Florença, com os massacres dos marinheiros pela furia bestial dos vermelhos em Empoli, com a explosão de uma bomba anarquica fazendo dezenas de victimas no Teatro Diana de Milão, Mussolini esteve sempre presente e dominador; mas nos momentos de calma entregava-se a meditação para calcular com lucido equilibrio as possibilidades concretas e para dar as necessarias directrizes. Tirou o « brevet » de piloto mas num dos seus vôos por uma « panne » do motor o aparelho tombou a 40 metros de altura; Mussolini e o instructor Redaelli ficaram feridos. Foi obrigado a um forçado repouso por algum tempo. Pouco depois, um anarquista de Piombino, foi procura-lo no jornal, para confessar-lhe que tinha recebido o encargo de mata-lo e co-

locou em cima da mesa a pistola que não tinha tido coragem de manejar.

*Inventou alguma coisa.*

Em 3 de abril de 1921, Mussolini voltou á luta; chegou a Bolonha emagrecido pela convalescença com o rosto vencido como o de um asceta; no seu olhar via-se luzir uma expressão quasi dolorosa mas de imperativa firmeza. Seus olhos pareciam-se muito com os de uma conhecida fotografia de Oriani. Revelavam o drama de um homem que está empenhado numa missão e que olha ao seu redor para procurar e medir os outros homens com quem terá que realizar o empreendimento. Quando se apresentou no Teatro Comunal para pronunciar o esperado discurso, perante a massa entusiasta dos esquadristas, tinha já física e espiritualmente a figura do Duce.

Disse que o Fascismo não nascera apenas da sua mente e do seu coração.... Nascera de uma profunda e perene necessidade da raça ariana e mediterrânea que num dado momento se viu ameaçada nas razões essenciais da sua existência por uma tragica loucura ou por uma fabula mitica que hoje se desmoronara no mesmo lugar onde nascera. Sustentou que o Fascismo devia proteger o trabalho e lançou a ideia de celebrar a festa do trabalho italiano, na data romula e romana de 21 de abril.

Ainda uma vez, Jorge Sorel, apesar de já simpatizar com o bolchevismo interpretava a figura de Mussolini: «É tão extraordinário quanto Lenin.

É tambem ele um génio politico, que supera o dos outros politicos actuais.... Já ouvira falar n'ele antes da guerra. Não é um socialista em môlho burgues: ele nunca acreditou no socialismo parlamentar: possui a extraordinaria capacidade de compreender o povo italiano e inventou algo que não se encontra nos livros: a união nacional e social ».

Eis porque, o Fascismo nunca foi reacção, apesar das esperanças que n'ele depositaram a este respeito, as categorias burguesas e capitalistas, não obstante a acusação de « escravismo agrario », que lhe tinha sido lançada no periodo polemico pelos inimigos. Mussolini já muitas vezes dissera que « não se volta a traz », e que concebia a guerra como preludio de uma revolução nacional. Dizia: « Se a burguesia não sabe defender-se, não espere ser defendida por nos. Defendemos a Nação e desejamos a prosperidade moral e material do povo ».

E o povo trabalhador da planicie de Padua, apôs a experiência subversiva intuindo a excelencia da orientação mussoliniana, foi o primeiro a segui-la. Em Bolonha, Mussolini foi recebido como um libertador no meio de delirantes demonstrações de entusiasmo. Em 4 de abril, perante uma multidão composta de rurais em Ferrara, exaltou o mito da revolução simbolizado na idea de Roma, que desde a sua infancia dominava seu espírito: « Roma é o nosso ponto de partida, é o nosso simbolo ou melhor o nosso mito! Nós sonhamos a Itália romana, isto é, tenaz e forte disciplinada e imperial. Grande parte do espírito imortal de Roma ressurge no Fascismo: romano é o Littorio, romano

na a nossa organização de combate, romano o nosso orgulho e a nossa coragem ».

Mussolini já era o Duce da futura Italia, que arrastava os fieis para uma nova vida. Milhões de individuos aderiram á causa fascista: centurias de voluntarios deslocaram-se rapidamente de uma a outra província para abater a resistencia comunista, guiados por chefes destemidos; traziam a camisa negra sob as velhas fardas militares, adoptaram a saudacão á romana, uma atitude, um estilo de vida e de palavra e um rito de carácter místico: ajoelharam-se deante dos sens mortos e acolheram fraternalmente em novas organizações sindicais, os trahalhadores que abandonavam as ligas vermelhas.

Mussolini voltou ainda a Fiume para repetir sua solidariedade aos camaradas que perduravam na tremenda luta, desde o dia do armistício. Em seguida enfrentou as eleições políticas de maio de 1921. Como tinha previsto, dois anos após a derrota de 1919, foi com uma soberba votação eleito deputado em dois colegios, á frente de 35 fascistas que pela primeira vez entravam na Camara e que iniciaram a sua actividade expulsando um tal Missano, deserto eleito pelos comunistas.

O chefe do Fascismo manteve seu centro de actividade no « Popolo d'Italia » e falou na Camara para enfrentar problemas fundamentais sobre politica internacional. O conde Sforza, Ministro das Relações Exteriores foi o primeiro a ser atacado pela sua critica poderosa e caiu junto ao Ministerio de Giolitti.

### *Chefe que dirige.*

Dominar o desenvolvimento do movimento fascista que crescia dia a dia em actividade e força, foi para Mussolini um dos problemas mais graves, principalmente quando o Ministerio Bonomi supôs possivel a repressão da luta interna, com providências da polícia que muitas vezes se resolveram em auxílios aos inimigos do Estado. Em Sarzana e Modena, muitos esquadristas foram assassinados pela força pública e martirizados pelos vermelhos. A crise atingiu um tal ponto de gravidade que induziu Mussolini a promover um concordato para impedir o continuo derrame de sangue. Os socialistas aderiram, não os comunistas: isto tornou inutil a tentativa. Para realiza-la foi necessário Mussolini impor-se aos Camisas Pretas. Desde os tempos das lutas com os republicanos na Romanha, ele dissera, que a violência é necessaria nas extremas circunstâncias desde que seja alimentada por um espírito de sacrifício como finalidade a si própria « Não temos como norma a violência nem é para nos um sistema ou peior uma estética. A violência deve ser generosa, cavalheiresca e cirúrgica ». « Não a pequena violência individual, esporádica, e às vezes inutil, mas sim a grande bela e inevitável violência das horas decisivas. Alias, todas as vezes que na história se determinaram fortes contrastes de interesse e de ideas, é a força que na ultima hora resolve ».

E como em algumas regiões os esquadristas demonstraram querer resistir às suas ordens, dirigiu-se

a êles com firme energia: « Sou um chefe que conduz e não um chefe que se deixa conduzir. Eu vou também e sobretudo contra corrente, não me abandono e vigio sempre, em especial quando o vento variável incha as velas da minha fortuna ».

Mas foi o próprio governo, foram os adversários coalizados a forçar o Fascismo a uma renovaada intransigência. E a luta recomeçou. Nesse meio tempo, Mussolini bateu-se em vários duelos, e preparou o congresso fascista que se realizou em novembro no Augusteo de Roma, num ambiente hostil. Resolveu consolidar o movimento com uma disciplina unitária e apesar de renovadas dissensões, fundou o Partido. Disse: « Cessará o espectáculo do fascista liberal, nacionalista, democrático e popular. Só haverá fascistas ». Decidiu também despersonalizar o Partido da sua influência predominante; exhortou os camaradas: « Fazei do Partido uma direcção colectiva, desconhecei-me e se quizerdes esquecei-me ». O que naturalmente não foi possível nem então, nem depois.

Mussolini era o Chefe da nova Itália. Mesmo assim, foi como simples jornalista assistir à conferência internacional de Cannes, onde entrevistou Briand e em março de 1922, foi à Alemanha onde se encontrou com Stresemann, Wirth e Kuno. Em poucos dias interrogou homens políticos, funcionários de ministérios, ex-combatentes, visitou bairros periféricos, certificou-se da latente reacção alemã em Versailles e suas conclusões previram que o vigoroso renascimento psicológico, económico e militar do povo alemão, não havia de demorar. Mas

com o precipitar dos acontecimentos internos, teve de voltar ao seu País. Os fascistas já eram senhores das praças e dos campos. Ao surgir de novas lutas de partidos demitiu-se como presidente do grupo parlamentar fascista. Imediatamente o grupo votou uma ordem do dia de solidariedade, convocando-o como chefe do Fascismo a retomar o seu posto. Já começava a amadurecer o evento definitivo.

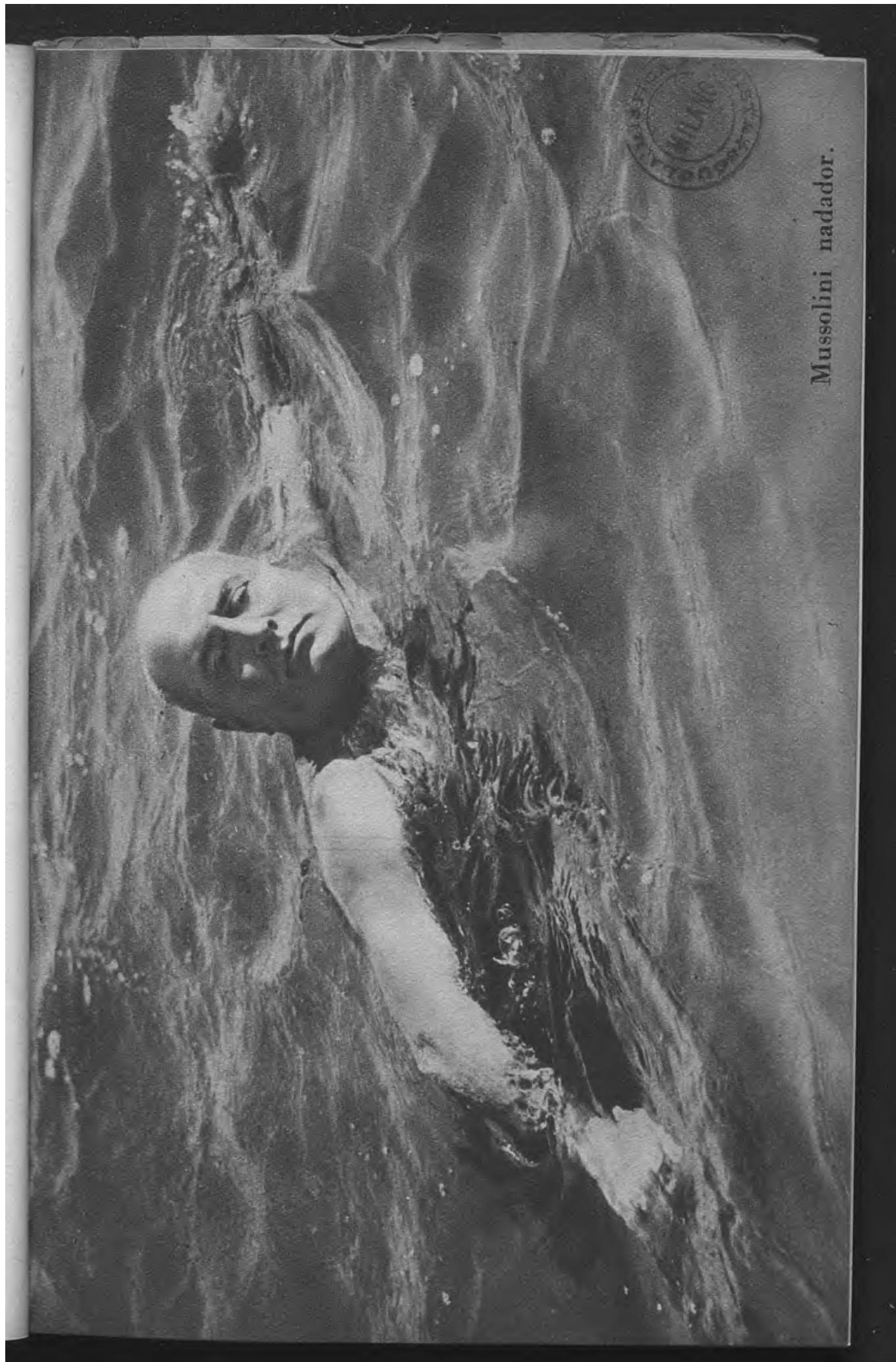
No decorrer da primavera de 1921, em Bolonha Mussolini, dissera: « Esta que realizamos é uma revolução que destroça o Estado bolchevista e espera fazer as contas com o Estado liberal ». Eis o novo objectivo estratégico que se prospectava, pois tanto o governo de Bonomi como o de Facta continuaram a considerar igualmente fóra da lei o Fascismo e o extremismo vermelho, e a ofender as forças nacionais considerando-as á laia das anti-nacionais. Em varias circunstâncias, os funcionários da polícia e os prefeitos das provinciais uniram-se aos subversivos opondo-se aos fascistas, enquanto as velhas categorias burguesas, insinuavam que depois das exemplares punições aos comunistas, o Fascismo devia considerar como terminada a sua missão e devia ceder-lhes o passo afim de restabelecer a antiga situação: absurda pretensão: de gente que não via e não compreendia senão o proprio interesse.

Mussolini inaugurou o ano de 1922, com a seca afirmação: « Nenhum obstáculo nos deterá ». E começou a considerar o imperativo de resolver a situação com a conquista do poder. Fundou uma revista que iniciou a elaboração programática e teori-

ca dos ideaes fascistas com o título de « *Gerarchia* », tratava-se justamente de preparar o advento de novas ierarquias. Assim escrevia num artigo: « Sem duvida o Fascismo e o Estado são destinados, talvez muito cedo, a converterem-se numa identidade. O Fascismo pode abrir a porta com a chave da legalidade, mas pode também ser forçado a arrombar a porta com os hombros da insurreição ».

*E este o momento.*

Por ocasião da morte do Papa Benedicto XV, reconheceu a grandeza universal da Igreja, anunciando o ressurgir dos valores espirituais e religiosos. Pronto a debelar as manobras dos adversários, lançou os fascistas ao contra ataque quando os socialistas proclamaram uma greve em primeiro de maio e outra ainda em agosto. Durante uma das crises habituais de governo, as forças antifascistas coalizadas, enquanto mandavam seus representantes ao Rei para as tradicionais consultações, provocaram uma greve que queria ser de protesto, de intimidação e de resgate. Os esquadristas porém, dominaram-na imediatamente substituindo-se aos grevistas no trabalho e mantendo a disciplina. Assim, o novo Partido, exautorou os dois adversários e demonstrou a propria madureza no poder. Naqueles dias, Ancona, Milão e Genova assistiram ao triunfo do Fascismo: as ultimas administrações socialistas tinham sido expulsas e Gabriel d'Annunzio falou á multidão, da sacada do palacio municipal de Milão. Em setembro, legiões de Camisas Pretas, rea-



Mussolini nadador.

Mussolini à fronte dos bersalhias



extraparlamentar ed andare  
al governo. Proprio impedire a  
Giolitti di andare al governo.  
Come ha fatto parere le 8 fra  
partiti parere in favore.  
Questo è il momento. L'opinione  
pubblica attuale ed i sovvertitori  
e i monarchici in alleanza l'hanno  
vista nel suo <sup>capo</sup> sovvertivo e preso  
la <sup>possibilità</sup> di proclamare un governo ge-  
nerale. Emano l'edicto. Ed  
una <sup>immediata</sup> elezione parlamentare.  
Egli crede che sarebbe alla 12  
sett. s. formare le liste, ma  
entrebbero in potere un quattrun-  
ciato: Balbo - De Bosis - De Mattei - De Stefani -  
Molli - d'Amato - Scamozzi - Torrisi  
di Lombardia - Uslanski - De Giacomo  
e Rizzo - Tassan - Prostato e

O relatório redigido por Italo Balbo durante a reunião de 16 de outubro de 1922, em Milão, demonstra a vontade firme do Duce de realizar imediatamente a Marcha sobre Roma.

giram contra a política do Alto Adige, impondo obediencia e respeito pelas leis italianas.

Desembaraçado o terreno, havia chegado o momento de prover a uma solução definitiva do importante problema nacional. Em 16 de outubro, Mussolini convocou em Milão os principais expoêntes politicos e militares do Partido, afim de expor as deliberações supremas: Miguel Bianchi, Italo Balbo, Cesar de Vecchi, Attilio Teruzzi, generais Emilio De Bono, Gustavo Fara, Sante Ceccherini e Ulisse Igliori que chegou mais tarde. Dessa reunião ficou a acta sumariamente redigida por Italo Balbo, que contém as informações e os pareceres expressos pelos presentes.

« Mussolini diz: o governo e as correntes anti-fascistas tentam sufocar o movimento: as eleições foram solicitadas e negadas como foi negada a reforma eleitoral e a crise extra-parlamentar; Giolitti julga contentar-nos, oferecendo-nos duas pastas: qual, queremos seis pastas ou nenhuma. Então é necessário movimentar as massas criar a crise extra-parlamentar e tomar o governo. Devemos impedir que Giolitti tome o governo. Como mandou atirar contra d'Annunzio mandaria atirar contra os fascistas. Este é o momento. A opinião publica espera e os subversivos se unem em alianças sindicais. Hoje não ha um chefe subversivo que tome a responsabilidade de proclamar greves gerais. Examina o exercito e a situação parlamentar. Pensa que no sábado ao meio dia a direcção cessa de funcionar: n Quadrunvirato tomaria o poder: Balbo-De Bono-De Vecchi-Bianchi. A seguir: O

Piemonte absorve Turim, a Lombardia, Milão: de Piacencia a Rimini: Parma. No entanto formam-se três corpos em Ancona, Orte, Civitavecchia, comandados por Fara, De Bono, Ceccherini. Publica-se então a proclamação alegada e opera-se de acordo com as exigências do momento.

« Nesse meio tempo inicia-se a preparação da reunião de Nápoles. Creio que todos estarão de acordo, caso contrario, previno que atacarei da mesma forma. É inútil esperar o aperfeiçoamento das forças que será impossível obter.

« De Bono: afirma um coisa importante: falta a organização das ierarquias. De Vecchi diz: a nossa organização militar está sendo transformada, portanto é fraca. A maquina não funciona com prontidão. Pede novamente 40 dias afim de aperfeiçoar a organização, enquanto está sendo actuado o regulamento de disciplina. É necessário formar massas de acção. De Bono: sou atacado pelo governo: estou preparando o Exército. É necessário esperar mais algum tempo. Mussolini: e se o momento político mudar? Fara: não creio na necessidade imediata. É apoiado por De Vecchi que diz: não conheço os homens e os comandantes. Balbo afirma que os comandantes de coluna devem conhecer os inspectores e os consules; preocupa-se com os serviços logísticos. De Bono: É necessário o convenio de Nápoles pois será útil no futuro. De Vecchi: critica ainda o actual funcionamento das legiões.

« Mussolini: O objectivo da reunião atingiu seu alvo: 1º Ha unanimidade de ideias pelo que

respeita a accão; 2º idem pelo que respeita o meio: as três colunas; 3º idem com relação aos comandantes de colunas; 4º idem com relação ao Quadrúvirato. E necessário discutir a data. (E disso se discute e todos tomam parte na discussão). Os presentes acabam por concordar. Mussolini recomenda que não seja dividido o Comando da Milícia e que se examinem os varios problemas. D'Annunzio está de acordo ».

Todos os testemunhos desta reunião, demonstram a energia e a ousadia do Duce que impôs a sua vontade de acção imediata perante as reservas, a justa prudencia dos ierarcas, dos quais, Balbo e Bianchi estavam mais proximos dos seus planos. Todos porém, aceitaram as deliberações de Mussolini e se puseram em campo para preparar a accão.

#### A arguia que desce.

Realmente todo e qualquer atrazo teria comprometido a revolução porque o governo de Facta incitado pela conversão do sentimento da multidão italiana, propunha-se a oferecer uma satisfação formal aos combatentes quatro anos depois da guerra, com uma solene celebração da vitoria em Roma e com a presença de Gabriel d'Annunzio. Era mister evitar todo e qualquer vinculo entre a velha e a nova Italia e conquistar o poder antes do aniversario do armisticio.

Estabelecido o plano, Mussolini começou a preparar o espírito dos adeptos, falando em comícios publicos, ao mesmo tempo que, as suspeitas do velho

í mundo parlamentar eram desviadas por uma troca de negociações destinadas a caducarem.

Em 20 de setembro de 1922, na véspera do discurso que Facta pronunciou em Pinerolo, para contestar uma sua rosea e vaga esperança no futuro, Mussolini falou em Udine ás falanges fascistas do Veneto, no momento que uma grande aguia alpina depois de largos vôos vinha pousar-se no alto da torre do Castelo. O Chefe disse: « Se Mazzini, se Garibaldi, tentaram três vezes a conquista de Roma e se Garibaldi impôs aos Camisas Vermelhas o tragicó e inexorável dilema: « Roma ou a morte », é a prova de que, para os melhores homens do Ressurgimento italiano, Roma, possuia uma função fundamental a realizar na nova história da Nação italiana ». « E nos desejamos que Roma se torne a cidade do nosso espírito, cidade disciplinada, livre de todos os elementos que a corrompem e a enlameiam, o coração vivo e o espírito alacre da Itália imperial que sonhamos ». « Eu sou pela mais rígida disciplina. Devemos impor-nos a mais severa disciplina, pois caso contrario, não poderíamos impo-la á Nação. E é através da disciplina da Nação que a Itália poderá fazer-se ouvir no seio das outras nações ».

Aproximando-se a época estabelecida, o Chefe falou novamente aos seus sequazes de Cremona. Protestou: « Só os canalhas e os criminosos podem tachar-nos de inimigos da classe trabalhadora nós que somos filhos do povo; nós que conhecemos o trabalho pesado, nós que sempre vivemos no meio

de gente de trabalho, que é superior a todos os falsos profetas que pretendem representá-la ». « O Fascismo tem quatro anos de vida e tem deante de si um programa, destinado a preencher um século ». « Que significa esse arrepião que sentis ao ouvir as notas da canção do Piave? É que o Piave não assinala o fim e sim o princípio. É do Piave, é da Vitoria, embora mutilada por uma diplomacia incapaz, mas gloriosa, é de Vitorio Veneto que partem os nossos galhardetes. É das margens do Piave que iniciamos a marcha que só depois de atingir a meta suprema se deterá. Roma! Nenhum obstáculo conseguirá fazer cessar o movimento »! Continuou em Milão, perante os esquadristas do grupo « Sciesa » invocando o espírito redentor dos Mortos sobre os Camisas Pretas que se preparavam á batalha: « Em virtude da esperança ansiosa de todos os italianos no pressentimento de um acontecimento que se deveria realizar, o Duce aproveitou a ocasião para definir alguns pontos de vista ». « Vós deveis sentir nesta hora, o espírito dos nossos mortos que paira neste pequeno ambiente ». E continuou: « Os cidadãos perguntam-se: Qual é o Estado que ditará suas leis aos italianos? Nos não temos duvidas quanto a resposta: é o Estado fascista ». « Vede que o nosso jogo é bastante claro. Por outro lado, é inutil pensar numa conjuração quando se trata de assaltar o Estado ». « O choque será inevitável ». E eis o programa do Estado fascista: « Governar bem a Nação, orienta-la para os destinos gloriosos, conciliar o interesse das classes sem exasperar o odio de uns e o heroísmo de ou-

tos, projectar os italianos como força unica para os altos objectivos mundiais, tornar o Mediterraneo nosso lago aliando-nos com os que vivem no Mediterraneo, expulsando os parasitas do Mediterraneo.

Realizando esta obra formidavel, inauguramos um periodo de grandeza na historia italiana ». Concluiu: « Amigos confio em vos! ».

*Aqui estamos.*

Os delegados das provincias tinham sido convidados para um congresso em Nápoles a realizar-se no dia 24 de outubro, afim de assegurar ao Fascismo a adesão da Itália meridional. Não eram poucos os chefes fascistas que admitiam tratar-se de um simples congresso, mas, o discurso pronunciado pelo Duce era bem o preludio definitivo da ação: « Quasi tenho vergogna de ainda falar. Mas em virtude da situação extremamente grave em que nos encontramos, considero oportuno fixar com a maxima exatidão as finalidades do problema para que de outra parte fiquem bem claras as responsabilidades individuais. Nós fascistas, não aceitamos o poder pela porta de serviço; nós fascistas não renunciamos ao nosso formidavel ideal originario por um miseravel prato de lentilhas ministerial ». « O problema não interpretado em suas finalidades historicas apresenta-se e torna-se um problema de força ». « Sem duvida, tal como a Monarquia italiana, pela sua origem, pelo desenvolvimento de sua história, não se pode opor ás que

são as tendências da nova força nacional ». « E o Exercito saiba que nós, um pequeno punhado de audazes, o defendemos quando os ministros aconselhavam os oficiais a andarem á paisana para evitar conflitos ». « Com os que nos traem, e especialmente traem a Nação, não se pode estar em paz senão depois da vitoria ».

Daquela época em diante o romanholo do povo, já emigrado a procura de seu caminho, o polemista, o combatente, o chefe de partido, tinha-se transformado em árbitro do destino da Itália. Apareceu na praça do Plebiscito com uma echarpe vermelha e amarela — as cores de Roma — sobre a camisa preta, deante das legiões dispostas em fileiras, que o aclamaram com frenético entusiasmo e dedicação absoluta gritando: « Para Roma! Para Roma! ». Imediatamente assumiu a grave obrigação: « Eu vos digo com toda a solenidade que o momento impõe: trata-se apenas de dias ou de horas: ou nos dão o governo ou o tomaremos descendo sobre Roma! É necessário, para a acção que deverá ser simultanea, e que deverá, em cada parte da Itália sufocar a miserável classe política dominante, que tereis encontrado rapidamente os vossos lugares. Eu vos digo e vos asseguro e vos juro que as ordens, se for necessário, virão! ».

Estabeleceu precisamente as últimas disposições secretas para os chefes designados partiu para Milão. Aos congressistas que haviam pensado continuar o trabalho, Michele Bianchi disse ironico: « Chove em Nápoles: que fazer lá? Os Camisas Pretas voltaram para a província e os comandantes

militares foram ter aos lugares que se lhe tinha estabelecido.

O plano preestabelecido comprendia a ocupação dos oficinas publicas nos centros urbanos e a sua defesa, enquanto seria feita a marcha em colunas armadas convergindo de varios pontos sobre Roma. Às ordens do Duce, o Quadrúnvirato composto de Balbo, Bianchi, De Bono, De Vecchi, estabeleceu-se em Perugia e lançou aos fascistas uma proclamação que Mussolini havia preparado desde primeiro de outubro, para anunciar: « Sou a hora da batalha decisiva ». Concluia: « Chamemos o Sumo Deus e a alma dos nossos quinhentos mil mortos para testimunharem que uma só força nos impulsiona, uma só vontade nos reune, uma só paixão nos inflama: contribuir para a salvação e para a grandeza da patria. Fascistas de toda a Itália. Conservai romanamente o espirito e a força. É necessário vencer. Venceremos ».

Nas ultimas horas que precederam a acção Mussolini deveria desviar a suspeita da polícia que o espionava e, pelas graves obrigações que o cercavam, foi forçado a fingir que só se ocupava do jornal, ou melhor mostrava-se despreocupado percorrendo de automovel, os subúrbios de Milão. Estava sereno e tranquilo, a tal ponto que nenhum dos redatores do « Popolo d'Italia » sabia o que se passava. Na noite de 27 de outubro foi assistir á representação do « Cisne » de Molnar no Teatro Manzoni como un paisano desejoso de terminar o seu dia em alegria. Em um certo ponto da comédia, um redator apareceu e entrou murmurando: « Di-

retor, telefonaram. Começou ». Havia começado o drama. Calmo e rapido, Mussolini levantou-se: « Aqui estamos, adeus ».

### *Marcha sobre Roma.*

Dirigiu-se para o seu gabinete na sede nova do « Popolo d'Italia », recentemente inaugurada, enquanto a polícia circundava o edifício com metralhadoras. A sede foi fechada e os esquadristas vieram defendê-la. Aqui e ali haviam tiros. Em certo momento, Mussolini afim de impedir um conflito, desceu até a rua e parlamentou com o comandante dos carabineiros. Apanhou um mosquete e atravessou sosinho a zona perigosa enquanto os seus adeptos mantinham a respiração suspensa. Por um triz um esquadrista o não matou no exagero do seu receio, tremia tanto que, sem querer, saiu um tiro que passou de leve pela cabeça do Duce. Entretanto Mussolini, manteve-se impassível, conseguindo resolver a situação e impôs uma tregua.

Tal como D'Annunzio o havia aconselhado antes de partir de Ronchi para Fiume, escreveu duas cartas ao comandante enquanto se preparava a marcha sobre Roma: « Fomos forçados a mobilizar as nossas forças para acabar com uma situação miserável. Já somos senhores de grande parte da Itália e em outros lugares já ocupamos os nervos essenciais da Nação. Não vos peço a formar ao nosso lado, o que muito nos alegraria mas estamos certos que não estareis contra essa juventude maravilhosa que se bate pela nossa Itália. Lede a pro-

clamação! E a seguir tereis uma importante palavra a dizer ». « A Italia manhã terá um governo. Seremos suficientemente criteriosos para não abusar da nossa vitoria ». Recusou decididamente a aceitação das varias soluções de compromisso que lhe haviam proposto, disposto a assumir só, a maxima responsabilidade na solução completa da crise nacional.

O Rei voltara a Roma depois de sua vilegiatura em San Rossore. Em 27 de outubro a primeira fase do plano estratégico fascista já tinha sido realizada na Itália setentrional e central, onde as cidades, os campos já tinham sido dominados pelos esquadrões de accão. Mais sangue foi derramado em conflictos irregulares. Mas o movimento das legiões que convergiam sobre Roma não parou mesmo quando Facta ordenou o estado de sitio e nas portas da Cidade Eterna se viu arame farpado. O Rei Soldado não podia atirar o exercito contra os combatentes de camisa preta, e recusou-se sancionar o estado de sitio. Facta foi obrigado a demitir-se. Cada tentativa de solução parlamentar da crise destruia-se deante da intransigencia do Homem que esperava o seu momento no « Popolo d'Italia ». Como tomara para si toda a responsabilidade da Revolução com os seus riscos, também desejava inteira responsabilidade em seu governo. A um telefonema protelatoria da Capital, respondeu: « Irei a Roma quando tiver o encargo oficial de constituir o Ministerio », e cortou a ligação. Em torno d'ele tudo era fehril: jovens armados se apresentavam para receber ordens, os lugares-tenentes, relatavam as fases da accão nas

diversas províncias. A atmosfera daqueles dias plumbeos e chuvosos estava carregada de electricidade assim como os espíritos: ele era o unico extremamente calmo em sua fria deliberação. Havia ordenado aos seus a fiscalização dos jornais adversarios para que não agravassem a tensão dos animos.

Ao meio dia, de 29 de outubro recebeu do Quirinal o aviso que o Rei o chamava para constituir o governo; limitou-se a mandar que o « *Popolo d'Italia* » publicasse uma edição extraordinaria dando a noticia e esperou a confirmação telegrafica, e só quando a recebeu é que partiu para Roma entregando ao seu irmão Arnaldo a direcção do jornal, pois era a pessoa de sua preferencia e elemento fundamental da Revolução. Ao alto funcionario da estrada de ferro que o cumprimentou na estação, disse: « Desejo partir no horario certo. De agora em diante cada coisa deve caminhar de maneira perfeita ». E aos camisas pretas que o cumprimentavam, prometeu: « Amanhã a Itália não terá um Ministerio, terá um Governo ». Sempre senhor de si mesmo, durante uma parada do trem ás portas de Roma, falou assim ás seus legionarios: « A vitória é nossa, não é necessário disperdiça-la. A Itália é nossa e nós a reconduziremos á antiga grandeza ».

Em Roma apenas desceu o trem, virou-se para um alto oficial e dirigiu a sua primeira saudação ao Exercito. Encaminhou-se para o Quirinal para apresentar-se ao Rei e então formar o Ministerio, no qual quis incluir Diaz e Thaon de Revel, os vencedores da guerra. Poz-se á frente das legiões, que

ha muito já haviam entrado na cidade e as dirigiu desfilando pelas ruas em festa, até o Tumulo do Soldado Desconhecido e até ao Rei, no Quirinal.

### Impuz-me limites.

Logo a seguir preparou-se para enorme fadiga que o esperava e ordenou aos Camisas Pretas para voltarem ás suas provincias sem realizar o minimo gesto de represalia com o inimigo vencido. Mas ainda, encarregou um grupo de esquadristas de proteger a pessoa de Facta; determinou-lhes: « Ninguem deve tocar-lhe o cabelo, nem escarnece-lo, nem humilha-lo ».

Todo o trabalho inicial foi realizado por Mussolini no alojamento provisorio de um hotel. Entre ministros e sub-secretarios incluiu no governo quinze fascistas juntamente a três nacionalistas, três liberais da direita, alguns populares e alguns democraticos, todos homens escolhidos pela competencia especifica tanto quanto possivel colaboradores uteis, não na qualidade de representantes dos varios partidos.

O Quadrunvirato restituui o poder á Direccao do Partito e a Camera foi convocada enquanto Mussolini presidia as primeiras reunões de um novo orgão não previsto pela Constituição, por ele criado: o Grande Conselho do Fascismo que comprehendia os principais expoentes das diversas actividades que deliberou seguidamente sobre os principais problemas a serem resolvidos. O esforço dispensado por Mussolini nos primeiros meses, foi enor-

me pois êle teve de enfrentar a precaria situação política internacional da Itália, ocupou-se dos restos da oposição interna, cuidou das finanças enfraquecidas e dominou o impulso dos mais turbulentos que pretendiam aproveitar em diversos sentidos a vitoria e o impulso de isolados criticos impacientes que nada encontravam de perfeito segundo as suas teorias abstratas.

A vitoria das ruas fora completa, mas depois da marcha sobre Roma começava uma fase delicadissima de reajuste geral de substituição e modificações progressivas, durante a qual as dificuldades inherentes aos factos e ás coisas, multiplicadas pela diversidade de humor dos homens atingiram tal ponto que serviram para pôr a dura prova a resistencia do regime em formação. Havia necessidade de disciplinar e pacificar, ganhar o tempo perdido post-guerra pelos antecessores e estabelecer o mais rapido possivel o novo sistema em bases solidas que pudesse ser duradoiro.

Estabelecido quasi no coração de Roma, Mussolini trabalhou sem tregua. Foi decretada a amnistia com a finalidade de acalmar os animos após tanta tensão; os fascistas de acção foram incluidos na Milicia Voluntaria para a Segurança Nacional com genial distribuição que obrigava as esparsas energias da mais ardente juventude na função de guarda armada da Revolução e premiava os corajosos com a responsabilidade de um comando militar. Ao mesmo tempo, apesar de uma cruenta tentativa de rebelião, foi dissolvido o corpo de Guarda

Regia que Nitti criara apressadamente nos anos mais tristes de post-guerra.

Contra a turva, infesta Maçonaria italiana. Mussolini retomou a luta que já conduzira profundamente na província de Forlì e no congresso socialista de Ancona. Naturalmente, com essa orientação esclarecedora surgiram, no exterior e no interior, as mais tenazes oposições intrigas torvas e obscuras. Em 1923, promoveu a fusão, lógica mas difícil, dos nacionalistas com os fascistas, para acelerar a marcha para unificação das forças básicas do Regimen. Rompeu pois qualquer relação, mesmo indireta, com o partido popular, que houvera assumido atitude hostil.

Nos dois primeiros meses de governo presidiu 32 longas e laboriosas reuniões do Conselho dos Ministros para atender às necessidades mais urgentes da grave situação herdada e para aproveitar os plenos poderes concedidos pelo parlamento. Apresentou-se à Câmara a 16 de novembro de 1922, não para impressionar os deputados com um dos costumados programas ministeriais, mas para estabelecer a futura obra e esclarecer as reciprocas posições, segundo a nitidez de seu estilo. Deveria dominar uma maioria que lhe era contraria. E foi explícito: « Afirmo que a Revolução tem os seus direitos ». « Estamos aqui para defender, fortalecer ao máximo a Revolução dos Camisas Pretas ». « Impuz-me limites, embora pudesse transformar este ambiente surdo e plumbeo em descanso de soldados, poderia fechar o parlamento e constituir um

governo exclusivamente fascista. Poderia; mas, pelo menos nesses primeiros momentos, não o quis ».

*Tudo está por fazer.*

A 7 de janeiro de 1923 — já instalado na Sala da Vitoria do Palacio Chigi, para onde transferira com a maxima rapidez o Ministerio do Exterior — Mussolini disse a uma comissão de genovezes: « Tudo o que fazemos, em essência é trabalho atrasado: libertamos os cidadãos do peso das leis, fruto de uma politica de demagogia balota, libertamos o Estado das superstruturas que o sufocavam, de todas as funções económicas para as quais não está adaptado; trabalhamos para estar ao par; o que significa valorizar a lira; significa adquirir uma posição de dignidade e de força no mundo internacional ».

Não havia tempo a perder, e Mussolini por consequência agia. O academicó italiano general Gatti recorda: « Em novembro de 1922, poucos dias depois da marcha sobre Roma, solicitei-lhe uma audiencia. Fui a Mussolini, que não conhecia pessoalmente, afim de propor-lhe um conjunto de obras historicas, escolhidas e coordenadas, sobre a nossa guerra e a dos aliados.... Jornada de extensas nuvens empurradas pelo vento e crepusculo da tarde; da penumbra, êle que me havia escutado atentamente, respondeu-me, com palavra arrastada: « Não o posso ajudar. Não que a história não seja necessaria. Mas hoje na Itália, não é época de história. Ainda nada está concluido. Tudo está por

fazer. E somente o mito poderá dar força e energia a um povo que está para martelar o proprio destino. A história virá mais tarde ». Parecia-me, ao sair, de ter ouvido ofender os dogmas nos quais havia acreditado e de haver voltado a centenas de anos a traz. Enganava-me. Mussolini não negava a história, apenas conciente das necessidades daquela época, á história antepunha a vida; e para adaptar o povo á obra fatigante e gloriosa adoptava o mito que aquece e cria, enquanto a história conclui e séla ».

Paulo Orano assistiu naqueles dias a seguinte telefonema do Duce a um chefe fascista: « Pronto! sou eu: Mussolini, Benito Mussolini. Escuta. Tu queres imediatamente o bastão de Marechal. Bem: agora não te dou. Compreendeu? Não te o dou. Satisfaça-te com um caniço Adeus ».

Venceu a prova da primeira fase de governo com rara energia sabendo afastar quando necessário os proprio camaradas que não o haviam abandonado nas horas dificeis, no sentido de calmar-lhes os impulsos precipitosos, as aspirações, as esperanças embora legítimas, mas que nem sempre um chefe pode satisfazer. E no seu trabalho não descuidou os minimos detalhes, descendo até á administração ordinaria. Não se deixou prender nos laços da vida mundana e representativa. Manteve-se em contacto com o povo. Trabalhou noite e dia com uma resistência física excepcional. A quem o aconselhava repousar para não prejudicar a sua saude, respondia: « Não importa. Hoje ou nunca mais. Somos como um cirurgião á cabeceira

Mussolini orador.



Mussolini trabalhador.



do moribundo. Pouco importa se o cirurgião está cansado: é necessário operar e sem demora. Ainda que as minhas forças estejam exaustas, não poderei descansar um só instante ».

Deixara a família num modesto apartamento de Milão e assim ele se ocupava em reparar os danos causados pelos últimos governos pois que suas críticas dos anos de assalto, não tinham sido um expediente demagogico da luta política, mas o grito da consciência preocupada com o precipitar dos acontecimentos nacionais. E agora devia remediar os erros cometidos pelos outros. E controlava também a execução das ordens sem consideração por nenhum dos executores. Narram-se a respeito episódios significativos: quando se tratou de disciplinar os funcionários tradicionalmente habituados a descuidar o horário e o trabalho, interveiu pessoalmente. Certa manhã, apareceu num Ministério e encontrou pelas escadas um tal comendador que depois de assinar o ponto, deixava com toda a desplacência a repartição para cuidar de outros interesses. Não reconheceu Mussolini e quando este lhe perguntou: « Que fazeis? Já deixais a repartição? » respondeu indignado: « Que tendes a ver com isso? Cuidai do que é vosso ». Mas ficou petrificado quando o Duce disse: « Tenho que ver com isso, sou Mussolini. Passai no meu escritório para explicações; envergonhai-vos ». Lições deste gênero dinamizaram o ambiente romano, para isto contribuindo o exemplo pessoal do Duce.

### *As bases do edificio.*

Mussolini alem dos trabalhos de caracter interno, teve de enfrentar exigencias da política externa e passar as fronteiras para conferenciar com os homens de Estado de outros Países, os monopolistas da vitoria que o esperavam desconfiados e curiosos de avaliar o homem novo, justamente na sede da Sociedade das Nações, a serviço de uma política hostil á Itália. Desde então, ele encarou os problemas europeus de acordo com uma concepção de justiça pacificadora; mas ninguem soube compreendê-lo. De Genebra convocou em Lausanne Lord Curzon e Poincaré para un colloquio. Das janelas do hotel Lausanne viu a ponte sob a qual se abrigara vinte anos atraç, para vencer a fome com o sono, e, disse ao comissario de serviço que estava sob as suas ordens: « Foi lá, que a vossa polícia me prendeu ». O outro visivelmente embaraçado, respondeu: « É a vida, senhor Presidente ».

Pouco tempo depois da Marcha sobre Roma, a generosidade usada pela Revolução animou os antifascistas a reerguer a cabeça para retomar a oposição no Parlamento e nos jornais, enquanto Mussolini reparava os danos causados pelo antigo regime. Mas ele estava alerta e descobriu logo o que se preparava e anunciou a segunda fase da Revolução: « Declaro que desejo governar, de acordo com a vontade do maior numero possivel de cidadãos; mas à espera que isto se realize eu vou convocar o maximo das forças disponiveis. Pois, provavelmente a força poderá determinar o con-

senso dos cidadãos, quando este faltar, existe a força ». Os adversários responderam com um coro polemico acido e academico, no tocante aos temas da liberdade e do Estatuto ultrajados, sem outro resultado senão o de excitar novamente os animos justamente quando era tão necessaria a concordia no trabalho reconstrutivo. Aos envenenadores da opiniao publica, o Chefe replicou que teria actuado todas as reformas que a nova vida italiana exigisse, para consolidar o Regime, e observou: « É realmente triste ver entre os defensores do Estatuto os que o violaram nas suas leis fundamentais; os que diminuiram as prerrogativas da Coroa »; e lembrou ainda que a imprensa e o sindicalismo haviam reduzido a importancia do parlamento. E sem deixar-se embrulhar nas teias das diatribes doutrinarias, começou a visitar as varias provincias, onde foi recebido com entusiasmo indescritivel, por demonstrações de povo jamais vistas, indice concreto da profunda aprovação popular.

Em julho de 1923, uma Missão militar italiana foi assaltada e trucidada, enquanto se ocupava da delimitação das fronteiras grego-albaneses. O Duce reagiu com acção fulminea e energia tal que surpreendeu todos. Pediu amplas reparações á Grecia e obteve a adesão de todos os Países quando mandou uma esquadra naval ocupar Corfù com tal rapidez que surpreendeu os técnicos, irritou a Inglaterra e o ambiente de Genebra, cada vez mais hostil á Itália. Seguiram-se dias anciosos de dificeis negociações energicamente sustentadas até que as reclamações italianas foram atendidas. Contempo-

nâncemente, a Itália retomava os contatos comerciais com a Russia e celebrava um acordo político com o governo espanhol de Primo de Rivera.

Em 20 de dezembro, o Duce estabelecia no Palacio Chigi, um pacto de leal colaboração entre capital e trabalho, preludio de acordos que foram realizados alguns anos mais tarde e de normas do futuro sistema corporativo. Em janeiro de 1924, repetiu aos jornalistas os mesmos principios fundamentais que pregara e praticara pessoalmente como diretor de jornalistas socialistas e como fundador do « Popolo d'Italia »: « Fazeis muito bem em condensar certo professionalismo amorfo, ambíguo, sem espinha dorsal, mortificador do espírito ». « Deve-se repetir que a assim chamada liberdade de imprensa não é apenas um direito: é um dever! ». « Fora disso, não ha missão e sim ofício ».

### *Morram as facções.*

A Camara eleita antes da Marcha sobre Roma, já não correspondia á situação política italiana: por isso, foi dissolvida. Mas a preparação dos novos comícios não absorveu como outro tempo, a actividade do governo. Mussolini limitou-se a convocar em Roma as ierarquias fascistas para uma importante reunião durante a qual atacou certo dissidentismo que se verificou em muitos sequazes da primeira hora, que não tinham sido capazes de adaptar-se á vastas tarefas de que haviam sido incumbidos. E rebateu sobre o filo-mussolinismo em moda entre gente que se declarava admiradora do

Duce, mas que recusava todo e qualquer sacrifício pela disciplina e por espirito de rebeldia ou de individualismo, negava a sua colaboração para a reorganização colectiva.

Aos indisciplinados, que segundo a antiga tradição da época do servilismo a da decadência, reclamavam somente a liberdade sem limites, replicava: « Se na Italia existe alguém sem liberdade, esse alguém sou eu » e acrescentou: « Aceito esse servilismo como o mais alto premio ». E em fevereiro de 1924, quasi como para vingar-se do fastio eleitoral, pronunciou palavras significativas perante os oficiais da Milicia, convocados no Augusteo: « Muitos perguntam qual será a vossa função no proximo periodo eleitoral. Não vos impressionais demasiado com êsses espectáculos eleitorais. Considerae-os como uma pequena necessidade da vida quotidiana. Não deveis pensar nisto. É ainda velha Italia, é ainda « ancien régime », tudo isto, deve ser afastado do vosso espirito, como já está afastado do meu. E não ha nada mais ridículo do que imaginar um Mussolini compilando fadigosamente as listas eleitorais. Outros problemas bem mais interessantes inherentes á vida da Nação, chamam a minha atenção ». E continuou: « Deveis considerar-vos como portadores de uma nova civilização, como anticipadores de uma época que virá, como construtores que lançam hoje as bases de um edificio, que criam e realizam o que foi o sonho de tantas gerações, durante o Ressurgimento italiano ».

O Fascismo saiu vencedor nas eleições de abril

de 1924, tendo obtido cinco milhões de votos contra dois, alcançados por outros partidos adversários.

O Rei conferiu ao filho do ferreiro de Dovia, o Colar da Anunziata pela anexação de Fiume e assinou a justificação, que dizia: « O meu pensamento vai á alta obra realizada por V. E. neste e em outros acontecimentos que melhoraram a sorte da Itália ». E Roma o acolheu seu cidadão no Capitólio. Lá do alto da colina sagrada á história imperial, o Duce tomou o compromisso solene de promover a grandeza da Urbe, segundo directrizes bem definidas. E disse: « Desde o tempo da minha juventude, Roma era imensa em meu espírito que então se preparava á vida; pelo amor a Roma, sonhei e sofri e de Roma senti todas as nostalgias ». Ele havia realizado do nada, o maior sonho que pudesse iluminar de puro ideal o espírito de um italiano. Recordando suas origens, não esqueceu o precursor de sua terra, Alfredo Oriani, e a frente de jovens universitários foi até o tumulo do solitário de Casola Valsenio, para ali pronunciar o reconhecimento que os contemporâneos de Oriani, os sacrificadores de Crispi, haviam negado.

Após os sucessos das eleições, Mussolini exhortou todos os italianos: « Morram as facções, também a nossa, com a condição de que o País seja salvo ». Mas a oposição não acolheu o generoso apelo, pelo contrário, intensificou sua falsa política. Publicaram artigos que constituiam ameaças abertas, como a seguinte: « Delinea-se no horizonte político o tempo das barricadas e nos trabalharemos

para que isso se verifique o mais depressa possível». E muitos fascistas foram assassinados pelas ruas das cidades. Também no estrangeiro começou o martirologio com o assassinato de Nicolau Bon-servizi correspondente do «Popolo d'Itália» em Paris. A serie das provocações materiais e morais intensificou-se pelo odio crescente da oposição após a derrota eleitoral. Comtudo Mussolini proibiu aos fascistas toda e qualquer reacção. De volta de uma visita á Sicilia, pronunciou na Camara um discurso que impressionou pela generosidade que o inspirava, mas não chegou a dobrar as ambições, turvas veleidades dos irreductiveis.

*Não me move daqui.*

É fatal que toda a grande idea, toda a grande paixão deva afirmar-se com asperas e tragicas provas, porque, as forças adversarias e as da conservação a ostilidade dos maus e da gente pequenina, que não comprehende, lhe atravessa o caminho. Após sangrento martirologio fascista, quando na conciencia do Chefe urgia a vontade de afirmar em Roma uma idea universal sem a qual não seria possível manter o comando na Cidade Eterna, o espirito das massas devia ainda ser plasmado para vencer as imperfeições do antigo regimen.

No mesmo tempo que se despertava a hostilidade dos inimigos, continuavam as discussões pessoais entre os fascistas mais ou menos satisfeitos, depois do triunfo de outubro de 1922, e Mussolini teve de ocupar tempo e energias afim de reor-

ganizar as fileiras do Partido, aqui e ali desordenadas em virtude da intemperança dos dissidentes, das manobras dos espertos, e dos ambiciosos, da incerteza de alguns sequazes, do zelo adulador e intempestivo daqueles que aderiram atraídos pelo sucesso, e das cabeçadas pessoais de alguns lugartenentes de província.

Já nos meses anteriores á Marcha sobre Roma, o Duce teve de suportar esse peso morto e dizia: « A Itália está fechada no Mediterrâneo, uma boa bacia para se lavar o rosto. Para os problemas da política o Mediterrâneo é muito limitado, pois desembocam em dois oceanos. Mas eu não posso ocupar-me disso, compreendeis? Porque devo interessar-me do conflito de Peretola, de Gorgonzola ou de Roccacannuecia onde houve pelejas e um assassinato; na Itália não se pensa em mais nada ». E tinha que desperdiçar seu genio anticipador em misérias quotidianas, aconselhar, corrigir, punir. « É preciso acabar com isso — repetia — com o espírito de farmacia, timido, e falador da pequena Itália ».

Em junho de 1924, as dificuldades e as complicações chegaram ao auge. No dia 10, elementos da oposição aproveitaram-se de um caso de crônica, para a desforra. Dera-se o seguinte: Alguns irresponsáveis prenderam na capital o deputado socialista Matteotti, dantes obstinado neutralista, e obstinado anti-fascista, que foi assassinado na luta havida dentro de um automóvel e em seguida abandonado pelos raptadores no meio do campo. A notícia provocou a maior sensação, porquanto até

esse dia, nenhum chefe socialista pagara com a vida nem mesmo sofrera a minima pena, em virtude da obra de subornacão conduzida, determinando levantes no meio de operarios inconcientes. Logo depois, nem o assassinato do deputado Armando Casalini, homem correto, generoso, inteligente organizador de sindicatos, valeu para calmar os exaltados antifascistas, que se lançaram contra o Partido e contra o Govêrno. Publicaram artigos nefandos impulsionados pela furia incontida, de irritar a opinião publica.

Mussolini não quis reprimir logo essa orgia insana, nem impor uma censura, de sorte que a Itália atravessou longos meses de penosa crise. O fascismo foi assediado, seus chefes vilipendiados; foi ignobilmente explorado o caso Matteotti; reclamou-se o dissolvimento da Milicia, processou-se o Regimen, todos os deputados de cada sector da oposição desertaram a Camara denunciando como responsaveis a Alta Corte de justica; foram difundidos memoriais de falsarios, cobriu-se a Peninsula de jornais e manifestos carregados de mentiras, e de incitação ao odio e visou-se ofender e isolar o Duce. Alguns deputados fascistas abandonaram o campo e refugiaram-se na província, ou por medo ou por crise de consciência. Houve quem renegasse a fé, e quem traisse.

Mas Mussolini continuou firme no meio da burrasca continuando seu trabalho solitario, certo do destino não obstante o golpe que parecia destruí-lo. Disse: «Só um inimigo depois de longas noites de calculo, poderia conceber contra mim,

um plano tão diabolico com este delito ». Moralmente inatingivel, ele atravessou de cabeça erguida o tragico periodo como quando fora expulso pelos socialistas, pelo seu interventionismo. Puniu os culpados, ordenou á justiça de proceder inexoravelmente, sacrificou intimos colaboradores para demonstrar que o Regime não protegia ninguem, não cedeu aos sugerimentos de pávidos conselheiros e resistiu ao abandono geral com a certeza de que venceria a terrivel prova. « Sabes, eu fico no meu lugar — disse a Paolo Orano naqueles dias; — causa uma certa impressão notar como dia a dia cresce o numero das cabeças curvadas. Que seleção! Não me movo daqui. Se me atiram um cadáver entre as pernas para que abandone o poder, enganam-se. Hoje mais do que nunca sinto o dever de ficar. Eu e o destino da Itália, somos uma só coisa ».

### Encontro.

E continuou: « Deveria deixar incompleta a obra do Regime e em mãos dessa gente e dos antigos e novos sequazes? Não ». « Não me moverei daqui, e estejas certo que é para o bem dêles, pois no dia em que eu voltasse a ser chefe de povo nas praças, êles estariam perdidos. Mas eu governo a Itália, governo não é vingança, e eu não estou de passagem por aqui. Proibi os pelotões de execução depois de 28 de outubro, quando a Revolução podia seguir os metodos de todas as revoluções. Devo provar, resistindo á onda de infamia, que êste re-

gime sahe vencer sem sangue e que Partido e Governo constituem uma unica força. Eu não me abandono á crónica: faço a história ».

Ele via que nas provincias os fieis Camisas Pretas tremiam de impaciencia á espera de um sinal para atacar a grande fera no seu covil. Contra o novo vilipêndio, êles se uniram espontaneamente e invadiram as praças como nos dias de luta pela intervenção. Em Bolonha num só dia, reuniram-se cincuenta mil fascistas de diversas zonas, impacientes de iniciar a contra-ofensiva. Mussolini, entretanto advertiu: « A medida que aumenta, a oposição torna-se hidropica e impotente ». « Se normalização significa processar o Regime, o Regime não se deixa processar senão pela história ». E repetiu aos seus: « Mâos no bolso, esperemos que a algazarra desencadeada, desabafe até ao ridículo, ao absurdo ».

A sua paciencia foi inaudita e o domínio de si mesmo sem precedentes. « Eu não estou ligado a um capricho e sim a um dever de soldado ». A sua pena intima não foi suavizada por ninguem. Advertiu apenas que « se os nossos adversarios desejam resolver a questão com o problema força, agiremos em consequência ». Só quando os partidos reunidos no simbólico Aventino e seus jornais chegaram á excitação, á revolta e induziram combatentes e mutilados a atirarem-se contra o Fascismo, o Duce teve um gesto soberbo que consolou os sequazes. Disse aos mineiros do Monte Amiata: « No dia em que êles passarem das palavras molestas aos factos concretos, nesse dia êles hão de

~~se~~ tornar em forragens para os acampamentos dos Camisas Pretas ».

Após o congresso de Livorno, os liberais passaram á oposição. Aumentou nos inimigos a ilusão da proxima queda do governo fascista; mas Mussolini respondeu com esta frase pronunciada na praça de Milão: « Desde já, vos marco um encontro para o ano que vem nesta mesma praça », resolvido a manter o compromisso. Em outubro de 1924, confirmou a sua certeza de vitoria falando ao povo de Cremona, deante do qual traçou as linhas que foram praticamente seguidas na actividade política dos anos sucessivos.

Durante o inverno, a pertinaz, violenta oposição, intensificou-se culminando nos ultimos dias de dezembro com insultos exasperados que ultrapassaram os limites. Os adversarios sabiam que também entre o ministros, a maioria estava tão impressionada e fraca a ponto de aconselhar a submissão. Mas nesses mesmos dias, que pareciam de sombrio ocaseo, a vontade do Chefe ergueu-se para vihrar o golpe contra ofensivo. Uma convocação do Conselho dos ministros, foi interpretada como um preanuncio das demissões; alguns jornais preparam a edição extraordinaria com a lista do novo Ministerio, que nunca foi lançada porque interveiu fulmineo o golpe decisivo mussoliniano. Poucos actos de polícia foram suficientes para intimidar as hienas já amedrontadas por uma centena de militares vindos de Florença e de Ferrara, para no caso agir como necessario.

*3 de Janeiro.*



A 3 de janeiro de 1925, Mussolini intimou o seu «basta», com um discurso na Camara que varreu o terreno dos equívocos, resolveu a situação, ou melhor, mudou-a repentinamente, iniciaram um novo período da nossa história, como acontecera com o artigo «Audacia!» do primeiro número do «Popolo d'Italia», nas vésperas da guerra. Mussolini assumiu pessoalmente toda a responsabilidade do acontecido. Desafiou e protestou contra o Aventino. Disse: «Ninguem até hoje me negou três qualidades: uma certa inteligência, muita coragem e um total desprezo pelo dinheiro». «Pois bem, eu declaro aqui em face desta assemblea e em face do povo italiano, que assumo eu só a responsabilidade política, moral histórica do que tem acontecido. Se as frases mais ou menos estropiadas bastam para enforcar um homem, venham a força e a corda! Se o Fascismo foi apenas óleo de ricino e cacete e não um grande entusiasmo da melhor mocidade italiana, caia sobre mim toda a culpa! Se o Fascismo foi uma associação de delinquentes, se todas as violências resultam de um determinado clima histórico, político e moral, a mim toda a responsabilidade, pois que, este clima histórico, político, moral, eu o criei com uma propaganda que data da intervenção até hoje». «A Itália, meus senhores quer a paz, quer a tranquilidade, quer a calma laboriosa; nos lhe daremos isso tudo com o amor se for possível, com a força se for necessário. Podeis estar certos de que nas 48 horas sucessivas

ao meu discurso, a situação será esclarecida em toda a linha. E todos saibam, que não é capricho pessoal que não é vício de governo, que não é paixão ignobil e sim amor ilimitado pela patria ».

Assim nas vespertas do pensado triunfo, o grupo adversario viu-se paralisado pela sua impotência e exposto ao ridículo. Em 3 de janeiro começou realmente a liquidação do Aventino, que se concluiu em pouco tempo, não obstante as esporadicas e desordenadas tentativas de resistência.

No espírito de Mussolini tanto o caso Matteotti como suas consequências tinham tido o seu desconto: todos os seus esforços se orientaram para outras metas. Teve a noção precisa do novo período que ia começar: O periodo construtivo de formação física e moral do povo fascista, de legislação revolucionaria, de conquista imperial. A crise provincial do Partido, as lutas intestinas no País, a polemica parlamentar, deviam ceder definitivamente o passo a um novo sistema de vida nacional baseado no trabalho e inspirado por um ideal de grandeza, a um espírito romano de disciplina. Carecia realizar um unico comando, impedir todas as dispersões de energias, escluir as críticas partidarias e estereis, as influências sectarias, empenhar o povo em empresas construtivas, dando-lhes uma noção exacta da dignidade nacional e assegurar a continuidade da Revolução através das novas gerações.

O Duce iniciou esta nova empreza da sua vida em 1925, logo após a derrota do Aventino e a grave enfermidade que o obrigou a estar de cama durante varias semanas. Naturalmente, essa força-

da ausência alimentou as esperanças dos adversários, mas inutilmente, porque a Nação depois da recente prova estava toda do lado do Fascismo. Os italianos sentiam no íntimo da sua consciência que o governo de Mussolini lançara as bases de um grande futuro, com a obra intensa dos primeiros dois anos e estavam ansiosos para que o trabalho continuasse. De facto, a Itália subira á situação puramente nominal de grande potência, no mesmo nível dos países mais importantes. A sua voz, fizera-se ouvir depois de tanta humilhação, nos conselhos e nas conferências internacionais; Fiume pertencia á Itália, o balanço tinha sido equilibrado, a aviação reconstituída, o ensino reformado, muitas negociações e pactos amistosos estabelecidos, assegurada a posse do Dodecaneso, eliminados o hairrismo, o regionalismo e o personalismo, alcançada a unidade do Partido com a secretaria unica de Roberto Farinacci, estudada por competentes a reforma constitucional, regulada a posição das nossas representações no estrangeiro. Mussolini estivera também em Londres para estreitar os relações com o Governo ingles e em 1924, encontrara-se na Itália com Austin Chamberlain. A Inglaterra cedeu Giubaland, que foi encorporado á Somália, e o oasis de Giarabub nas fronteiras entre a Cirenaica e o Egito.

*Agora é que começa o trabalho.*

Esse trabalho desenvolveu-se sem tregua, inclusive o de administração, mesmo durante os du-

ros meses de crise política, determinada pelo caso Matteotti. A energia propulsora do Duce atraiu a confiança do povo despertou o seu fervor construtivo. Todos os italianos, sentiram que grandiosos objectivos eram iminentes no seu destino e que uma nova civilização ia surgir do caos precedente. Justamente, depois da plumbea parentese durante a qual tudo parecera perdido, êles começaram a seguir a orientação do Chefe.

Em agosto de 1924, aos hierarcas fascistas reunidos no Palacio Veneza, Mussolini deu a palavra de ordem « Viver perigosamente! » advertindo que repelia as exhortações queixosas de desanimados que queriam normalizar a situação ou voltar para traz. E logo depois de restabelecido, apresentou-se aos fascistas e da sacada do Palacio Chigi anunciou: « Agora é que começa o trabalho ». Elogiou seus adeptos e concluiu: « Se a maneira não foi violenta é porque não encontrou resistência ». Na realidade, os do Aventino, no momento de se arriscarem numa acção concreta, depois de muita conversa, tinham fugido.

Foram afastados do governo os ministros que não eram fascistas. Unidade de directrizes e intensificada intransigência caracterizaram o periodo em que foram elaboradas as leis fascistas que deviam enraizar a Revolução em todos os sectores da vida nacional e transforma-la profundamente.

Todas as directrizes foram dadas pelo Duce, que assumiu pessoalmente os Ministerios militares. Em pouco tempo, foi reformado o Conselho de Estado, o sistema tributario, a Segurança Publica, foram

Mussolini e feijo.





Mussolini no teatro  
no meio do povo.

aumentados os poderes dos prefeitos, reorganizada a burocracia e o sistema judiciário, disciplinado o exercício dos caminhos de ferro, sistematizadas as províncias redentas, reconquistadas com energica acção militar e civil, a Tripolitânia e a Cirenaica, submetidos alguns sultanados da Somália, suprimidas as lojas maçónicas e as sociedades secretas, abolida a onerosa taxa de sucessão que destruia os patrimónios familiares, substituídos os síndicos pelos podestás, reguladas as pensões de guerra. Essas primeiras reformas culminaram na lei que criava o título e a figura constitucional do Primeiro Ministro, atribuindo ao Chefe do governo plena autonomia e altos poderes em relação ao Parlamento e aos Ministros.

No começo da primavera houve no Senado um violento debate, no tocante a reorganização do Exército. Uma reforma apresentada pelo Ministro da Guerra general Di Giorgio, levantara graves objeções por parte de muitos generais dantes comandantes de importantes unidades de guerra. Mussolini viu-se obrigado a enfrentar pessoalmente o problema, e expor a sua melhor solução num discurso que impressionou pela sua lógica e pela sua capacidade assimiladora e esclarecedora, revelando-se mesmo aos mais cépticos um grande génio. Esse discurso, lançou as bases da organização definitiva das Forças Armadas fascistas.

Quando se discutiu a lei contra a Maçonaria, Mussolini fez declarações perentórias: « Durante estes meses de governo constatei que a Maçonaria deslocou seus homens naqueles que eu chamo os

ganglios nervosos da vida italiana. Parece incrivel que funcionarios de altissimo grau frequentem as lojas, e tomem ordens das lojas ». « Eu creio que com esta lei, a Maçonaria que eu já defini um guardavento e que não é uma montanha como pareceria de longe, mas uma bexiga que num determinado momento é preciso furar, mostrar-se-á aquilo que realmente é: uma sobrevivencia que não tem mais razao de existir no seculo actual. E ha uma razão muito mais forte para mim — espirito de campones, de que me orgulho — e é a seguinte: deve-se fazer muito bem aos amigos e muito mal aos inimigos. Esta maxima não é de um esquadrista da ultima hora, é de Socrates ».

### *O poder para o Fascismo.*

Em 6 de junho de 1925, foi celebrado o 25º aniversario do Reinado de Victor Emmanuel III e o Duce exaltou na Camara, a figura do soberano, definindo-o sabio e vitorioso, com estas palavras que constituirão o mais alto elogio durante os seculos: « Crê na guerra e tomou parte na guerra, soldado entre os soldados; dela não duvidou nem nos periodos de maior incerteza como demonstrou em Pesquiera ».

A faculdade que Mussolini possui de fazer com que as palavras correspondam aos factos, de definilos escultoreamente, de realizar com a enunciação de ideas, os estados de animo dos quais surgem a fé e a acção das massas, manifestou-se no discurso pronunciado em 22 de junho, por occasião do encer-

ramento dos trabalhos do congresso do Partido no Augusteo. Os valores políticos da Revolução, suas directrizés ideais, a orientação pratica do Regime, no presente e no futuro, foram demonstrados claramente nesse discurso que se tornou um dos principios fundamentais do fascismo na origem de sua fase realizadora. Deu sua palavra de ordem: « Intransigência absoluta ideal e pratica ». « O poder para o Fascismo ». Rompeu os laços com o passado: « Hoje o Fascismo é um partido, é uma milicia, é uma corporação. Não basta: deve tornar-se algo a mais, deve tornar-se um modo de vida. Devem existir os italianos do Fascismo, assim como existem com caracteres inconfundiveis os italianos do Renascimento, os italianos da latinidade. Só criando um modo de vida, isto é um modo de viver, poderemos marcar as etapas na história e não somente na crónica. Qual é esse modo de vida? A coragem antes de tudo, a intrepidez, o amor ao perigo, a repugnância pelos homens inuteis e pelos pacifistas, estar sempre preparados á ousadia tanto na vida individual como na colectiva, e desprezar tudo quanto é sedentário ». « A meta é essa: o Império ».

O antifascismo agonizante abandonou-se a tentativas desesperadas e delinquentes, visando atingir na vida o homem sagrado aos italianos, enquanto os mais irreduceiveis fugiam para o estrangeiro supondo possivel regressar depois de uma desejada e preanunciada derrota do Fascismo, contando com o auxilio das forças internacionais, já alarmadas com o inesperado e incompreensivel espetaculo da Itá-

lia ressurgida. Assim é que se delineou uma segunda fase de luta no vasto horizonte europeu.

No entanto, nesse tempo, Mussolini preocupou-se com a malaria empregando todos os meios para combater essa enfermidade, continuou suas visitas ás diversas províncias e voltou a Milão, como havia prometido no ano anterior. Assim falou no Teatro Scala: « Esta é a nossa formula: « Tudo no Estado, nada fóra do Estado ou contra o Estado ». Contemporâneamente, confiava aos fascistas italianos residentes no estrangeiro encargos preciosos, exigindo o maior respeito pelas leis do País em que residem. E assinava o tratado de Locarno, empenhando a Itália no interesse da paz, a garantir as fronteiras franco-alemãs, juntamente com a Inglaterra.

Num artigo publicado em « *Gerarchia* » resumiu as fases da actividade do Regime, lembrando que em abril o Grande Conselho havia enfrentado o secular problema relativo ao Sul da Itália, instituindo comissões especiais que se encarregariam da sua solução; e que no decorrer do verão tinhase iniciado outra campanha: a da revalorização da lira.

### *Nada poderá acontecer-me.*

Em fins de 1925 e durante o ano de 1926, quatro vezes atentaram contra a vida de Mussolini. Iniciou a serie o ex deputado socialista Zaniboni a serviço da Maçonaria, que fora encarregado pelo general Capello de perpetrar o delicto. Zaniboni foi

descoberto e preso no quarto de um hotel de cuja janela ele pretendia atirar no Duce no dia do aniversário da vitória. A reacção foi imediata, mas não violenta: foram ocupadas as lojas maçónicas, dissolvido o partido socialista unitário, enquanto o Duce pedia para que a ordem não fosse perturbada. Como no caso Matteotti, os fascistas tiveram de conter a sua ira, enquanto centenas de esquadristas eram presos por pequenas ilegalidades. Mas a reacção moral foi enorme: O Soberano, a Rainha e os Príncipes, manifestaram a sua indignação e felicitaram-no por ter escapado ileso. Pio XI definiu o Duce « o homem da Providência » e a multidão acudiu para o aclamar; o Chefe disse: « Se eu tivesse sido atingido nesta sacada, não estaria morto um tirano, mas um que serve ao povo italiano ». Mais forte, naturalmente, foi a reacção no segundo atentado perpetrado em 7 de abril de 1926, por uma velha louca estrangeira, que feriu Mussolini no nariz com um tiro de revolver, ao sair do Capitólio. Apesar de ferido, o Duce não modificou o imponente conjunto de trabalhos a que se dedicou nesses dias. Na mesma noite instalou o novo Directorio do Partido e preparou-se para a sua viagem a Tripoli. Exortou os camaradas à calma, pois tudo o que sucedia em volta d'ele, deixava-o impassível. « Digovos como um velho combatente: Se avanço segui-me, se recuo matai-me, se morro vingai-me ». A velha estrangeira foi expulsa do território italiano. No dia seguinte, navegando para a África a bordo do vapor « Cavour » o Chefe disse aos hierarcas do Partido: « Nós somos mediterrâneos e o

nosso destino sem imitar ninguem, está no mar ». Mais tarde perante os milaneses que o aclamavam, repetiu: « As balas passam e Mussolini fica ».

Em onze de setembro do mesmo ano, um tal Lucetti, um miseravel sob as ordens de antifascistas exilados na França, atirou uma bomba na passagem do automovel do Duce que de via Torlonia se dirigia ao Palacio Chigi. A bomba pulou no meio da rua e explodiu sem atingir o alvo, mas feriu alguns transeuntes. Chegando ao salão da Vitoria, Mussolini recebeu o Embaixador da Inglaterra com o qual tinha audiencia marcada e esse diplomata só teve conhecimento do ocorrido, quando a multidão anciosa debaixo das janelas, reclamava a presença do Duce. Ele pediu mais uma vez que a ordem publica não fosse perturbada, mas acrescentou que era necessário acabar de vez com as conspirações dos criminosos e preanunciou providencias radicais para impedir os atentados que não ameaçavam tanto a sua pessoa quanto o laborioso e pacifico desenvolvimento da vida italiana. Estas providencias estavam ainda em exame quando em 21 de outubro de 1926, houve um quarto atentado em Bolonha pouco antes da sua partida dessa cidade, onde fora recebido com entusiasmo delirante. Em face do congresso da Sociedade para o progresso das ciencias, no historico Archiginasio, ele havia falado sobre os mais altos problemas inherentes ao destino humano, apresentando esta franca reserva: « Que dei eu á ciéncia? Nada. Que dei como Chefe do Govêrno? Muito pouco ». Alguns minutos mais tarde, um tal Zamboni, jovem transviado por obscu-

ras sugestões, disparava um tiro de revolver que atravessava a faixa de uma condecoração mas o Duce ficava ileso. A multidão exasperada justiçou de maneira sumaria o criminoso. Comtudo, o Duce tranquilizou seus adeptos dizendo-lhes: « Nada poderá acontecer-me antes que a minha missão esteja terminada ».

Entretando, a insistencia dos atentatos encherá as medidas. Para garantir a segurança do Estado, que não pode estar á mercê de humores individuais sectaristas foi estabelecido o regulamento da imprensa, foram eliminados os partidos subversivos, prevista a pena de morte para os delictos mais graves, instituido um tribunal especial e um exilio dentro da propria Itália.

### *Humanidade.*

A Nação estava tão exasperada e preocupada com a segurança do Chefe quanto ele resolvido a tutelar a segurança da Nação. Desde êsse momento, ordem, disciplina e completa harmonia dominaram definitivamente a vida italiana. Outros conspiradores, enviados pelos antifascistas afim de insidiar a vida do Duce, faliram nas suas tentativas e descontaram a pena que seus infames mandatarios não ousavam arriscar. Mussolini envolvido num circulo protetor formado pela apaixonada devoção dos italianos, orgulhosos de ter um Chefe, que tem sempre razão, que transformou a situação do País no mundo, que precede na intuição do futuro e que não falha o golpe. O amor pelo povo

que trabalha, a simplicidade, a obra gigantesca realizada, a generosidade que lhe faz sentir as necessidades colectivas e individuais antes ainda que sejam expressas, exaltam os animos até a submissão mais completa, capazes de quaisquer sacrifícios.

Certa vez, Mussolini ao descer do automóvel em companhia de um dos componentes das mais ilustres famílias italianas, viu um pobre que o fitava sem dizer uma palavra. Com gesto rápido, o Duce deu-lhe uma nota e ao patrício surpreendido pela oferta a quem nada pedira, ele disse: « Enganais-vos, mas não é culpa vossa. Só quem passou fome, pode compreender o olhar de um homem que tem fome ».

Depois da Marcha sobre Roma, o Duce visitou as províncias italianas para inteirar-se de suas necessidades, para manter vivo e continuo o contacto com os fascistas e com o povo, para avaliar o seu estado de animo e suas aspirações. Navegou, voou, regulou seus dias segundo um método rigoroso, impôz a si mesmo e aos seus colaboradores tal ordem no trabalho que multiplicou sua já formidável capacidade de rendimento. Alternou as graves funções de Chefe do Governo e do Partido com os exercícios físicos. As autoridades a custo conseguiam segui-lo nas suas rápidas marchas, nas corridas em automóvel que só interrompia quando a multidão que esperava a sua passagem se acercava do carro, como na Sardenha, na Sicília, em Nápoles, em Milão, em Turim, em Florença e Bolonha.

Socorreu os infelizes, distribuiu dinheiro e objectos a numerosos postulantes, protegeu os ar-

tistas, ocupou-se de filosofia, de literatura, de ciências e de problema tecnicos militares. Favoreceu as iniciativas uteis, recebeu milhares de pessoas, fiscalizou todas as actividades e imprimiu uma orientação precisa aos sectores da vida nacional. Ocupou-se sem solução de continuidade de grandes e pequeninas coisas, sempre disposto a providenciar nas emergencias repentinhas. Mais de uma vez teve de socorrer pelas estradas provincianas vian-dantes e infortunados. Numa ocasião, um guarda que não o reconheceria fez-lhe pagar uma multa por excesso de velocidade e quando o Duce lhe disse quem era ficou petrificado; mas o Presidente fez questão de pagar e elogiou o guarda por ter cumprido o seu dever. De outra vez, quando se dirigia a uma aldeia do norte da Itália, uma menina pediu-lhe que a levasse de automovel pois só assim chegaria em tempo para ver o Duce; e ele acedeu ao seu pedido dizendo-lhe que certamente veria Mussolini.

Justamente, no ano dos atentados contra a sua pessoa, Mussolini enfrentou duas emprezas de alcance consideravel no tocante a vida italiana e os objectivos da Revolução.

Antes de tudo, a defesa da lira, contra os insidiosos ataques da finança internacional movida pela falta de confiança no Regime fascista ou com o objectivo de abate-lo; essa defesa foi precedida por uma regular sistematização das dívidas de guerra com a Inglaterra e os Estados Unidos. Para definir as negociações foi enviado a Washington e a Londres o conte Volpi, que as concluiu felizmen-

te, de modo que a Itália foi o primeiro Estado que regulou os compromissos assumidos durante a guerra. Foi então, que os genoveses tomaram a iniciativa de fazer uma subscrição popular, que logo reuniu a soma necessária para o primeiro pagamento aos Estados Unidos. Mas persistindo a incerteza económica e financeira, em 18 de agosto de 1926, em Pesaro, o Duce fez uma declaração perentoria e solene que liquidou os especuladores e garantiu a defesa dos economizadores: « Digo-vos que defenderei a lira até o último respiro, até o último sangue. Não infligirei a este povo maravilhoso da Itália que há quatro anos trabalha como um heroe e padece como um santo, a vergonha moral e a catastrofe económica da falência da lira ». E manteve o compromisso obrigando os baixistas e os iludidos pelo falaz paraíso da inflação a se converterem. Lentamente no meio de asperas dificuldades, a lira foi revalorizada e estabilizada a cota 90.

### Código do Trabalho.

Já era tempo de solucionar o problema social assim como o Fascismo o havia encarado desde as origens, isto é, vencer a luta de classe afirmando o princípio da colaboração entre as categorias produtoras, segundo critérios de justiça económica no quadro superior do interesse colectivo. O Regime fascista é Regime de povo, o Estado é o guarda único e supremo da sorte da Nação, por isso, tutela a propriedade, o trabalho, o capital e a iniciativa particular. Mas para assegurar os direitos

impõe também os deveres contra toda a tentativa de domínio do capital sobre o trabalho e vice-versa. A imponente organização dos sindicatos reunidos em federações e confederações, além do reconhecimento jurídico, carecia estabelecer as normas para os contratos colectivos de trabalho e garantir-las mediante a magistratura que julga nas controvérsias.

Estes princípios fundamentais foram fixados no Código do Trabalho, estatuto da nova sociedade produtiva italiana. O sistema corporativo completou o enquadramento criando em fases sucessivas a nova estrutura que constitui a criação fundamental da Revolução Fascista, a contribuição característica da genialidade do Duce na solução do problema social, a base da reforma constitucional e da formação da nova classe dirigente, a eliminação do alterno predominio de uma classe ou de um único e limitado conjunto de interesses e de homens no governo do País, sob a falsa máscara democrática da representação por sufrágio. Emfim a consciência popular estava disposta a acolher a reforma e as greves haviam cessado definitivamente.

Os repetidos atentados não fizeram descuidar o Duce do problema inherente aos italianos no estrangeiro. Em princípios de 1926, discutiu com firmeza com o ministro alemão Stresemann no tocante o Alto Adige, afirmando que no limite sagrado do Brenner, a Itália não admitia discussões. E a seguir como se fosse um humanista entregue aos estudos, depois da monografia « Preludio al Machiavelli » que havia escrito para obter um diploma, deu em Perugia uma lição sobre « Roma an-

tiga no mar » e na mensagem que dirigiu aos italianos por ocasião do quarto aniversário da Revolução resumiu a obra realizada, lembrando a reforma dos códigos, a criação da Obra Nacional Balilla, da Obra de Maternidade e Infância, dos Conselhos provinciais da economia, da Milícia florestal, da Aviação civil, do Instituto central de estatística, da Instrução premilitar, da lei sobre os direitos de autor, do Instituto nacional de exportações, a unificação dos Institutos de emissão, as grandes obras públicas em andamento e os velozes transatlânticos que tinham sido lançados ao mar. Falou enfim, da nova política colonial e das emigrações internas que deviam substituir o miserável exodo dos emigrantes forçados a abandonar a pátria por falta de trabalho. Mas advertiu que também a moral e os costumes deviam ser renovados e libertados dos sedimentos psicológicos da velha Itália demo-liberal.

Até as vésperas da promulgação das leis fascistas, Mussolini considerava ainda mediocre o trabalho executado. Já em 1923 havia escrito aos redatores do « *Imperio* »: « O vosso artigo que conclui pedindo que me considerem sagrado causou-me espanto. Peço meus caros amigos, que não toquem mais neste assunto e me deixem inteiramente na minha maneira de ser profano ».

Descurando o valor da obra já realizada, mirava o futuro, ideando outras emprezas. Exprimiu em síntese estes propósitos a 23 de março de 1926: « Se o Fascismo conseguir plasmar assim como eu quero o carácter dos italianos, podeis estar tranquilos e certos de que quando a roda do destino

passar ao alcance das nossas mãos, estaremos prontos para agarra-la e dobra-la á nossa vontade ».

Não foi uma frase retórica pois Mussolini nunca pronunciou frases retóricas. Quando levanta a voz é para sintetizar uma situação concreta nos seus valores supremos ou para anunciar empresas futuras que serão realizadas. Assim foi, após a circular dirigida aos prefeitos e o Código do Trabalho publicado em princípio de 1927, com o famoso discurso denominado da Ascensão, porque foi pronunciado na Câmara no dia dessa festa religiosa e que indicou o caminho da ascensão italiana. Nesse discurso, Mussolini traçou as linhas da acção fascista no período de dez anos.

### Ascensão.

O Duce assim começou: « Hoje é um dos dias em que eu coloco a Nação em face de si mesma ». Continuou examinando em primeiro lugar o problema da saúde da raça, a respeito da qual definiu suicida a teoria do deixar fazer do deixar correr.

Anunciou o acentuar-se das enfermidades sociais e principalmente da tuberculose, originando-se assim a campanha empreendida contra essa molestia. E sobretudo deu alarme contra a decadência demográfica; foi um grito de preocupação apaixonada que chegou inesperado quando todos acreditavam num presumível excesso de natalidade. Advirtiu e repetiu que só o número é potência, que o decrescimento demográfico é o mais grave indicio de decadência de um povo, que só a vida chama

a vida, que as crises politicas e tambem económicas derivam do declinio da população e não do seu acrescimo. O declinio disse o Duce, está ligado á decadência moral, é por isso que o Fascismo devia reagir, estando o destino das nações ligado á sua potencia demografica. Denunciou neste sentido, o perigo do urbanismo industrial, que é causa da esterilidade das populações: « Se diminuirmos meus senhores, não realizaremos um Império mas seremos uma simples colonia ». Daí a necessidade de uma política rural tenaz. No tocante os problemas da segurança publica, lembrou as empresas levadas a cabo e principalmente a supressão da « mafia » siciliana. Fez notar, que, as recentes medidas de policia, tomadas após os atentatos nada tinham de comum com a carneficina de todas as revoluções passadas e recentes: do terror francês ao terror russo. Aos que insistiam sobre a necessidade intrínseca de uma oposição qualquer, ele rebatia com firmeza: « Nos repelimos esta maneira de raciocinar. A oposição é insensata, superflua num regime totalitario como o Regime fascista é util em tempos academicos ». « A oposição está em nós mesmos meus caros senhores; não somos como velhos cavalos que tem necessidade de serem picados; nós controlamos severamente. A oposição está principalmente nas coisas, nas dificuldades objectivas, na vida que nos dá uma vasta montanha de oposições, que poderia exgotar espíritos mesmo superiores ao meu ». Advertiu que não era bastante assegurar a ordem publica: um regime totalitario obtém a confiança e a adesão das massas, asse-

gurando sobretudo a ordem moral. Exaltou a mocidade, constatou a aprovação unânime e a formação de uma nova classe dirigente. Afirmou que elevados objectivos deviam ser atingidos como a reorganização das Forças Armadas e a reforma constitucional. E anunciou: « Nós poderemos fazer ouvir a nossa voz e veremos reconhecidos os nossos direitos, quando entre 1935 e 1940, representarmos um dos pontos principais da história europea ».

Após a promulgação das leis fascistas houve mudança radical da situação e o Duce concluiu: « Que fizemos nós nesses cinco anos? Fizemos algo que é colossal, secular, monumental. Criamos o Estado unitário italiano ». « E esse Estado manifesta-se numa democracia organizada unitaria, na qual o povo se move a vontade, porque, meus senhores, ou vos intrometeis o povo na cidadela do Estado e ele a defenderá, ou ficará de fóra, nesse caso a assaltará ». Afirmei que dentro de dez anos a Itália, a nossa Itália será irreconhecível, porque nós transformaremos seu aspecto e principalmente sua alma ».

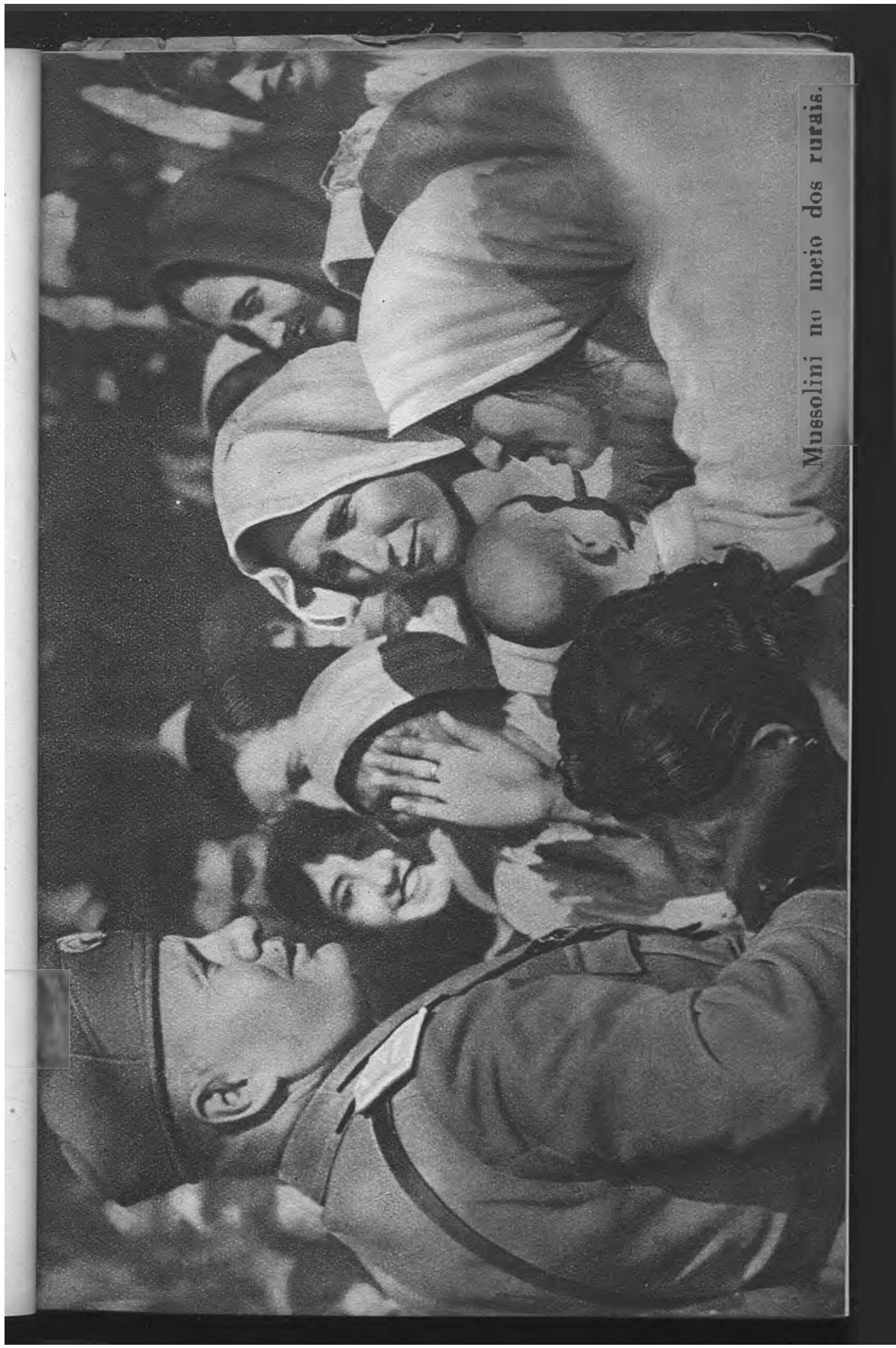
Dedicando-se ao seu trabalho político, Mussolini nunca perdeu seu tempo em distrações futeis, nem descuidou o exercício físico. Seu único descanso foi variar as ocupações. Os nossos campos, as populações e suas actividades não tiveram para ele pontos mortos ou desconhecidos: de tudo quer ser informado, está ao par de tudo mesmo das coisas mais desagradáveis; aos carabineiros deu-lhes a senha: « Dizei-me a verdade ». Desde os primeiros dias de governo, ordenou que não o acordassem

durante a noite para comunicar uma notícia agradável. Só em caso de graves acontecimentos, sua família poderia avisá-lo a qualquer hora.

*Ninguem se iluda.*

Alem dos mais arduos problemas Mussolini continuou a ocupar-se de todos os detalhes que completam o quadro da vida nacional. Promoveu o plano remodelador de Roma para restituir á Urbe o antigo explendor as obras, das escavações de Herculano, e recuperou as naves romanas submergidas no lago de Nemi. Ocupou-se da cooperação, da cinematografia, fundou o Conselho nacional de pesquisas presidido por Guilherme Marconi, criou o Obra Nacional Dopolavoro, a União dos Oficiais aposentados, a Comissão suprema de defesa, enquadrou as varias actividades esportivas e enfim criou, a Academia da Itália. Ocupou-se tambem das dramaticas vicissitudes da expedição ao polo, comandada pelo general Nobile. Impressionou artistas, científistas, filosofos do mundo inteiro, inaugurando ou realizando varios congressos internacionais, e pronunciando seus discursos em alemão, em frances e em ingles.

Em 1928, no dominio político interno e internacional, assinou uma serie de acordos com diversos Estados: com ras Tafari, estabeleceu um pacto italo-abissinio, com Venizelos um pacto italo-grego; fez aliança com a Albania, fez a Itália aderir ao Pacto Kellog. Finalmente, inseriu o Grande Conselho na Constituição e fixou os planos



Mussolini no meio dos rurais.

Mussolini abraçando uma criança.



e as normas executivas da bonificação integral. Convocou em reuniões o Partido, o Exército, a Marinha, a Aviação; falou aos oficiais, participou nas grandes manobras, convocou periodicamente os prefeitos, os questores, os secretários federais, os padestás.

Alguns discursos pronunciados em 1928, antes do fim da legislatura prospectaram o quadro da obra realizada. Aos que falavam de constituição violada, disse claro que o Fascismo devia e pretendia modificar o Estatuto do Reino, para adaptar a carta fundamental aos tempos e às necessidades da nova vida italiana, desde que o Estatuto concedido por Carlos Alberto em 1848, prescindia de factores essenciais da vida moderna como os sindicatos orgão de direito público, as corporações, a posse de colônias e outros elementos. Lembrou aos fanáticos dos imortais princípios — convencendo-os de contradição — que justamente o artigo 27 da Declaração dos direitos do homem assim reza: « Todas as constituições estão sujeitas à revisão, porque nenhuma geração tem o direito de submeter às suas leis as gerações vindouras ».

Em 9 de dezembro desse ano, sandou a Câmara que se dissolvia definindo-a « Constituinte Fascista » pelo trabalho de reforma por ela realizado. Insistiu para fazer notar, que apesar do assim chamado espírito de Locarno, e do sublime Pacto Kellog, todos os Estados enveredavam no caminho dos armamentos: « Quando se aproxima a tempestade é que se fala de paz e de tranquilidade ». Concluiu: « Marchamos para tempos difi-

ceis. Não chegou ainda e talvez nunca chegue o momento em que se pode estar sentado ».

Emfim, nas vespertas das eleições marcadas para março de 1929, convocou numa reunião, chamada Assemblea quinquenal do Regime, todos as hierarquias, e assim falou: « Deante do meu espírito está a nossa Itália na sua configuração geográfica, na sua história, na sua gente: mares, montanhas, rios, cidades, campos, povo. Segui-me ». E explicou quanto tinha sido feito até essa data sem contar as obras já lembradas: a assistência aos pobres e nas colonias de mar de montanha aos filhos do povo; a criação de bosques, o credito agrario, a construção de novas escolas, o apetrechamento dos portos, a criação de centros universitarios, os contratos de trabalho, a lei das oito horas, e a imponente legislação social; a electrificação ferroviaria, as autoestradas, os aqueductos, as hacias de montanhas, o fortalecimento da Marinha militar e mercantil, da Aviação, a colonização da Líbia, a construção de estadios esportivos, duas mil leis elaboradas e postas em prática e a elevação espiritual e física do povo.

No decenal da fundação dos Fasicos assim falou das eminentes eleições. « O fascismo, que se orgulha do que tem realizado, não pretende solicitar votos com promessas lisonjeiras, pelo contrario, repele-os ». « Ninguem se iluda de poder por com um punhado de cedulas, uma eventual e efímera hipoteca sobre os desenvolvimentos do Regime, que amanhã será mais totalitario do que ontem ». « Quem não aceita este caracter de eleições plebi-

scitarias, a quem não agradam as varas e a machadinho do lictor romano e fascista, pode votar tranquilamente com o rebanho adversario ».

As eleições alcançaram uma percentagem de votantes nunca conseguida durante o antigo regime liberal, quando partidos e facções se empenhavam com afinco, para arrastar os eleitores na luta de cartazes.

### Conciliação.

No discurso da Assembléa quinquenal, Mussolini havia documentado o trabalho realizado até então para o governo do País: « Não julgueis que eu possa cometer um pecado de imodestia dizendo que esta obra da qual eu já vos fiz um pequeno resumo, seja activada pelo meu espírito. A obra de legislação, de orientação, de controle e de criação de novos institutos, não constituiu senão uma parte do meu trabalho. Ha outra, que não é muito conhecida, mas da qual podeis fazer uma ideia pelas cifras seguintes: Concedi mais de 60 mil audiências; interessei-me por um milhão 887 mil e 112 questões relativas aos cidadãos, que foram dirigidas á minha secretaria particular. Sempre que um cidadão ainda que da mais remota povoação se dirigiu a mim, nunca deixou de ter uma resposta. Não basta governar, é necessário que o povo tenha a prova de que o governo se compõe de homens que compreendem, que amparam e que não se sentem avulsos do resto do gênero humano. Para poder resistir a êsse esforço, tive de submeter

o meu motor a un regimen, de distribuir e regular o meu trabalho, de reduzir ao minimo todo e qualquer desperdicio de tempo e de energia, e resolvi adoptar esta maxima que eu recomendo a todos os italianos: o trabalho deve ser metodico e executado -com regularidade. Nada de trabalhos atrasados ».

A resenha foi completada por um dado excepcional: a conciliação da Igreja e o Estado, realizada desde 11 de fevereiro do mesmo ano com a assinatura imprevista dos Pactos de Latrão, quasi, 60 anos depois do inicio da grave dissidência que dividira em duas facções a sociedade romana e que as manobras tenazes da Maçonaria aprofundara, servindo o jogo de Potencias estrangeiras.

A Conciliação foi uma das obras primas de Mussolini, e o sucesso mais inesperado e extraordinario que concluia uma fase da história e obtinha da Santa Sé, o reconhecimento de Roma capital da Italia, com a Monarquia de Casa Saboia e criava o novo Estado da Igreja com a delimitação de um territorio chamado « Cidade do Vaticano »; coroava o sonho de muitos leigos e eclesiasticos e restituia Roma a função que exercera só nos tempos do Império. A Igreja Romana resolvida a tratar com o Govêrno criado pela Revolução, apesar da tradicional prudencia da diplomacia vaticana, demonstrou a propria inteligente confiança no poderio do Regime fascista e na sua estabilidade.

Mas o grande acontecimento foi tão imprevisto atingiu tantas situações e tão enraizados preconceitos, que muitos entre os proprios fascistas de

vistas menos largas, ficaram mais impressionados do que entusiasmados. Só mais tarde, compreenderam, quando surgiu uma divergência a respeito da interpretação dos acordos com relação à educação da mocidade; esta foi superada devido a energica intransigencia de Mussolini. Então os inimigos do Fascismo e da Igreja ficaram confusos, ao mesmo tempo que, os retardatarios, de boa vontade chegaram finalmente a compreender o acontecimento maior do que êles, ajudados pela palavra de Mussolini que ilustrou duas vezes na Camara e no Senado os motivos superiores da Conciliação. Já perante a Assembléa quinquenal o Chefe lembrou que o « Império romano é o presuposto histórico do cristianismo antes e do catolicismo depois », que o acordo de 11 de fevereiro havia arrancado uma espinha do flanco da Nação e tinha sido o « marco » distante 15 séculos de história. Em 14 de maio, o Duce examinou na Camara todos os precedentes da questão com excepcional demonstração de competência histórica e diplomática, revelando ineditos, narrando as fases das negociações por ele entabuladas desde o outono del 1926, quando outros graves problemas deviam ser resolvidos, e ninguém imaginava a iniciativa que foi mantida secreta até a ultima hora. Isto obrigara Mussolini a tomar toda a responsabilidade das supremas decisões apenas com a aprovação explícita do Rei. « Uma dessas responsabilidades — disse — que fazem tremer as veias e os pulsos de um homem. Responsabilidade terrível que não só resolvia a situação do passado como comprometia o futuro! E sem poder pedir conselhos

a ninguem; só a minha consciência devia mostrar-me o caminho através de penosas e longas meditações ». « Mas sempre pensei e penso que uma revolução só é revolução quando enfrenta e resolve os problemas históricos de um povo ». Rendeu homenagem ao espírito de compreensão do Papa, e fez notar que apesar do alcance internacional do acordo, ele tinha sido levado a termo sem a intervenção de outras Potências.

Completou a composição do tema, a 25 de maio no Senado, conseguindo elevar á altura da propria obra também aqueles que se demonstraram incapazes de compreender a importancia do acontecimento. E mais tarde, ao vencer a ultima controvérsia relativa á aplicação do Concordato, selou o facto consumado, com uma visita a Pio XI no Vaticano.

### Tempos dificeis.

Em fins de 1929, a situação geral sofrera uma mudança tão improvisa que se não chegou a impedir ao Fascismo de prosseguir sua marcha, oposlhe todavia, obstaculos tremendos devido á crescente hostilidade das nações que baseavam sua prática hégemonica nas clausulas do tratado de Versailles e no propagar-se da crise económica mundial que rebentou em New York, em fins de outubro. Logo que foi dominada a oposição interna, o fascismo viu-se deante de si uma muralha de dificuldades e de aversão, determinada pela inimizade das grandes democracias plutocraticas e pela crise do sistema capitalístico.

Mussolini opos a estas forças negativas provenientes de fóra, uma frente de resistência constituída pelo espírito de sacrifício, pela fé ardente, pela disciplina, pela solidariedade do povo italiano, que se estreitara em torno dêle, do audaz piloto do navio surpreendido pelo tufão em plena navegação. A desocupação, e as falências, de empresas industriais, agrícolas e comerciais, e de bancos, aumentavam dia a dia. Houve numerosas vítimas, conscientes como os famosos açambarcadores de negócios, ou inocentes como os operários, os camponezes e os economizadores; mas o ciclone foi vencido sem que nunca faltasse a capacidade, e a vontade de resistência da Nação.

Durante o mês de maio de 1930, Mussolini falou em Livorno, Lucca, Florença e Milão para denunciar as más intenções de certas Potências hostis á Italia não mais escrava da influência das mesmas. Repetiu que a situação indicava o aproximar-se de tempos dificeis. Disse que todos quantos se propuzessem atentar contra nossa independencia e o nosso futuro « ignoram até que ponto eu poderia levar a paixão do povo italiano ». « Então todo o povo, velhos, crianças, camponezes operários, armados e inermes tornar-se-ia uma massa humana e mais do que uma massa humana, um holide que poderia ser atirado contra quem quer seja e onde quer que seja ». Foi como um aviso misterioso, intempestivo, agressivo, e como tal foi considerado no estrangeiro: no entanto, foi apenas a anticipação exacta do que devia realmente acontecer alguns anos mais tarde.

No domínio interno, o sistema corporativo revelou-se um instrumento eficiente capaz de enfrentar a crise económica geral. Em princípios de outubro, Mussolini assim falou no Conselho nacional das Corporações; « o Estado fascista é corporativo ou não é fascista ». Demonstrou o que havia definido « o Estado maior da economia italiana » a gravidade da crise e a contração das receitas do Estado. Assinalou a intervenção constante do Estado em prol das indústrias periclitantes quando se tratava de tutelar um interesse colectivo e exprimiu a certeza de que a nova e duríssima prova seria vencida.

Ele deixara de há tempos muitos Ministerios para confia-los a fascistas já praticos nas repartições públicas. Mais tarde suprimia as barreiras aduaneiras comunais, um verdadeiro absurdo e um impecilho medieval do tráfego e favoreceu os cruzeiros aéreos comandados por Italo Balbo no Mediterrâneo oriental e na América latina. Ordenou ao Secretário do Partido, Giuriati, que sucedera a Turati uma severa revisão dos inscritos, e em face da reacção antifascista que se propagava pelo mundo em outubro de 1930, disse claramente: « Hoje eu afirmo que o Fascismo como ideia, doutrina, realização, é universal; italiano nos seus institutos particulares, ele é universal no espírito ». « Ele resolve de facto, o triplice problema das relações entre Estado e indivíduo, entre Estado e grupo, entre grupos e grupos organizados ». E citou as palavras de um jornalista estrangeiro como uma exacta interpretação da realidade fascista presente e futura: « A Península é hoje um imenso campo no

qual milhões de homens se preparam silenciosamente na terra no mar, no ar, nas escolas, nos estadios, nas igrejas, para o grande sacrificio da vida, para a regeneracão da raca, para a eternidade latina, para a grande batalha que se travará amanhã ou nunca mais. Ouve-se um surdo rumor semelhante a uma imensa legião em marcha ».

### *Sandro, Arnaldo e a bondade.*

Ha tempos a familia de Mussolini residia em Roma, em companhia do seu Chefe, na residencia particular de Vila Torlonia. Romano e Anna Maria já tinham nascido e Vittorio e Bruno ainda criancas estudavam nas escolas publicas. Edda a adorada primogenita casara-se com Galeazzo Ciano, filho do Almirante Constancio Ciano conde de Cortelazzo, Medalha de Oiro, e Ministro das Comunicações. O Duce mantinha-se em contato diario com seu irmão Arnaldo que na direccão do journal « Popolo d'Italia » tinha-se revelado um valioso jornalista da Revolução, confidente e colaborador precioso.

Num triste dia de agosto de 1930, em pleno verão, a morte traiçoeira roubava a Arnaldo o filho mais velho chamado Sandrino que êle adorava. O tio viera de Roma para ver o sobrinho e para consolar o irmão na iminênciia do desenlace final, e voltara á Romanha para os funerais que se realizaram com afectuoso e comovido pesar popular. Mas a perda desse filho que só tinha vinte anos, dotado de raras virtudes morais e intelectuais, cortara

o coração de Arnaldo e a carinhosa assistencia do irmão não conseguiu consolar o seu animo profundamente amargurado. Arnaldo quis transfundir a sua dor profunda em obras de caridade para honrar a memoria de Sandrino e esforçou-se por voltar a trabalhar e tentou distrair-se com uma viagem á África; o pensamento dominante do filho perdido inspirou-lhe paginas de sublime reevocação: uma incomparavel elegia que não tem precedentes na literatura italiana deste seculo e que culmina num hino de reconhecimento a Deus. Arnaldo mandou aos amigos intimos as poucas copias impressas e Benito Mussolini lembra-se de ter chorado ao ler aquelas paginas.

Em 21 de dezembro de 1931, exgotado pela dor, Arnaldo morreu de repente em Milão, deixando aos italianos um nobre testamento espiritual. Não só os homens e as dificuldades politicas ou economicas do mundo se revelavam hostis, mas o proprio destino atingia Mussolini, arrancando-lhe o irmão. Com imponentes exequias Arnaldo foi enterrado na Romanha junto ao filho na colina de Paderno, de onde como havia escrito no testamento « parecer-me-á reviver eternamente com a gente de minha terra, dominando o vale onde floresceu a minha esperança ».

O Duce logo após a morte, quis honrar-lhe a memoria e documentar a sua obra. Traçou as primeiras paginas que conteem recordações da infancia que juntos passaram. Começa com uma frase pesarosa: « Quero escrever hoje — 25 de dezembro de 1931-X — Triste natal, talvez o mais triste

da minha vida, as primeiras paginas do livro que eu dedico á memoria de Arnaldo ». Mais adeante declarava: « Com a sua morte eu tenho muito sofrido e muito ainda hei de sofrer: como a do corpo, as mutilações do espírito são irreparaveis ». Eram as mesmas palavras que o bersalhiere Mussolini havia escrito depois da morte de sua mãe. « O meu pezar pela morte de Arnaldo é como um fogo secreto que sempre me acompanhará: fogo alimentador da minha vontade e da minha fé. Carregarei o peso também por ele, para que o seu canção, a sua paixão, a sua dor, não sejam desperdiçados; para que a sua memoria seja honrada; para que os ideais nos quais acreditou, triunfem e durem, ainda e sobretudo para lá da minha vida ». « Um homem politico pode duvidar do seu mais fiel colaborador, pode ser renegado talvez por um filho mas nunca por um irmão como Arnaldo; ele era a alma na qual, de quando em quando eu podia descansar a minha, encontrando alguns instantes de fugaz tranquilidade. Era nesses instantes, que, ou curvados sobre o tumulo de nossa mãe, ou reunidos por occasião de meu aniversario, ou do alto da Rocca das Caminate de onde admiravamos os lugares onde havíamos passado a nossa adolescência, que os nossos olhares se encontravam pensando naquela época feliz e despreocupada que trazia no seu seio o nosso duro destino ».

Nessa hora de sofrimento o povo italiano uniu-se ainda mais a ele ferido nos afectos humanos e viu a bondade do Duce através da descrição que ele fizera da bondade fraterna: « Ele foi um ho-

mem « bom ». Esta virtude da « bondade » era inata nêle. Bom que não significa fraco, pois que a bondade pode muito bem conciliar-se com a maior força de animo, com o mais ferreo cumprimento do proprio dever. A bondade não é somente questão de temperamento, mas de educação. E ela é — no outono da vida — o resultado de uma visão do mundo, visão na qual os elementos otimistas superam os pessimistas, pois que a bondade não pode ser ceptica mas deve ser credula. A bondade de Arnaldo não nascera de interesses politicos ou da busca da popularidade ».

#### *Ir de encontro ao povo.*

« A sua bondade não se manifestava ruidosamente pois êle era extremamente reservado. Pedia que não fizessem publicidade. Implorava — principalmente nos ultimos anos — que tudo se fizesse em silêncio. Só hoje pelas cartas que eu receho, tive conhecimento da sua imensa bondade, que não era somente de ordem material. O jornal é como um litoral do oceano ao qual vão ter, levados pelas ondas procelosas, aqueles para os quais a vida tem sido um problema sem solução ou um sofrimento sem treguas. Ser « bom » significa conceder um subsidio, interessar-se por um emprego, oferecer um abrigo, dizer uma palavra de conforto. Ser bom significa fazer o bem sem publicidade, sem esperanças de recompensas nem mesmo divinas. Ser bom toda a vida, apesar de tudo isto, é não obstante os enganos tecidos contra a boa fé pelos mistificado-

res, apesar da ingratidão e do esquecimento, apesar do cinismo dos profissionais: eis o ápice da perfeição moral, ao qual poucos conseguem atingir e no qual poucos permanecem! O homem bom nunca pergunta se vale a pena, pois acha que sempre vale a pena. Socorrer um desgraçado mesmo que não o mereça, enxugar uma lagrima mesmo se for impura; aliviar a miseria, dar uma esperança á tristeza um consolo a morte: tudo isto, significa não considerar-se estranho á humanidade mas tomar parte integral nela; significa entrelaçar as tramas da simpatia com fios invisiveis mas resistentes que unem os espíritos tornando-os mais perfeitos. No exercicio desta virtude Arnaldo se dedicara inteiramente depois da morte de Sandro. Desde então, não teve outro pensamente outro objectivo: fazer o bem para honrar a memoria do filho adorado: o bem a todos, amigos, indiferentes e mesmo aos inimigos. Não tanto aos inimigos pessoais — pois talvez nem os tivesse — mas aqueles do nosso tempo e do nosso triunfo. Estava longe das suas intenções mas indubitavelmente a sua obra muito beneficiou o Fascismo ».

Homens de grande valor, camaradas na peleja e na fé, como Miguel Bianchi e Henrique Corradini, já tinham sido arrebatados pela morte; e morreria tambem o Duque de Aosta, o condotiere da Terceira Armada na guerra, grande admirador de Mussolini e sustentaculo do Fascismo. A herança espiritual desses grandes homens animou a Nação na resistencia durante o duro periodo de crise.

O Duce comprometeu-se em assegurar a assi-

stência aos desocupados e ao mesmo tempo que encaminhava a grande empresa das bonificações, destinava biliões de liras para a criação de obras públicas segundo o criterio de empregar os operarios num trabalho de rendimento seguro em vez de desperdiçar o dinheiro do Estado em subsídios estereis. Instituiu as obras assistenciais com as quais o Partido proveu ás necessidades dos necessitados, criou o Instituto mobiliario italiano e mais tarde o Instituto de reconstrução industrial afim de auxiliar as forças economicas a sairem do pelago em que as havia atirado a crise.

Em outubro de 1931, mostrou em Nápoles as directrizes da politica italiana: directrizes de justiça que foram compreendidas e absorvidas pela Nação, mas repelidas pelo sordido e cégo egoismo das Potencias que a Itália ajudara durante a guerra. O discurso foi pronunciado na Praça Plehiscito, no mesmo lugar onde falara nas vespertas da Marcha sobre Roma: « Na política interna a divisa era a seguinte: ir decididamente de encontro ao povo ». No campo internacional advertiu que não era admissivel que tivessem de passar ainda 60 anos « antes que se possa por termo á tragica contabilidade do debito e do credito, nascido do sangue de dez milhões de homens que não verão mais o sol ». Sustentou a necessidade de uma perequação dos armamentos e de uma revisão dos tratados que constituiam um protocolo « ditado pela vingança, pelo rancor, pelo medo ».

Nos anos seguintes insistiu « para que se passasse uma esponja » nas dividas e para que se re-

conhecessem os direitos da Alemanha. Mas os beneficiarios de Versailles permaneceram surdos á sua palavra de justiça, até que a Alemanha teve de recorrer ao facto consumado para resgatar o proprio direito.

Mussolini falou sobre o perigo representado pelas demasiadas conferencias internacionais, que alem de nada concluirem, turvavam cada vez mais a situação. Emfim, em outubro de 1932, afirmou em Turim que o Regime se preocupava com a sorte dos trabalhadores em face do acentuar-se da crise, e não com as eventuais consequências politicas desta, porque estava mais do que certo da propria força. E lançou a primeira idea de um pacto entre as quatro maiores Potencias europeas para assegurar a paz.

### *Tu és todos nós.*

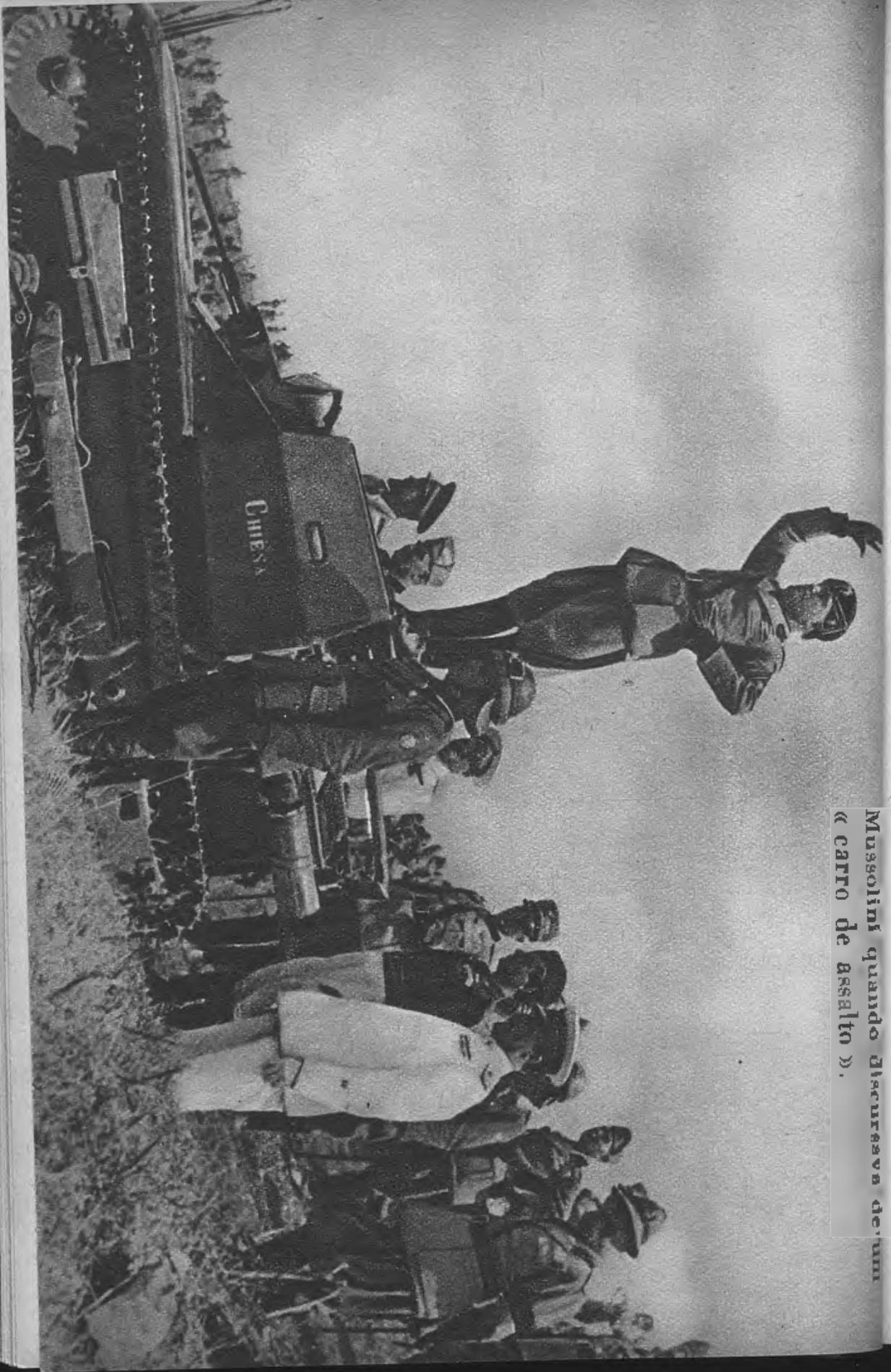
Aproximava-se o decimo aniversário do governo mussoliniano e do Regime fascista. Enquanto os problemas economicos e os politico internacionais se complicavam e se agravavam cada vez mais, o Fascismo preparava-se para completar a organização corporativa do País, elaborando a propria doutrina e preparando a Exposição da Revolução. Esta Exposição tinha o objectivo de representar os factos e o espírito da nossa historica fase depois da guerra, para que o mundo tomasse conhecimento da nova realidade fascista. Em junho de 1932, apareceu o volume da « Enciclopedia Italiana » que continha a voz « Fascismo » de cuja doutrina o

Duce tratou pessoalmente em páginas fundamentais que resumem as bases éticas, políticas e sociais do movimento e demonstram seu valor universal.

Em outubro do mesmo ano, o Duce falou aos hierarcas reunidos na Praça Veneza, para iniciar a série de manifestações do decenal. Disse: « Eu sou vosso chefe. E estou como sempre disposto a assumir as responsabilidades! ». Falou da situação económica cada vez mais grave e citou pela primeira vez o dilema: « É esta uma crise ciclica « no » sistema, então será resolvida, ou é uma crise « do » sistema e então encontramo-nos em face do trespasso de uma época da civilização para outra ». Insistiu sobre a oportunidade de dar um lugar aos jovens: « Ninguem é mais velho do que aquele que inveja a mocidade ». Em Milão fez notar, que o povo italiano era agora o protagonista da sua história e advertiu que o século XX seria o século do Fascismo, o século durante o qual a Itália voltaria pela terceira vez a ser mestra da civilização humana. Anunciou também uma amnistia. Emfim, expôz a nova estrada por ele traçada entre a Altar da Pátria e o Coliseu denominando-a de via do Império, não pela retórica reevocação de Roma dos Cesares que naquela zona imperava com seus Fóros, mas para significar o futuro Império. E nessa rua foram erguidas as estatuas de Cesar, de Augusto e dos principais imperadores romanos. No entanto, Roma tinha sido ligada ao mar de Ostia, por meio de uma autoestrada e na zona da Farne-

Mussolini comandante da Milicia.





Mussolini quando discursava da un  
« carro de assalto ».

sina erguia-se o Foro Mussolini destinado á educação física da juventude fascista.

As imponentes manifestações do decenal chamaram a atenção dos estrangeiros sobre a realidade da nova Itália. O mundo ficou surpreendido e estupefacto, como se durante os dez anos anteriores estivesse adormecido sem de nada se aperceber. Houve reconhecimentos por parte de estrangeiros e justas intuições, mas nem por isso deixou de acen-tuar-se a radical hostilidade política de certas Potencias, pelo contrario, aumentou como em face de um perigo ameaçador. A França contestou suas relações com a Pequena Entente e causou-lhe prazer alguns sintomas de aversão jugoeslava contra a Itália.

Comtudo, a política do Regimen no periodo do decenal foi inteiramente orientada no sentido da colaboração europea e no interior teve por objectivo redimir a zona palustre de Pontina com o divisa inicial: « É esta a guerra que nos preferimos » lançada por Mussolini em fins de 1932, durante a inauguração de Litoria. Desde esse dia, o Duce fixou as datas da fundação e da inauguração de outras cidades que deviam surgir naquela terra redemida: Sabaudia, Pontinia, Aprilia, Pomezia, nomes de sabor agreste e romano aos quais se juntaram mais tarde os de outros centros criados em zonas rurais, industriais, minerarias ou militares, como Mussolinia, Fertilia, Arsia, Carbonia, Guidonia, Marghera, Aquilinia, Ilvania, Volania, e das aldeias espalhadas na Tripolitania e na Cire-

naica, com o nome dos heróis da guerra e da Revolução.

Durante o verão muitas vezes o Duce voltou ás zonas bonificadas para constatar o seu incremento e ceifar o primeiro trigo, no meio do alegre fragor das maquinas. Os colonos vindos de todos os pontos da Itália, enfrentaram os riscos da redenção da terra, uniram-se ao Lavrador romanholo, orgulhosos, felizes de estar junto dêle, de tomar parte no mesmo trabalho, com o primeiro camponez da Itália. Certa vez, entre aplausos e aclamações, um grito afectuoso de consideravel significação elevou-se a ele do meio da multidão rural: « Tu és todos nós! ».

### Incognitas.

No entanto, construiam-se represas hidro-eletricas, inaugurava-se a linha Roma-Napoles, eletrificavam-se muitas linhas ferroviarias, completava-se o grande aqueducto das Pulhias e em outras provincias realizavam-se planos remodeladores de grandes e pequenas cidades, isolava-se o Capitolio. A estas obras publicas que não puderam ser realizadas quando no País dominava as lutas de partidos, Mussolini pessoalmente quis acrescentar a estrada destinada a servir o trafego entre o porto de Genova e o Val de Padua.

Ha tempos, um acordo naval italo-frances, failha logo após ter sido concluido porque os anti-italianos de Paris não quizeram aprovar o principio de igualdade já estabelecido em Washington. Os

Estados Unidos continuavam a repelir, o « golpe de esponja » ás dividas de guerra enquanto a crise económica dominava em toda a parte. Os beneficiários de Versailles insistiam em negar todo e qualquer direito já reconhecido em linha de princípio á Alemanha; em 1932, concluia-se sem resultado algum a primeira fase da conferência do desarmamento; a Sociedade das Nações perdia o Japão depois de uma inutil tentativa de intervenção no conflito sino-japonês; em todos os pontos do horizonte surgiam divergências e focos de guerra. A paz estava novamente em perigo embora não tivessem passado ainda 20 anos desde o inicio da conflagração mundial.

Então Mussolini, sentiu a urgência de assegurar a paz e durante o Ano XI, dedicou-se a um generoso e tenaz esforço neste sentido, sempre obstaculado pela incompreensão, inveja ou hostilidade de outrem. A sua acção muito superior a de qualquer outro chefe de governo, não se limitou aos alarmes lançados através de artigos em jornais estrangeiros e no « *Popolo d'Italia* », mas se concretizou em propostas de acordos internacionais que culminaram no princípio de um pacto entre a Italia, a Inglaterra, a França e a Alemanha.

A nova Alemanha nacional socialista de Hitler, aderiu á iniciativa de Mussolini, que visava evitar a formação de blocos antagonistas na Europa, favorecer o acordo entre as grandes Potencias também no tocante á revisão dos tratados e garantir a igualdade de direitos á Alemanha em caso de definitiva falencia da conferência do desarmamento.

O Duce havia elaborado o projecto do pacto na paz da Rocca das Caminate antes de submeter o seu plano aos ministros McDonald e Simon vindos a Roma.

Mas a primeira ideia já havia amadurecido desde o ano anterior e ele já a tinha lançada em outubro no discurso de Turim. Depois de anciosas alternativas, o pacto concluiu-se em 7 de junho de 1933, fazendo despertar muitas esperanças. Quando o anunciaram no Senado, Mussolini exortou: « Faizei ô senhores, de todos os governos, com que, através das sombras que pairam nos horizontes, passem pela passagem luminosa aberta, não somente as esperanças, mas a certeza dos povos ».

Essa pausa feliz foi muito curta. Logo depois, novas sombras, novos contrastes, novas incertezas turvaram a situação. A conferência do desarmamento, que se realizara novamente em Genebra falhou definitivamente e então a Alemanha saiu da Sociedade das Nações. Mussolini que já advertira a necessidade de abandonar o sistema das conferências demasiado frequentes e reguladas pelo inconcludente processo parlamentar, fez notar que a falência da tentativa do desarmamento teria acarretado também a falência da Sociedade das Nações: « Novos agrupamentos de Estados se determinarão; as antiteses tornar-se-ão imediatamente agudas e um período de terríveis incógnitas de ordem também social começará na história da Europa e do mundo ».

Uma fase tinha sido concluída por falta de compreensão e de boa vontade da parte dos Estados

vencedores; era necessário preparar-se para uma nova fase. E eis os primeiros conselhos do Duce ao povo italiano, durante as grandes manobras das Langue nas quais tomou parte também o Rei. « É necessário ser forte »; e determinou que os vinte mil condecorados de guerra deviam reafirmar o primado italiano « na terra, no mar, no ar, na matéria, nos espíritos ». Reassumiu os Ministerios militares ocupando-se intensamente dos relativos problemas e começou a examinar a questão das relações políticas e militares entre a Eritréa, a Somália e a Etiópia do negus Ailé Sellasié, que ainda não havia aplicado as clausulas de um acordo que há tempos celebrara com a Italia.

### *Fundam-se as cidades.*

Seguiu um período de confusão e de incertezas do qual, como de uma nebulosa deviam delinear-se orientações e directrizes diferentes, aliás opostas. O esforço de Mussolini afim de assegurar a paz foi tão honesto e tenaz que apesar de tudo, o Duce continuou a manter a Italia na Sociedade das Nações, propondo uma reforma da Liga para salva-la.

Mas quando o fenomeno do rearmamento apareceu de forma irresistivel e geral, proven para que a Italia não fosse superada por outras Potências.

Em junho de 1934, encontrou-se com Hitler em Stra e em Veneza; e no conflito interno austriaco, pareceu que a Austria inteira se opunha ao Anschluss com a Alemanha, enviou tropas ao Brenner para evitar abusos e estreitou acordos com a

Austria e com a Hungria sempre inspirados em criterios de possivel colaboração geral contanto que favorecesse uma pacifica revisão das clausulas de Versailles. Vice-versa, a França e os Países a ela associados recusaram a sua adesão ás unicas diretrizes que teriam podido assegurar a paz.

À espera do desenvolvimento dos acontecimentos no estrangeiro, Mussolini consolidou o sistema corporativo, premissa da futura reforma constitucional. Criou as 22 Corporações que logo entraram em função. O espírito do novo sistema, suas diretrizes, a sua logica intima foram definidas pelo Duce em memoraveis discursos pronunciados a 14 de novembro de 1933, a 13 de janeiro e a 10 de novembro de 1934, e, também no discurso aos operarios de Milão, de 6 de outubro de 1934. Sustentou que o liberalismo economico falira e examinou o sistema em crise sem negar seus meritos e a função desincumbida no seculo passado. Precisou que os trusts e os carteis são indices de decadência da economia liberal, porque, suprimem praticamente a concurrenceia livre e recorrem á protecção do Estado. O supercapitalismo matou também o liberalismo político. O corporativismo tomando conhecimento do fenomeno, contrapõe-lhe com senso pratico uma economia disciplinada e controlada, sem com isso negar o valor da propriedade e da iniciativa particular as quais ficam subordinadas unicamente ao supremo interesse nacional.

O corporativismo supera tanto o capitalismo quanto o socialismo que decaíram contemporaneamente herdando porém sua parte vital; nega a

abstração do homem económico para reafirmar a realidade do homem integral e enfrenta o gigantesco problema social em todos os seus aspectos. A realização do novo sistema corporativo presupõe todavia um partido político unico, um Estado totalitário e uma altíssima tensão ideal, semelhante a do tempo fascista no qual, depois da vitória guerrreira « renovam-se os institutos, redime-se a terra e fundam-se as cidades ». O corporativismo é também auto disciplina das categorias produtoras ás quais se une a intervenção reguladora do Estado quando não existe acordo entre as partes. O seu objectivo ultimo é a actuação de uma mais alta justiça social que diminua as distâncias entre as possibilidades maximas e minimas ou nulas do homem. Ele tende ao princípio de que os homens não são somente iguais perante a lei — como deliberou a Revolução francesa — mas também iguais perante o trabalho compreendido como direito e como dever. No interesse dos individuos e da produção, o corporativismo tende a disciplinar, harmonizar e fortalecer a economia.

Se o seculo passado assinalou a força do capital, o seculo fascista assinalará a do trabalho com a solução do problema da distribuição da riqueza cancelando o trágico fenómeno da miseria e da desocupação no meio da abundância.

Nenhuma diferença entre as directrizes desta grande reforma fascista e as ideias do jovem Mussolini.

### *O ano decisivo.*

Quando o Duce convocou as hierarquias do Regime para a segunda Assemblea quinquenal que precedeu as eleições de março de 1934, a Revolução havia transformado o País, permeando todos os sectores da vida nacional criando uma nova harmonia de forças, de organismos. A situação internacional, pelo contrário, atingira um apice de instabilidade devido à ruptura do equilíbrio forçoso imposto a Versailles. A crise económica tinha-se estendido e convertido em crise geral. Previam-se portanto, acontecimentos definitivos, justamente na iminência do ano decisivo que o Duce de havia muito preanunciado.

Mussolini constatou antes de tudo, que durante o tempo decorrido desde a Assemblea quinquenal, o Fascismo de fenômeno italiano se convertera em fenômeno universal. « No sistema fascista — disse — o povo constitui o corpo do Estado e o Estado representa o espírito do povo ». E a seguir, insistiu sobre a necessidade de ser militarmente forte no mar, que nos rodeia a ponto de poder considerar a Itália como uma ilha; uma ilha de agricultores e de marinheiros os quais devem aumentar de número, pois a riqueza nasce com o multiplicar-se da vida e não com o multiplicar-se da morte. Citou a esse respeito uma passagem de Machiavel e de Pedro Verri: « Os que tencionam converter uma cidade num grande império, devem por todos os meios procurar enche-la de habitantes, porque, sem uma grande quantidade de homens nunca se con-

seguirá fazer uma grande cidade ». « A população é um dos factores da riqueza nacional, ela constitui a força física e real do Estado, sendo o numero dos habitantes a unica medida da força de um Estado ». Emfim, indicou as directrizes de marcha para a expansão italiana na África e na Ásia, no sul e no oriente: primeiro generico anuncio da empresa etiope já nitidamente delineada no seu espírito.

Em 25 de agosto de 1934, durante as grandes manobras realizadas no Apenino, falou aos ministros, generais, aos oficiais reunidos em quadrado expondo a que se pode definir uma nova fase da era fascista: a fase em que a Italia desenvolveu uma concreta política de expansão imperial, libertada dos artificiais vinculos de Genebra, de que se serviam as Potências hegemónicas afim de obstacular os desenvolvimentos vitais das outras nações, sacrificadas pelos tratados de paz. O egoísmo das Potências ocidentais havia debelado toda a tentativa de conciliação e de uma revisão equitativa e pacífica, obrigando a Italia e a Alemanha a fazer o proprio jogo. Era necessário portanto, pensar no futuro e aumentar as forças militares, unica garantia de independencia. Mussolini advertiu: « E hoje e não amanhã que nos devemos preparar para a guerra ». « Lembro-vos que as forças militares representam o elemento essencial da hierarquia das nações ». Em outubro de 1934, pronunciou deante dos Camisas Pretas florentinas, a palavra de ordem: « Crer, obedecer, combater » e em dezembro, inaugurando a nova província de Litoria, disse aos bo-

nificadores: « É o arado que traça o sulco, mas é a espada que o defende ».

Aproximava-se o momento decisivo. Na Eritréa, na Somália, em Gondar e em Ual-Ual tinham sido provocados graves incidentes devido a crescente insolência dos ras abissinios contra as representações e os presídios italianos. Carecia reagir em tempo, se possível com garantias de liberdade de acção por parte das Potências europeias: daí o acordo concluído em janeiro de 1935, com o Ministro das Relações Exteriores Laval e o sucessivo convénio italo-franco-ingles de Stresa. E aos jornalistas franceses reunidos no Palácio Veneza com o respectivo Ministro, Mussolini dirigiu estas significativas palavras: « O ano decisivo começa sob os sinalos propícios dos acordos franco-italianos. Trabalhemos agora com inteligência e perseverança para que eles proporcionem o que o mundo espera ». « Não se deve pensar que tudo já está feito e que nada resta por fazer. Não. A amizade deve ser continuamente cultivada para sincronizá-la com o desenvolvimento natural dos povos e dos seus interesses ». Palavras que evidentemente prediziam as dificuldades futuras e que a França da fronte popular não quis compreender.

#### *Para deante.*

A vida dos povos nada mais é do que uma sucessão incessante de contrastes de forças diferentes que se encontram, que se unem ou que se separam alternativamente sem treguas, assim como

na natureza se alternam as horas serenas com as da tempestade. Enquanto as forças brutas da natureza se manifestam em conformidade com as leis físicas imutaveis, as forças humanas dos povos variam segundo as influências espirituais e em especial segundo as dos chefes, sejam êles mediocres governantes, ou condotiere de ferrea vontade.

Mussolini é um condotiere. Hitler assim o definiu: « Um dos homens solitarios que não são protagonistas da história, mas fazem êles mesmo a história ». O seu objectivo era conduzir o povo italiano para um destino superior declarando abertamente, caso por caso, os fins que se propunha alcançar. Basta reler seus escritos e discursos para constatar como ele havia claramente preanunciado com anticipação de dois anos a guerra, a Revolução, a conquista do Imperio. É ele quem sempre toma as iniciativas sem se deixar influenciar por quem quer seja; a sua acção é sempre uma fase de um plano orgânico ponderado, sempre tempestivamente actuado. Com noção da realidade ele examina as possibilidades e diminui ou precipita a acção, tirando partido até dos obstáculos e das condições de ambiente que parecem mais adversas.

Após a Marcha sobre Roma, o objectivo principal da sua política geral foi fortalecer a Nação, com um trabalho tenaz e profundo, assim de obter em prol do povo italiano tudo o que competia ás suas capacidades e aos seus sacrifícios. Pois que, as adversões e o receio das grandes Potências impediram a adesão das mesmas ao pacífico esforço do Duce de realizar entre os povos uma condição

equitativa correspondente á justiça social por ele já realizado no interior; mas quando toda e qualquer tentativa parecia inutil, Mussolini teve de resolver-se a uma acção directa iniciando assim um novo periodo da história. Predispoz metodicamente a empresa etiope, mobilizou Divisões do Exercito, organizou dezenas de milhares de Camisas Pretas voluntarias e enfrentou a oposição diplomatica manifestada pelas Potencias imperiais que de ha séculos com qualquer meio lícito ou ilícito, se apoderaram de colônias em todos os continentes.

O grave problema da preparação militar e logística alem daqueles permanentes relativos ao governo, não impediu Mussolini de conduzir ao mesmo tempo um violento duelo diplomático e de exaltar o espírito do povo ao maximo grau de entusiasmo. O que havia dito de passagem no discurso da Assemblea quinquenal, foi-se precisando aos poucos. Em 23 de março de 1935, Mussolini disse aos fascistas: « Estamos preparados para qualquer função que nos tenha sido reservada pelo destino e se for necessário destruiremos com impeto irrefreável os obstáculos que esbarraram o nosso caminho ». Em 14 de maio, depois de Stresa, quando já estava encaminhado um formalistico processo de conciliação entre a Itália e a Etiópia e a oposição franco-inglesa se acentuava, ele disse no Senado que a Itália devia ter suas costas protegidas na África; ou melhor advertiu: « Ninguem pode arrogar-se o arbitrio intolerável de intervir no que concerne o carácter e o volume das nossas medidas precaucionais ». Em 25 de maio, assim falou na Câmara:

« Saibam todos que quando se trata da segurança dos nossos territórios e da vida dos nossos soldados, nos estamos prontos para assumir também as responsabilidades supremas ».

O jovem Ministro inglez Eden, não compreendeu o espírito dessas palavras e teve a pretenção de intervir directamente com uma falsa manobra que exasperou a dissidência.

Em 8 de junho, Mussolini saudou em Calhari as tropas da Divisão « Sabandia » que partiam para a África Oriental e disse: « Temos novas e velhas contas para saldar: saldaremos. Não daremos consideração ao que se diz para além das fronteiras ». « Imitaremos ao pé letra os que nos dão lições ». Em 6 de julho, em Eboli, repetiu ás Camisas Pretas antes do seu embarque: « Estamos empenhados numa luta de importância decisiva e estamos mais do que nunca decididos a leva-la até o fim ». Num artigo publicado em 31 de julho no « Popolo d'Italia », declarou aos protectores societários do escravismo etiope: « O problema admite — com Genebra, sem Genebra, contra Genebra — uma unica solução ». Em 20 de agosto, ordenou ás Camisas Pretas da « XXVIII Outubro », que se cobriram de gloria na batalha do Tembien: « Vós marchareis derrubando todos os obstáculos até a meta que vos será indicada ».

No entanto, a situação precipitava tanto na África como na Europa. A Sociedade das Nações, já não conseguindo ligar a Itália com seus hipocritas vinculos, ameaçava as sancções que não tinham sido aplicadas nem ao Japão. Então, Mussolini, con-

voou um Conselho de Ministros em Bolzano, durante as grandes manobras estivais, e advertiu que a Itália enfrentaria o assedio economico, como toda e qualquer acção de força; em 8 de setembro, da sacada do Palacio Veneza, tranquilizou a mocidade entusiasta e impaciente que o aclamava com as palavras: « Para deante! ».

### Itália, de pé!

As faltas da Abissinia e suas veleidades anti-italianas eram claras e tinham sido documentadas; existiam ainda acordos italo-ingleses, que reconheciam á Itália precisos e concretos direitos com relação ao Império do Negus; os incidentes provocados pelos abissinios nas fronteiras da Somalia e da Eritréa não eram contestaveis: Alem do mais, a Sociedade das Nações, incitada pela Inglaterra, foi inteiramente hostil ás reivindicações italianas apoiadas por um memorandum que não foi tomado em consideração e encorajou o negus a não dar satisfações ao governo de Roma. Delineou-se dest'arte, uma frente unica adversa á Itália na Europa e na Africa, baseada na barbara hostilidade dos Amharas, na inveja inglesa, e na adversão politica-ideologica das seitas e dos varios regimes contra o Fas-cismo. Era necessário capitular desde o inicio e empenhar-se na acção directa fora do processo de Genebra.

Mussolini considerou a situação e os enormes riscos, seja militares, seja politicos, seja economicos. E resolveu assumir sozinho a imensa responsabi-

lidade que a treze anos da Marcha sobre Roma teria colocado a Itália contra o mundo inteiro numa situação que nunca se verificara em nenhum país. A decisão tomada repentinamente naquela circunstância dá uma ideia da força pessoal de Mussolini.

No fim da estação das chuvas, no planalto etiope era necessário iniciar as operações para regular antes de tudo as contas suspensas de Adua. Os italianos tinham sido avisados que, o Duce teria falado no Palacio Veneza e através da radio, aos fascistas e ao povo convocado nas praças, pela sereia, pelo rufar dos tambores, pelo toque da trombetas e pelas badaladas dos sinos. Isto aconteceu em 2 de outubro de 1935 e foi um acontecimento sem precedentes, espectáculo sem igual, prova insuperável de entusiastica solidariedade nacional. Todos os italianos das cidades, das aldeias, dos montes, dos vales, das planícies os que navegavam pelo mar afora e os que estavam dispersos nos mais remotos países do mundo, reuniram-se em torno dos auto falantes ou na Praça Veneza para ouvir o Chefe que no ocaso dêsse dia anunciou com voz forte e apaixonada o acontecimento. Apelou para o espirito ressurgido dos descendentes de Roma: «Uma hora solene vai soar na historia da Patria. Ha varios meses a roda do destino sob o impulso da nossa calma determinação, move-se para a meta: nesta hora o seu ritmo é mais apressado. Durante 13 anos esperamos com paciencia, mas o circulo de egoismos que sufoca a nossa vitalidade estreita-se cada vez mais. Com a Etiopia a nossa paciencia que dura de ha 40 anos já está exgotada.

Agora basta! ». « Nenhum País pense em dobrar-nos sem ter primeiro combatido ». « Itália proletária e fascista, Itália de Vitorio Veneto e da Revolução, de pé! ».

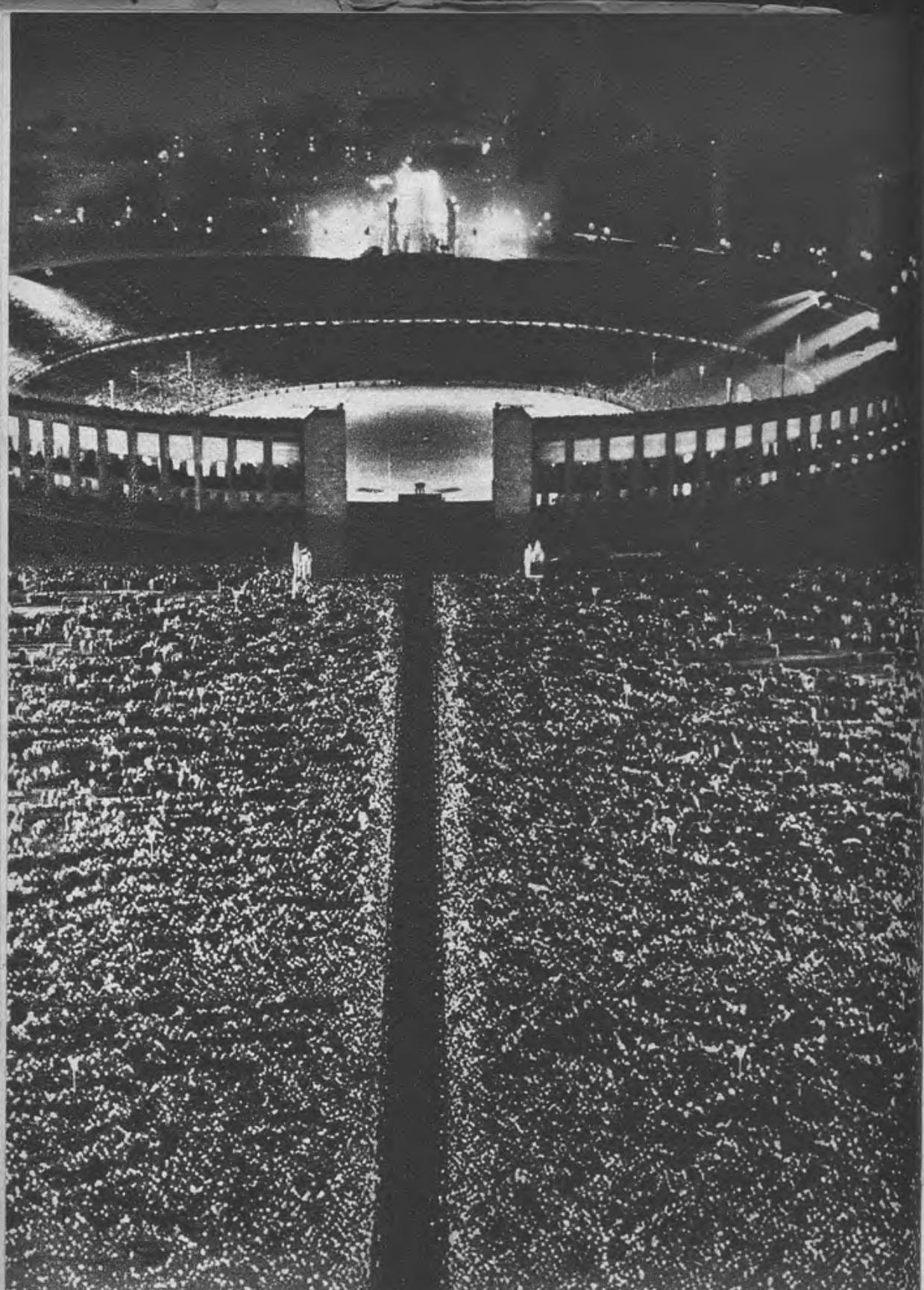
O Quadrúnvio general De Bono recebeu ordens de passar o rio de limites do Mareb com suas tropas e em poucos dias ocupou Adigrat, Adua, Axum, Macalé. Assim foram vingados Galiano, Arimondi, De Bormida, e seus heroicos batalhões.

Em 18 de novembro a coalção européia conjurada em Genebra iniciava a infame, inesquecível experiência das sanções económicas contra a Itália, isto é, o assédio destroçador que devia acarretar a nossa capitulação por falta de matérias primas, de ouro, de exportação. Os italianos acolheram esse desafio vergonhoso estreitando-se compactos na resistência: as bandeiras flutuaram nas cidades e nas mais longínquas povoações. Também o Rei reivindicou os direitos da Nação, inaugurando a nova cidade universitaria de Roma.

De dia a dia, a medida que aumentavam os sucessos na frente africana, cresciam as ameaças de novo castigos por parte dos 52 Estados sancionistas; a frota inglesa invadia o Mediterrâneo e os italianos reagiam com viril impetuosidade e mistica submissão. Se Genebra vedava fornecer as matérias primas e ameaçava o embargo do petróleo e fechava o canal de Suez, se a Inglaterra armava os portos e estreitava acordos navais com os países mediterrâneos, a Itália respondia com as contra-sanções, fortalecendo o exercito nas fronteiras do Egito, enquanto as nossas mulheres seguiam com

Mussolini impunhando a espada do Islam.





A reunião italo-alemã no Campo de Maio.

entusiasmo o exemplo da Rainha que ofereceu a sua aliança e a do Rei na sublime e verdadeiramente romana « jornada da fé ». Todo o povo ofereceu ainda metais preciosos, ferro etc.. No cadiño ardente foram atiradas para sempre as condecorações inter-aliadas de guerra: todos os vínculos foram destruidos com as nações egoistas e ingratas que a Itália ajudara durante a guerra. No entanto os combatentes da Libia, do Carso, do Piave, e da Marcha sobre Roma, com as novas gerações fascistas acudiam para combater. Acudiam os mutilados e de todas as partes do mundo os italianos que residiam no estrangeiro. Os postos de combate foram disputados, muitos invalidos foram operados e muitos oficiais renunciaram aos graus para serem admitidos nas fileiras. Adolescentes das vanguardas e até Balilla fugiram de suas casas para seguir para as plagas africanas os irmãos mais velhos. Aviadores e marinheiros votaram-se onde era necessário a segura morte pela Pátria. O genro do Duce, Galeazzo Ciano, os filhos Vitorio e Bruno, e o sobrinho Vito, combateram nos céus da Etiópia.

### *Sobre as colinas fatais de Roma.*

O mundo ficou surpreendido com o desafio de Mussolini à potência inglesa. O entusiasmo do povo italiano agigantou-se como a chama ao vento da hostilidade sancionista.

Quando Mussolini, vivia emigrado no estrangeiro e do seu trabalho manual e jornalístico pregando a necessidade de uma Revolução, estava so-

sinho consigo mesmo assim como nos longos dias de prisão política; quando abandonou o partido socialista para atirar-se na luta da intervenção estava ainda só, armado do seu destino entre numerosos inimigos, mas já acompanhado por um punhado de adeptos; quando se desencadeou a peleja do Aventino resistiu sosinho abandonado pelos pavidos, enquanto as legiões de Camisas Pretas esperavam impacientes nas províncias as suas ordens. Durante a guerra etiope e as sancções estava também só, único responsável do seu destino e do da Itália perante o mundo, mas em torno de si fremente de devoção estava todo o povo italiano. Assim o Chefe que dirige subiu os degraus da sua ascensão pelos próprios méritos pessoais autónomos solitários, mas demonstrou-se cada vez mais interprete da paixão dos melhores e tornou-se finalmente o Chefe de um povo elevado contra a oposição de tantos inimigos coalizados. Esta foi a «carreira» política de Mussolini.

E já outros povos hostilizados, como a Itália, pela Liga dos egoísmos conservadores, colocavam-se ao nosso flanco por igualdade de interesses e de ideias; sobretudo a Alemanha, que havia reconstituido o exército iniciando a demolição do tratado de Versailles, recusou-se de aderir às sancções e em maio de 1936, denunciou o pacto de Locarno para responder ao recente tratado franco-soviético, e rearmou a zona do Reno.

O Duce no entanto continuava a presidir a todas as fases da guerra etiope, da guerra económica e da guerra diplomática, firme, sereno, preparado



para a defesa, para prevenir as insidias e não distraia do trabalho de governo senão nas ocasiões em que devia falar ao povo. O seu sorriso viril, a sua fisionomia impassível, revelaram a todo o instante a certeza da vitória. Quando do assédio, ele intuiu quais teriam sido as consequências benéficas das sanções, isto é, o impulso da autarquia económica através da qual os assediados teriam recebido uma lição duradoura. Em 23 de março de 1936, perante a Assembléa das Corporações reunida no Capitolio, Mussolini declarou: « A autonomia política isto é, a possibilidade de uma política exterior independente já não se pode conceber sem uma correlativa capacidade de autonomia económica. Eis a lição que nenhum de nós esquecerá! ».

Hoare e Laval tentaram solucionar a questão mas não deu resultado algum devido aos sacionistas mais encarniçados que prevaleceram e justamente per excesso de aversão á Itália, lhe evitaram o grave perigo de um compromisso. Com tudo, o Duce, voltando entre os colonos da bonificação pontina, advertiu logo, que um « povo de 44 milhões não só de habitantes mas de almas, não se deixa impunemente subjugar e ainda menos mistificar ».

Ele presidiu pessoalmente á orientação das operações militares intuindo contra todas as previsões dos estrategos, contra a opinião de todos os peritos que para andar depressa, era necessário superar o criterio inspirador das guerras coloniais comuns: « Propuz-me — disse mais tarde — e dei ordens aos meus colaboradores de conduzir a guer-

ra na África Oriental como se fosse uma guerra continental ». Pareceu uma imprudente inversão de métodos, mas o Duce tinha razão pois a guerra findou em sete meses apenas, com a completa vitória obtida nas duas frentes pelo Marechal Badoglio e pelo general Graziani.

Assim a 5 de maio, Mussolini anunciou ao povo novamente convocado a fulminea conquista de Addis Abeba e o restabelecimento da paz. Mas a empresa africana culminou verdadeiramente na noite fatídica de 9 de maio, depois de duas curtas reuniões consecutivas do Grande Conselho e do Conselho dos Ministros, que deliberaram a fundação do Império, enquanto os italianos esperavam frementes a notícia em todas as praças.

Em Roma, o Palácio Veneza emergia de uma multidão iluminada pelas luzes dos refletores. Raios luminosos faziam brilhar os capacetes e as baionetas das tropas enfileiradas na escadaria do Altar da Pátria. O imenso clamor da multidão que acudira de todas os pontos da cidade cessou às primeiras palavras do Chefe que aparecera na sacada, para dar a notícia do acontecimento: « Todos os nos foram cortados pela nossa espada e a vitória africana fica na história da Pátria, integral e pura como os legionários mortos e os sobreviventes a sonhavam e a anseavam ». « Erguei o legionários as insignias, o ferro e os corações para saudar depois de 15 séculos, a reaparição do Império sobre as colinas fatais de Roma ».

*Muitos inimigos, muita honra.*

No improviso silêncio, a voz viril do Chefe ressoou nos Fóros dos Cesares, para além dos montes, dos oceanos, penetrou nos animos suspensos, no tempo e na infinita profundidade do céu estrelado.

A Benito Mussolini, o Rei Imperador conferia as insignias de Cavaleiro da Grande Cruz da Ordem Militar de Saboia com esta motivação: « Ministro das Forças Armadas, preparou, conduziu, venceu a mais importante guerra colonial que a história lembre, guerra que ele — Chefe do Governo do Rei — intuiu e quis para o prestígio, a vida, a grandeza da Patria fascista ».

Mas a grande prova não estava terminada. Vencida a guerra era necessário vencer a paz. Se Genebra tivesse superado seu rancor pela vítima designada que não se deixara destroçar, a paz teria triunfado definitivamente. Vice-versa, todas as forças eram hostis à Itália: desde a frente popular francesa, o hebraísmo a Maçonaria, a plutoocracia, o bolchevismo, o puritanismo anglo-americano, mantiveram, ou melhor aumentaram a sua aversão, negando o reconhecimento do novo estado de coisas. O fugitivo Tafari, foi recebido na Liga como membro vivo e vital e convidado à cerimónia da coroação do rei Jorge VI da Inglaterra. Só a Alemanha e os Estados amigos reconheceram logo o Império e só em 15 de julho pela pressão das forças económicas interessadas, a Liga declarou findas as sancções. Nesse dia, perante os romanos que o aplaudiam, Mussolini constatou a derrota

do segundo adversario: « Sobre as espaldas do sancionismo mundial tinham levantado a bandeira branca ».

Dois meses depois da tomada de Addis Abeba, o Duce já havia criado as bases organicas do novo domínio, traçando a rede de estradas do Império, que foi completada dois anos depois apesar das chuvas que determinavam a paralisação dos trabalhos. Ele estabeleceu a repartição administrativa, nomeou Graziani marechal e vice-rei mais tarde, depois de Badoglio, ordenou a repatriação de grande parte das tropas conquistadoras e saudou-as vitoriosas no seu regresso á Patria. Recebeu em Roma os chefes abissinios submetidos, proveu á ocupação integral dos territorios etiopes e á dispersão dos nucleos rebeldes ainda existentes.

Instituiu em declarar que a Italia desejava absolutamente a paz tão necessaria, para poder começar a exploração do vasto territorio conquistado. Com uma paciencia que surpreendeu os proprios adversarios, tolerou a inimizade dos genebrinos, para deixar aberta a estrada da conciliação, embora repetindo severos avisos que teriam induzido a um acordo se os homens responsaveis tivessem sido mais perspicazes.

Mas durante todo o decorrer do verão faltou o minimo gesto de comprehensão. A seguir, no mês de julho, tendo-se desencadeada a sangrenta guerra civil da Espanha, a intervenção da Russia bolchevista e da França ao lado dos vermelhos de Madrid e de Barcelona, pareceu tão insidiosa que exigiu um contrapeso da nossa parte, com o apoio ao ge-

neral Franco afim de impedir que o Mediterrâneo ocidental caisse sob influências adversarias á Italia. Muitos voluntarios nossos acudiram para combater na nova frente, alguns tinham chegado ha pouco da Etiopia. Aviadores e Camisas Pretas demonstraram mais uma vez, a generosidade e o valor guerreiro da Itália fascista.

O sucesso do governo internacionalista de Madrid teria sido um sucesso ou melhor uma vingança de Genebra. Mas Mussolini defendeu-se. Concluiu as manobras militares da Irpinia con o discurso de Avelino: « Não é devido á guerra da Africa, mas em consequência da guerra da Africa, que todas as Forcas Armadas da Itália são hoje mais eficientes do que antes. Podemos sempre no espaço de poucas horas e com uma simples ordem mobilizar oito milhões de homens, bloco formidavel que 14 anos de Regime fascista elevara á alta temperatura necessaria do sacrificio e do heroismo ». Ele compreendera que o rancor de muitos inimigos ter-se-ia dobrado somente em face de uma Itália cada vez mais forte, e absoltamente decidida a não ceder. Ele recebeu de Gabriel D'Anunzio depois do seu viril discurso uma mensagem de solidariedade completa: « As palavras de Dante quadram-te. È a sombra de Farinata ergue-se sobre o tumulo ardente. Admirei-te e admiro-te nas tuas acções nas tuas palavras. O Companheiro, não te sujes ao dirigir-te á mal cheirosa cloaca de Genebra ».

E a divisa confiada pelo Duce aos combatentes da Africa era sempre valida: « Muitos inimigos, muita honra ».

### *Campo de Maio.*

Mussolini ceifou ainda o trigo dos pantanos redimidos e no outono traçou ao povo de Bolonha e de Milão as directrizes de marcha que tiveram repercussão mundial. A primeira mensagem foi ainda de paz: « Paz no trabalho e trabalho na paz », no novo plano do Império que comportava formidáveis problemas a serem resolvidos. Em Milão, induziu os italianos a dedicarem-se á valorização do Império, declarou a falencia definitiva do desar-

mamento e das formulas « segurança colectiva » e « paz indivisível »; declarou a decadência da Liga porque incapaz de renovar-se, reclamou justiça para a Hungria, anunciou um possível acordo com a Inglaterra e definiu pela primeira vez o valor fundamental do Eixo Roma-Berlim.

Em 2 de janeiro de 1937, foi assinado um « Gentleman's agreement » entre Roma e Londres; mas a tensão política, diminuída durante algumas semanas, acentou-se nos meses sucessivos. Uma segunda viagem de Mussolini á Líbia para inauguração da grande estrada do litoral com dois mil quilometros de extensão situada entre a Tunísia e o Egito, excitou a ira da imprensa europea, que suspeitava da política fascista de aproximação e de amizade com os mussulmanos. Contemporaneamente o mundo anti-fascista definiu uma derrota dos nossos voluntários na Espanha já vitoriosos em Malaga, a furiosa batalha de Gualajara, em que o heroísmo dos Camisas Pretas tinha sido su-

blime contra a violencia dos elementos e do inimigo. Mussolini reagiu com a palavra de ordem aos italianos: « Lembrar e preparar-se »; estabeleceu um acordo com a Yugo Eslavia, fixou um plano para autarquia economica e por ocasião das grandes manobras, visitou a Sicilia que foi por ele definida « centro geografico do Império ».

Em setembro, foi á Alemanha para selar deante do mundo a amizade italo-alemã que não era baseada num calculo politico contingente mas em diretrizes ideais comuns de duas Revoluções vitoriosas. Depois de Hitler o Duce falou em alemão a milhões de homens reunidos no estadio olimpionico de Berlim. E aquela imensa assemblea do Campo de Maio foi certamente a maior entre todas as assembléas populares que a historia do mundo lembra. Em 6 de novembro de 1937, foi assinado em Roma o pacto tripartido italo-alemão-japonez para combater o bolchevismo. Emfim, em 11 de dezembro a Italia abandonou ao seu tragicomico destino a Sociedade das Nações, tirando-lhe com a sua saída toda e qualquer influencia, todo o real motivo de existencia com relação aos objectivos dos Estatutos.

No entanto, o corpo dos voluntarios combatentes na Espanha tomava parte com graves sacrificios de sangue na tomada de Bilbao, de Santander e mais tarde de Tortosa, derrotando os internacionais sem patria, os anti-fascistas de toda a sorte no terreno da luta, que êles mesmo haviam escolhido. A tensão internacional foi agravada pela cumplicidade francesa e pelas obstinadas directrizes di-

plomaticas do ministro ingles dos estrangeiros, Eden. Os demagogos da frente popular de Paris orientaram a luta como os fanaticos medievais das guerras de religião, impelindo-a até á beira de uma conflagração geral, que teria rebentado certamente na Itália se não estivesse bastante forte, justamente como tinha desejado o Duce. Foi esta força unida no Eixo á força da Alemanha que garantiu á Europa da catastrofica veleidade dos assim chamados pacifistas impacientes pela guerra.

Perante o perigo dêsse fanatismo ideológico, Mussolini acelerou o trabalho pela independência económica da Nação, garantia necessária de resistência em caso de conflito. E contestou o princípio da política autárquica que ele tinha confiado ás Corporações e ao Conselho nacional de Pesquisas. «Mística da autarquia» foi a sua palavra de ordem, enquanto nenhum sector da vida nacional era descuidado. No campo político, o Secretario do Partido Achile Starace — combatente na conquista de Gondar — actuou as directrizes do Duce para a disciplina dos gregários, a selecção e o fortalecimento das hierarquias.

O ritmo de reconstrução em todos os domínios não ficou paralisado nem durante a guerra etiope nem mais tarde. Mussolini preocupou-se pessoalmente com a disciplina dos preços e da questão monetária surgida no horizonte depois da inflação decidida pelo governo da frente popular francesa. Reorganizou as organizações juvenis, criando o único corpo da Juventude Italiana do Litorio sob a dependência do Partido, reorganizou e fortaleceu

o organismo da Marinha mercantil, promoveu contribuições e empréstimos para a reconstrução das casas rurais, intensificou a campanha contra a tuberculose, tomou medidas assistenciais em prol das famílias numerosas, instituiu prémios de natalidade e de nupcias, favoreceu o turismo, a moda italiana, as leis e os institutos de previdência, a assistência a todas as categorias de trabalhadores, protegeu a maternidade e a infância, promoveu o desenvolvimento do Instituto italiano audições radiofónicas e do Instituto « Luce », favoreceu a criação da Cidade cinematográfica, instituiu as ferias nos sábados fascistas, os comboios populares, os espectáculos ao ar livre, as exposições das Colonias estivais, do Tecido nacional, do Dopolavoro e Mineraria.

#### Quem para está perdido.

Desenvolveu a criação de Roma imperial do tempo fascista que ficará sendo nos séculos a Roma de Mussolini, promoveu o isolamento do mausoléu de Augusto, a Exposição Augustea da Romanidade e a reconstrução da Ara pacis. Fez erguer na via dos Triunfos um dos grandes obeliscos de Axum e a estatua abissinia do Leão de Judas na base do monumento aos mortos de Dogali; ordenou a construção da casa Litória, e dos moderníssimos pavilhões, da Exposição Universal de 1942, enfim determinou a sistematização da via de acesso à Praça São Pedro e do Bairro dos Borghi entre a Mole Adriana restaurada e a Cidade do Vaticano.

O ritmo dos trabalhos nas províncias foi igual-

mente intenso: pontes, estradas, aqueductos, portos, estações marítimas, etc. Tinha sido inaugurada a linha Bolonha-Florença e construídos as novas estações como as de Milão, de Florença. Veneza foi ligada a Mestre por uma ponte. Foram explorados velhas e novas minas, incrementados os estaleiros navais e das grande indústrias, foram abertas autoestradas, erguidos monumentos aos mortos, aos condotieros, aos mártires fascistas, para que todos os italianos possam lembrar sempre que «é o espírito que domina a matéria». A frota militar foi renovada completamente e a Aeronautica dotada de aparelhos que bateram quasi todos os recordes. Em muitas ocasiões, o Duce favoreceu as reuniões das Armas aposentadas e intensificou suas visitas ás províncias. Deu o exemplo do vôo tirando o brevet de piloto militar como todos os de sua família. Seu filho Bruno tomou parte no raid Istres-Damasco-Paris e foi promovido a capitão, no raide Roma-Rio de Janeiro.

Durante os meses mais difíceis, entre 1937-1938, resistiu ás ameaças provindas do exterior, sempre pronto contra as insídias das diplomacias até que o Primeiro Ministro inglez Chamberlain compreendeu que só um acordo teria podido evitar a catástrofe. O inicio das novas negociações, em fevereiro, assinalou as demissões de Eden que cedeu o campo, como o rumeno Titulescu.

O acordo italo-ingles foi assinado a 16 de abril de 1938, na mesma ocasião que, os erros de Schuschnigg haviam favorecido a repentina realização do Anschluss da Austria com a Alemanha: aconteci-

mento de alcance excepcional para o qual só Mussolini estava preparado como resultou das revelações que ele fez num discurso que pronunciou na Câmara. Hitler em vista da sua atitude solidaria nesses momentos difíceis assim telegrafou: « Mussolini jamais o esquecerá » estas palavras tiveram um profundo e definitivo desenvolvimento no discurso pronunciado pelo Führer no Palácio Veneza durante a sua visita à Itália no mês de maio, onde foi recebido com grande entusiasmo popular e espetaculos antes nunca vistos.

Em 30 de março, o Duce como Ministro das Forças Armadas, demonstrava no Senado a força militar italiana, advertindo que em caso de guerra, ele em pessoa teria assumido o Comando. No mesmo dia, a Câmara e o Senado deliberaram em sessões extraordinárias a nomeação do Duce e do Rei Imperador a Primeiros Marechais do Império.

No entanto, Genebra capitulava, deixando aos membros sobreviventes a faculdade de reconhecer o Império. E Mussolini em Genova, escoltado por cem navios de guerra, confirmou os motivos políticos e ideais do Eixo Roma-Berlim, advertiu as Nações que era tempo de conhecer a nova Itália fascista, para não cair novamente nos muitos erros cometidos em prejuízo de todos e concentrou num único mote o espírito da acção fascista presente, passada e futura: « Quem para está perdido ».

Os exercitos espanhóis combatentes na frente de Teruel e do Ebro, personificavam o mais amplo contraste de princípios e de interesses, latente na Europa entre dois grupos de Potências. A formula

diplomatica da não intervenção — resíduo dos me-todos genebrinos — não conseguia mascarar os auxílios fornecidos por êsses grupos a Barcelona e a Burgos. No discurso de Genova, Mussolini ha-via francamente apontado como obstáculo de um acordo entre a Itália e a França o facto de que a política da frente popular favorecia os vermelhos espanhois. No entanto, a aliança de Paris com a Russia bolchevista e os vínculos que ligavam a Fran-ça á Tcheco-slovaquia, impediam um equitativo tra-tamento ás minorias alemãs dos Sudetas, inclusive em Versailles no territorio da Republica de Benes.

### *Paz segundo a justiça.*

Em virtude dessas razões, a situação interna-cional durante o verão de 1938, foi-se tornando cada vez mais plumbea. Chamberlain teve de sus-tentar os ataques violentos da oposição aos Comuns, e a imprensa como sempre inspirada pelos gru-pos anti-fascistas, recomeçou a desacreditar a Itá-lia e Alemanha, como no tempo da guerra da África: insinuou que uma pessima colheita do trigo teria obrigado a Itália a capitular e que a Alemanha havia renunciado á acção contra a Tcheco-slovaquia, receiando uma reacção franco-anglo-russa.

Mas Mussolini voltou a ceifar o trigo das zo-nas bonificadas, anunciando que a colheita apesar da má estação já superava a do ano anterior. E logo apôs, as manobras militares na planicie do Ca-valeiro, advertiu que «é uma loucura iludir-se e que é um delito não preparar-se». E em 18 de

agosto, foi inspecionar em vôo, as obras de fortificação da ilha das Panteleria em pleno Mediterrâneo.

Simultâneamente, a questão dos Sudetas agravou-se. Longas negociações alternadas por conflitos sangrentos, nada resolveram nem mesmo após a intervenção de Lord Runciman, que tinha sido enviado pela Inglaterra como conciliador. Os Sudetas reclamavam certas garantias que lhes tinham sido prometidas nos tratados de paz e que nunca tinham sido aplicadas. Mas a Alemanha não estava disposta a abandonar milhões de alemães e a Itália fiel ao Eixo e aos princípios de autodecisão dos povos, estava pronta a apoiar Berlim. No encerramento do congresso nacional socialista de Nuremberg, em 12 de setembro, Hitler abriu a fase culminante da crise. Em face do perigo de um choque irremediável entre os pedidos alemães e a resistência de Benes, Chamberlain interveiu pessoalmente: dirigiu-se em vôo a Berchtesgaden e depois a Godesberg, para se encontrar com o Fuhrer ao tempo que o « Popolo d'Itália » publicava uma significativa « Carta a Runciman » para sugerir ao intermediário inglês promover plebiscitos e resolver de acordo com os interessados não só o problema dos Sudetas mas também o dos Hungaros e dos Polacos sujeitos à Tcheco-slovaquia. Mas a resistência de Praga apoiada pela França continuou a impedir o acordo, ou melhor comprometeu-o com uma mudança de governo e com um anúncio de mobilização.

Cada fase das ultimas negociações foi seguida

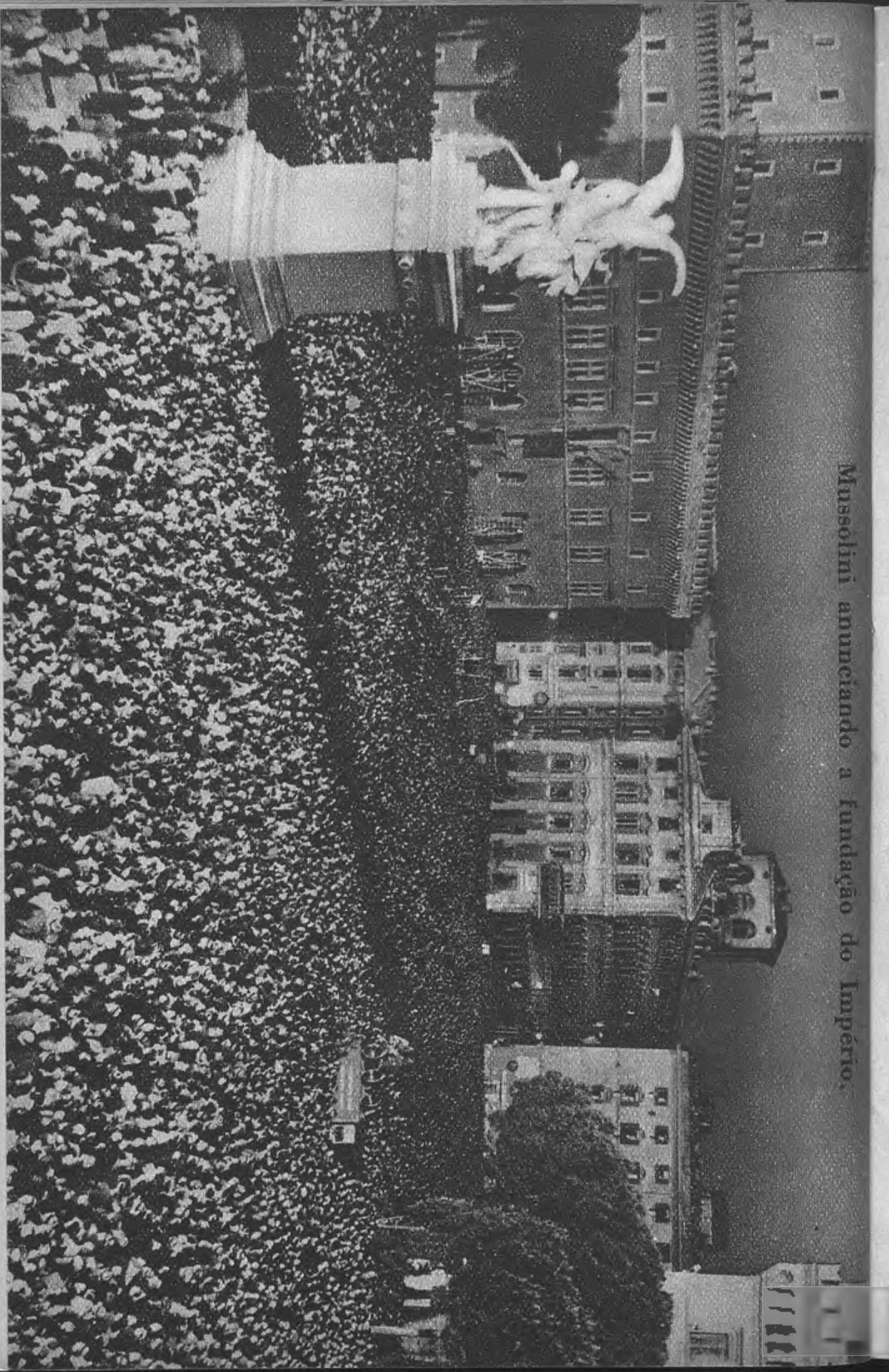
e publicamente comentada por Mussolini, durante a sua viagem ao Veneto iniciada em Trieste em 18 de setembro. Em todas as cidades, em todas as povoações ao longo das estradas das terras redimidas, da antiga fronteira, dos montes e das planícies que 20 anos antes tinham assistido á tragedia da grande guerra, um inteiro povo de camponeses e de trabalhadores se uniu « com o troar do tufão e do furacão » emtorno do promotor do seu novo destino. Ex combatentes e jovens do Litorio, mães, velhos e crianças gritaram ao Duce a sua fé entusiastica e a sua plena obediencia prontos a toda e qualquer prova. De hora em hora, Mussolini esteve em contacto com imensas multidões declarando abertamente seus propositos, acerca da situação, difundindo nos animos um sentimento de força e de serenidade mesmo deante de extremas perspectivas. E dirigin-se aos responsaveis estrangeiros incitando-os a virem a um acordo no reconhecimento dos direitos, unico meio para evitar a conflagração, não cessou de repelir e de considerar absurda a hipótese de uma guerra tão falta de razões substanciais e prospectou também a eventualidade de um conflito localizado.

No meio da sua viagem, de Treviso veiu a Roma para inaugurar a Ara Pacis reconstruida junto ao mausoleu de Augusto. Na segunda fase da viagem entre Beluno e Vicensa, teve conhecimento de que a situação se agravara, mas não mudou o itinerario preestabelecido e concluiu-a numa jornada triunfal em Verona declarando que na semana

Mussolini numa revista naval.



Mussolini anuciando a fundação do Império.



que então se iniciava ter-se-ia decidido da sorte da Europa.

Voltando para Roma, foi advertido por Ciano que a atitude negativa da Tcheco-slovaquia havia induzido Hitler a anticipar o termo estabelecido para a acção: em 28 de setembro ás duas horas da tarde, o exercito alemão por-se-ia em marcha para libertar os Sudetas. O Duce ordenou movimentos militares. E no dia seguinte todos os governos europeus estavam empenhados na mobilização das frotas e dos exercitos.

Em 28 de setembro, quando faltavam apenas quatro horas para o primeiro tiro de canhão, Chamberlain invocou a intervenção do Duce, afim de obter de Hitler o adiamento da acção e a convocação de um convenio definitivo. Mussolini obteve o que solicitara, fixou Monaco como sede para o encontro com o Chefe alemão, com Chamberlain e Daladier e partiu ao mesmo tempo que os Estados Maiores suspendiam suas consultações estratégicas. Hitler foi ao encontro de Mussolini em Kufstein. Em Monaco o Duce propôz um texto de resolução e concluiu o debate até atingir o acordo, justamente com as bases por ele previstas. E 12 horas mais tarde curada a contenda sem guerra, voltou para a Italia onde no dia seguinte fechava a sua viagem triunfal com uma simples frase pronunciada da sacada do Palacio Veneza perante a mesma multidão delirante de entusiasmo que o havia aclamado por ocasião da proclamação do Império: «Vós vivestes horas memoráveis. Em Monaco trahalhamos pa-

ra a paz com justiça. Não era este o ideal do povo italiano? ».

### *Raça e autarquia.*

Ao orgulho dos italianos, à satisfação dos alemães, os outros povos acrescentaram lagrimas de comoçao pelo conflito milagrosamente evitado enquanto os sobreviventes das velhas congregações sacionistas desabafavam a sua ira impotente deante do desmoronamento de Versailles que seguia o de Genebra.

As consequências imediatas foram: o reconhecimento do Império e a nomeação de um embaixador em Roma por parte da França, posta em vigor pelo acordo de Pascoa pela Inglaterra, o arbitrado italo-alemão assinado em Viena por Ciano e Von Ribbentropp para a delimitação das fronteiras entre a Hungria e Tcheco-slovaquia, como o Duce havia previsto em Monaco. Emfim, a solução da pendência das minorias polacas tratada directamente entre Praga e Varsovia.

Na espera de futuros desenvolvimentos da situação internacional, Mussolini estabeleceu e resolreu no mesmo periodo alguns problemas internos fundamentais. Antes de tudo, a defesa e o fortalecimento da raça italiana através da nitida separação física e espiritual dos elementos estranhos. Na realidade, essas directrizes tinham sido seguidas desde as origens do Regime, mas a conquista do Império exigiu uma precisa formulação política e legislativa, afim de, prevenir cruzamentos e mestiça-

mentos nos territorios africanos sujeitos á nossa soberania, ou no territorio metropolitano onde a raça hebraica a mais insidiosa, revelava a sua mentalidade anti-fascista. Qualquer impulso da Revolução podia ser comprometido pela tenaz, habil ingérvia hebraica nos ganglios familiares economicos e culturais da Nação. Durante o verão foi fixada a orientação e no decorrer do outono, medidas tomadas pelo Grande Conselho e pelo Conselho dos Ministros criaram um conjunto de normas e de leis baseadas na tradição romana e católica, que foram logo aplicadas; elas eram desprovidas de um cruel excesso de perseguição mas dotadas de firmeza de objectivos, porque o fascismo é defesa da raça, consciência da raça, e no dia em que a política da raça começasse a dobrar marcaria a data incial de uma decadência igual a que precedeu o fim do Império romano.

O Grande Conselho e o Conselho dos Ministros deliberaram finalmente a reforma constitucional que substituia a Camara dos Deputados — de origem estrangeira — pela Camara dos Fasicos e das Corporações que comportava o fim do eleitorado e do parlamentarismo, isto é um habito político estranho á nossa tradição. As provincias da Libia foram declaradas territorio nacional e nas mesmas foi iniciada uma colonização demografica a grandes massas, com a transferência de um primeiro escalão de vinte mil trabalhadores. E enquanto os hebreus estrangeiros deixavam a nossa terra, uma Comissão permanente predispunha a repatriação dos italianos no estrangeiro.

A política autarquica havia atingido resultados concretos pois que, todas as forças produtoras foram mobilizadas para a conquista da autarquia económica, condição de absoluta segurança para o Império. Outras directrizes e grandes obras publicas continuaram a revelar o ritmo da vitalidade italiana: Mussolini inaugurou o centro radiofonico de ondas curtas em Prato Smeraldo, proveu á electrificação dos troncos ferroviarios Roma-Livorno e Ancona-Milão, estabeleceu a sistematização e a regulacão dos lagos do norte, favoreceu um acordo cultural e uma troca de trabalhadores entre a Itália e a Alemanha e determinou a reforma da escola media. Às visitas preestabelecidas nas diversas províncias acrescentou as inspecções improvisas feitas de avião.

O panorama deste periodo da história fascista foi exposto por Galeazzo Ciano num discurso pronunciado na Camara sobre as ultimos acontecimentos internacionais e sintetizados nestas palavras: « A visão de uma Itália unida, armada, guerreira, que conquista o seu Império, que traça aos povos justos limites, que de Roma indica o caminho da reconstrução, iluminou a vida dos nossos Grandes e a morte dos nossos Herois. Esta visão volta transformada pelo Duce numa formidável realidade de força e de justiça ».

Mas aqui não se conclui, pelo contrario se inicia a nova história imperial, porque a Itália « pretende tutelar com inflexivel firmeza os interesses e as naturais aspirações do povo italiano ». Por isso, Mussolini advertiu os combatentes reunidos em Ro-

ma por ocasião do vigesimo aniversario da Vitoria que « era necessario ainda dormir com a cabeça apoiada na mochila ». No discurso de Udine, durante a crise dos Sudetas, ele reevocou as vespertas da conquista do poder com uma frase que abria o novo horizonte: « Então marchámos sobre Roma. Nos anos sucessivos a marcha partiu de Roma. Não está ainda terminada. Ninguem pôde deter-nos. Ninguem nos deterá ».

### *Passaremos.*

No tempo previsto por Mussolini, a crise espanhola resolveu-se numa estrondosa afirmação das forças nacionais comandadas pelo general Franco. Os legionarios italianos tomaram parte na batalha de Catalunha com extraordinario heroismo e sacrificio de sangue, enquadrados na Divisão Littorio, nas Flechas Pretas, Verdes e Azuis, nas divisões de artilharia e dos carros de assalto, sob o comando do general Gambara que sucedeu aos generais Bastico e Berti, enquanto, as nossas esquadribas de aviação agressivas e terríveis para o inimigo, libertavam as vias aereas.

Os exercitos de Caudillo alcançaram os Pireneus em poucas semanas, precedidos pelas hordas de salteadores vermelhos em fuga, que abandonaram as armas mas salvaram a presa de guerra. Em face da derrota dos milicianos que ajudara politica e militarmente, a França procurou facilitar o reconhecimento do governo de Franco, com condições absurdas, com o objectivo de separar a Es-

panha falangista de seus amigos, ou melhor de vincula-la áquelas plutocracias que haviam tentado impedir a sua vitória. Mas a Espanha nacional não cedeu e quando cem mil combatentes desfilaram pelas ruas de Barcelona, Franco quis que á sua frente marchassem os legionarios italianos que Mussolini lhe confiara até a completa vitória.

As naturais aspirações italianas e á solicitação alema de restituicão das Colonias opuzeram-se perentorias recusas. Simultâneamente, as três Potencias ocidentais, Inglaterra, França e Estados Unidos, deram um consideravel impulso aos armamentos, afastando-se do espírito conciliativo de Monaco, entre ameaças e clamores anti-fascistas. Os franceses fizeram uma campanha alarmante e manifestações de imprensa ofensivas para os nossos soldados e começaram a perseguir os italianos residentes na Tunisia e nos territorios sujeitos á Republica.

Em face desse fenomeno, o Duce que se limitara a denunciar o acordo italo-frances de 1935, assim falou aos vencedores da campanha do trigo: « Em essência, é melhor não ser demasiado conhecidos: a surpresa portanto, agirá de cheio ». E em 26 de janeiro depois da queda de Barcelona: « A esplendida vitória de Barcelona representa um outro capitulo na historia da nova Europa que nós estamos criando. As destemidas tropas de Franco e os nossos intrepídos legionarios não só derrotaram o governo de Negrín: muitos entre os nossos inimigos ficaram bastante contrariados. A palavra de ordem dos vermelhos era: « Não passarão »: passamos e vos digo que passaremos ».

Eis a resposta ao desafio lançado por Daladier, brandindo um punhal durante a sua viagem á Corsega e á Africa do norte; gesto impensado que não atingira o ponto fundamental dos problemas insolúveis entre a Itália e a França. Problemas complexos e fatais que regulam o futuro, mas que não enfranquecem o vivaz dinamismo da nossa política no exterior: Galeazzo Ciano visitou os chefes políticos da Hungria, Yugo-Eslavia e da Polonia e assinou diversos acordos, sobretudo comerciais com muitos Países. Em 11 de janeiro de 1939, Chamberlain e Lord Halifax estiveram em Roma para retomar contacto com o Governo Fascista e render homenagem ao Rei da Itália Imperador da Etiopia. Os coloquios entre os governantes dos dois Impérios foram explícitos e sem segunda intenção. Nenhuma surpresa portanto, para a Italia, quando logo depois, a Inglaterra confirmou a sua solidariedade com a França fazendo entrever<sup>4</sup> a existência de uma aliança militar. Logo depois, o Führer advertia de Berlim, que a Alemanha estaria ao lado da nação amiga no caso em que a Itália por qualquer motivo, arrastasse a uma guerra.

No dia 10 de fevereiro, nas vespertas da solene cerimonia religiosa prevista por ocasião do decimo aniversário da Conciliação, o Papa Pio XI, cessava de viver. Ainda poucas semanas antes, referindo-se a Mussolini, ele o havia definido « incomparável Ministro ». O valor do Concordato concluído ha dois lustros ficou demonstrado no Conclave que elegeu Papa o Cardeal Eugenio Pacelli, com o nome de Pio XII, pois que, foi asse-

gurado aos Princípes da Igreja de todas as partes do mundo, a garantia de livre escolha.

Entre estes históricos acontecimentos e o agravar-se da crise mundial, Mussolini procurou intensificar a actividade do Governo e do partido. Por ocasião do vigésimo aniversário do Fascismo, convocou a terceira Assembléa quinquenal do Regimen, a Câmara dos Fascios e das Corporações, ordenou a reunião da velha guarda esquadrista, actualizou a legislação social em prol dos trabalhadores e apresentou ao Grande Conselho, em vez da anunciada reforma de Escola media, uma orgânica Carta da Escola elaborada por Giuseppe Bottai, Ministro da Educação Nacional, segundo suas directrizes. A Carta da Escola é um texto fundamental da Revolução como o Código do Trabalho e a Carta da Raça; ela prevê a reforma dos institutos, a eliminação de toda a sorte de privilégios, a discriminação dos estudantes de acordo com a capacidade de cada um, períodos de trabalho alternados com os de estudo e de exercício físico e militar, para a formação de homens completos dignos do Fascismo e do exemplo mussoliniano.

Exemplo que se renova dia a dia, que se intensificou com as frequentes visitas do Duce a todas as províncias do País. Visitou em Castiglione del Lago, em Nápoles e em Perugia, as obras públicas em execução, para constatar seu andamento, reconhecido pela gente do campo, da cidade e pelos operários. Em Pescara, depois de ter visitado a casa onde nasceu D'Annunzio, Mussolini quis visitar a aldeia que foi construída para os pesca-

dores; a primeira mulher que encontrou reconheceu-o e disse-lhe: « Sois o senhor Duce. Graças ao senhor posso uma casa ». Era uma mulher desse povo que « vive de pé » sempre pronto para todas as fadigas e todos os riscos, ardente, fiel, que não é escravo do esteril ceticismo, isento daquele espírito burgues que constitui a tara dos homens cansados ou zelosos de conservar comodidades e bens, o ferrete daqueles que nas horas decisivas espreitam a traz das venezianas e deixam-se arrastar ficando sempre na retaguarda, incapazes de trabalhar.

O Fascismo é o inimigo dessa gente. Mussolini sempre foi, mesmo de menino quando revelava seu futuro destino a um amigo: « Ha quem sofre a nostalgia da casa e da terra, eu sofro pela aspiração universal. Tudo me parece acanhado, esmagador ». Estou impaciente por voltar para o colégio. A comunidade fraterniza-me e afasta-me e faz perder a esperança a quem espera na luta ».

Eis o espírito originário dos Fascios que enquadram as novas forças da Itália, preparadas para o trabalho e para o combate no movimento fatal para a formação da nova civilização. As palavras escritas por Mussolini quando estudante, no começo do século, repercutem sem cessar, nos princípios enunciados pelo Duce em março de 1939, no Directório do Partido, por ocasião do vigésimo aniversário do Fascismo: « Uma preparação militar cada vez mais intensa, uma justiça social cada vez mais elevada ».

### Retrato.

Mussolini é robusto, de estatura media mas a sua pessoa vigorosa e arrebatadora tornam-no imponente. O passo é curto apressado, elastico, os movimentos energicos. Como o seu espirito, assim o seu fisico nunca assume uma atitude de desleixo, de abandono. A tensão muscular é constante como a da mente. O husto erecto dá uma impressão de energia e sobretudo a cabeça de linhas viris como a das esculturas romanas. A testa alta e espaçosa, orelhas pequenas e a grande nuca solidamente ajustada no pescoço. A boca grande e severa é sustentada por poderosos maxilares. Nariz direito, que separa os grandes olhos iluminados por uma luz imperiosa, movele e penetrante.

O génio de Mussolini concentra-se na expressão de seus olhos que antes da palavra, indagam, dominam, ou paralizam o interlocutor, mais rápidos do que a mais rápida intuição, ou então fixam-se muito abertos, mas herméticos, quando não querem revelar o pensamento. A barba espessa, escurece o rosto naturalmente moreno, queimado pelo sol do mar e dos montes. As mãos pequenas, finas, pousam-se as vezes em torno da cintura, sobre a mesa, sobre os papeis, firmes e dominadoras. Durante as marchas o braço acompanha o movimento dos homens e ergue-se na energica saudação romana. Toda a atitude de Mussolini é simples, desinvolta, mesmo quando aparece deante das multidões na monumental figura de Duce, que mantem com desembaraço e nas situações mais arduas: a cavalo, no

alto dos pódios, nos automoveis em movimento ou sentado perante as assembléas.

Tambem naturais são as suas atitudes esportivas: ao volante do seu automovel ou de uma lancha de uma motocicleta, no lugar de piloto aviador, nos campos de ski, etc. e os de trabalhador ceifando o trigo, ou manejando a picareta para dar inicio ás obras publicas.

Em toda a parte, onde quer que se encontre ele está a sua vontade. Lembramos a sua fisionomia magestosa nos momentos solemes, deante do desfile das tropas e quando canta com os Camisas Pretas nas reuniões fascistas. A Rainha Margarida admirou nêle o homem do povo que subiu da condição mais humilde á mais alta, sem revelar esforço algum em refinar seus modos, e aprender as normas dos ceremoniais, dos quais ele é um reformador. O instinto natural de comando inspira-lhe a atitude de chefe e de senhor. Margarida de Saboia, cuja regalidade era insuperavel, contava aos amigos intimos que quando Mussolini foi pela primeira vez obsequia-la no seu palacio, ela propuzera-se encontrar nêle eventuais sinais de embaraço: mas ficara surpreendida deante da perfeita desenvoltura como se ele toda a vida tivesse frequentado a Corte.

O regimen de vida que Mussolini se impoz, mantem o vigor necessario para sustentar a sua fadiga quotidiana. Ele organiza seu dia com um metodo cujo trabalho metodico quasi burocratico se compensa com o dinamismo esportivo. Durante as 24 horas examina as questões que não exigem estudo ponderado, recebe os Ministros para solucionar

os problemas políticos e administrativos do Estado, lê todos os jornais, recebe numerosos visitantes, preside assembleas e conselhos, fala ás multidões, visita os trabalhos e as obras publicas, coordena todas as actividades e rompe a quasi ascetica fadiga de Palacio Veneza para por-se em contacto com os elementos da natureza e submeter o corpo aos mais variados exercicios. Considera os esforços violentos como equilibradores do trabalho intelectual; o risco dos vôos frequentes é para ele um premio, um descanço. O seu teor de vida é familiar, extremamente sobrio; alimentação frugal composta quasi exclusivamente de frutas, verduras e leite. Mussolini não fuma, não joga, não é um gastronomo, não é um folgazão. Não bebe licores, nem vinhos, não toma parte em jantares nem em festas mundanas lê muito, con extraordinaria rapidez sem que nada lhe escape e com frequência assiste sentado entre a gente da platea, os espectaculos liricos, pois é um grande apreciador da musica. A vida metodica e variada que leva, afasta a negligencia e renova a frescura da sua mente, descontando a fadiga quotidiana que nunca transparece no seu aspecto. Desse forma, mantem seu organismo em condições de trabalho. Já por natureza, possui uma força intrínseca, fisica e espiritual extraordinaria. Cesar Battisti comparou o chefe redactor de seu jornal a uma bobina de Ruhmkorff!

Mussolini admira a mocidade e defende a sua, mesmo se certa vez falando aos senadores teve de dizer: « Culpam-me de andar a cavalo? Sou moço! Mocidade mal divino do qual se vai curando aos

poucos, dia a dia! « Mussolini não é sedentário. Certa vez haviam-lhe preparado uma poltrona deante de sua mesa de trabalho no « Popolo d'Italia ». Uma poltrona? Tirem-na daqui e já, senão atiro-a pela janela fóra. A poltrona e os chinelos são a ruina do homem ».

Em face da insuficiencia ou de erros cometidos por êste ou aquele colaborador as manifestações do seu desagrado são explosivas mas são justas. Acalma-se imediatamente. Desconhece recriminações e murmurar de descontentes e de incapazes, nem se deixa dominar por sentimentos românticos.

Gosta do campo, e quando vai de quando em quando á Roca das Caminatas passa o tempo conversando com os lavradores, interessando-se pelas colheitas. Caminha com o seu carro a grande velocidade e procura satisfazer os interesses de povoações remotas que visita na sua passagem.

Mesmo depois de um dia de trabalho intenso, o seu sono é calmo, profundo. A sua memória é formidável. « Mussolini não é homem de humour, nem homem de espírito á francesa — revelou um biógrafo; — um olhar é suficiente para paralisar quem queira gracejar com ele; tem da vida uma concepção alta e dramática, quasi tragica; aprecia os contrastes de luz e as fortes emoções ». « Nascido do povo, prefere o poema épico, a tragédia, a farsa, comprehende pouco o sorriso e as meias tintas ». Tem uma marcada prevenção contra a barba. « O segredo da sua sedução — escreveu um outro biógrafo há muitos anos — está em não prepará-la a sua forma é prodigiosamente variável ». A fecun-

didade do espírito de Mussolini faz acolher as pessoas com muito calor e o seu físico plasma admiravelmente o estado de animo. Eis que está irritado. Tem a cabeça encurvada sobre a mesa, quasi encostando o nariz á pagina que lê. As mãos mantêm-nas debaixo da mesa e diz apenas um « sim » ou um « não » ou « ciao » lento quasi balbuciado. Ou então o vereis ler com as costas voltadas para a porta. Sentindo que entrais não se move, mas pergunta : Quem é? e reconhecendo-vos sem comtudo se voltar responde com poucas palavras ». « Enraivecido, reage imediatamente, amarrotando papeis que atira fóra, enquanto suas pupilas faiscam. Está cansado? Então o fogo que ilumina o seu semblante fica ligeiramente velado por uma camada de cinza ». « Está satisfeito? Levanta-se, gesticula com violência, ou descreve uma cena com muito espírito. Está sereno. Qualquer noticia o surpreende procura encorajar-vos e ajudar-vos ». « Ele aprecia a coragem sobria, firme, decidida. Todas as redundancias o aborrecem. Se se irrita fa-lo com um tom imperioso e profundo. Nunca é prolixo. Capaz do drama, detesta o melodrama. Aprecia a cor por espírito de italianidade e artístico, porque sabe que é fonte de entusiasmo e de força ».

É este Mussolini, agitador e chefe de partido durante a violenta luta politica de apôs guerra; mas tal ficou substancialmente o Duce depois de 16 anos de governo. O maior patrimonio de experiência e as graves responsabilidades, elevendo-o acima de todos, não lhe exacerbaram o caracter, pelo contrario tornaram-no mais sereno e pacato. O seu

sorriso é frequente e constitui um premio para quem o recebe; quando o fulgor de seu olhar acompanha o franco e improviso sorriso da boca e dos olhos, êle revela a juventude do seu espírito. Nos momentos de comoção ou de concentração os grandes olhos semi abertos brilham entre as pestanas: Isto acontece quando fala aos individuos ou ás multidões em anciedade.

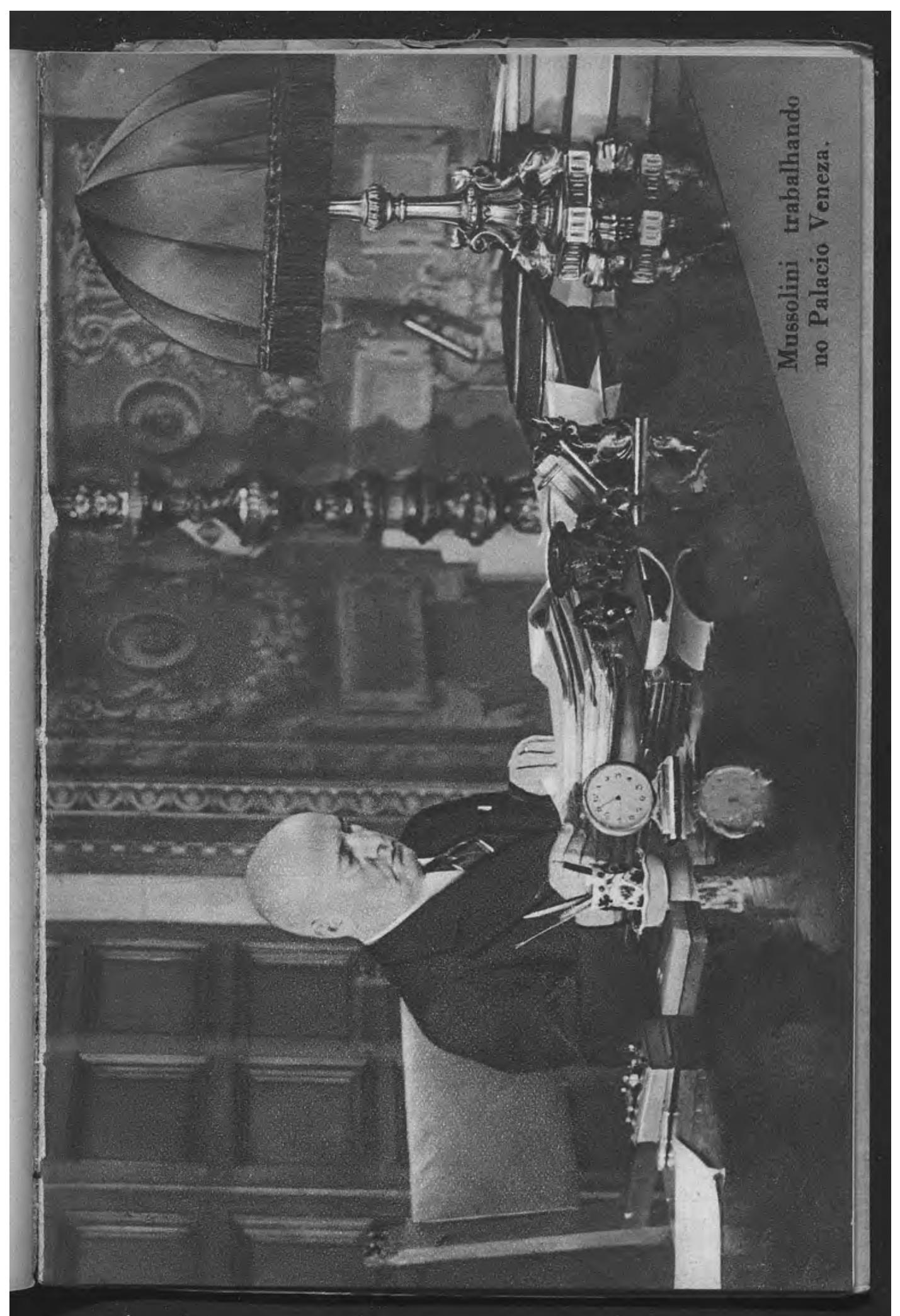
É um grande orador e não se pode comparar a ninguem, porque a sua eloquência é personalissima no conteudo e na forma. Realiza seus discursos com afirmações perentorias sem adjectivos nem repetições. A sua força de persuasão está na lógica dos argumentos expostos, na sua ferrea concatenação que não se revela meditada, mas o é, como são meditados os seus escritos. Diz sem ênfase e com simplicidade as palavras necessarias para exprimir a idea. Resolve sempre os problemas que se lhes apresentam e não dá treguas ás veleidades dos adversarios que supera com perfeita lealdade polemica ou as vezes abate com ironia. Possui uma voz metalica e viril, fala lentamente quando não assume concitação agressiva. A comoção de quem o ouve é imediata e deriva da substância das ideas expressas, do seu intimo valor que aumenta na sucessiva meditação. Mussolini nunca levanta a voz em qualquer peroração; só diminui o ritmo quando diz coisas solenes ou definitivas. Move ligeiramente a cabeça ao conceber uma idea e muitas vezes a multidão intui pela sua expressão o que está para dizer.

Os principais discursos como os principais ar-

tigos de Mussolini constituem outras tantas etapas na estrada percorrida pela Itália fascista, porque, não são compostos de palavras vazias, mas criam o estado de animo, acompanham, preanunciam a acção, são instrumentos de governo como as leis. Mussolini detesta a eloquência vã e parlamentar ou a retórica de academia. Com seus discursos secos, lapidários superou os mais celebres oradores. Nada concede ao jogo de efeitos superficiais e mantém-se coerente, sincero, mesmo se sente a multidão como ninguem, e sabe adaptar-se com intuição imediata aos varios estados de animo, aos mais disparatados auditórios. Nisto ele é um artista, porque, sabe fazer-se compreender, seja falando aos campões ou soldados, seja falando aos diplomatas, cientistas, industriais e profissionais. « Nos tocamos lira — disse uma vez — em todas as cordas; desde a da arte a da política. Somos políticos e somos guerreiros ».

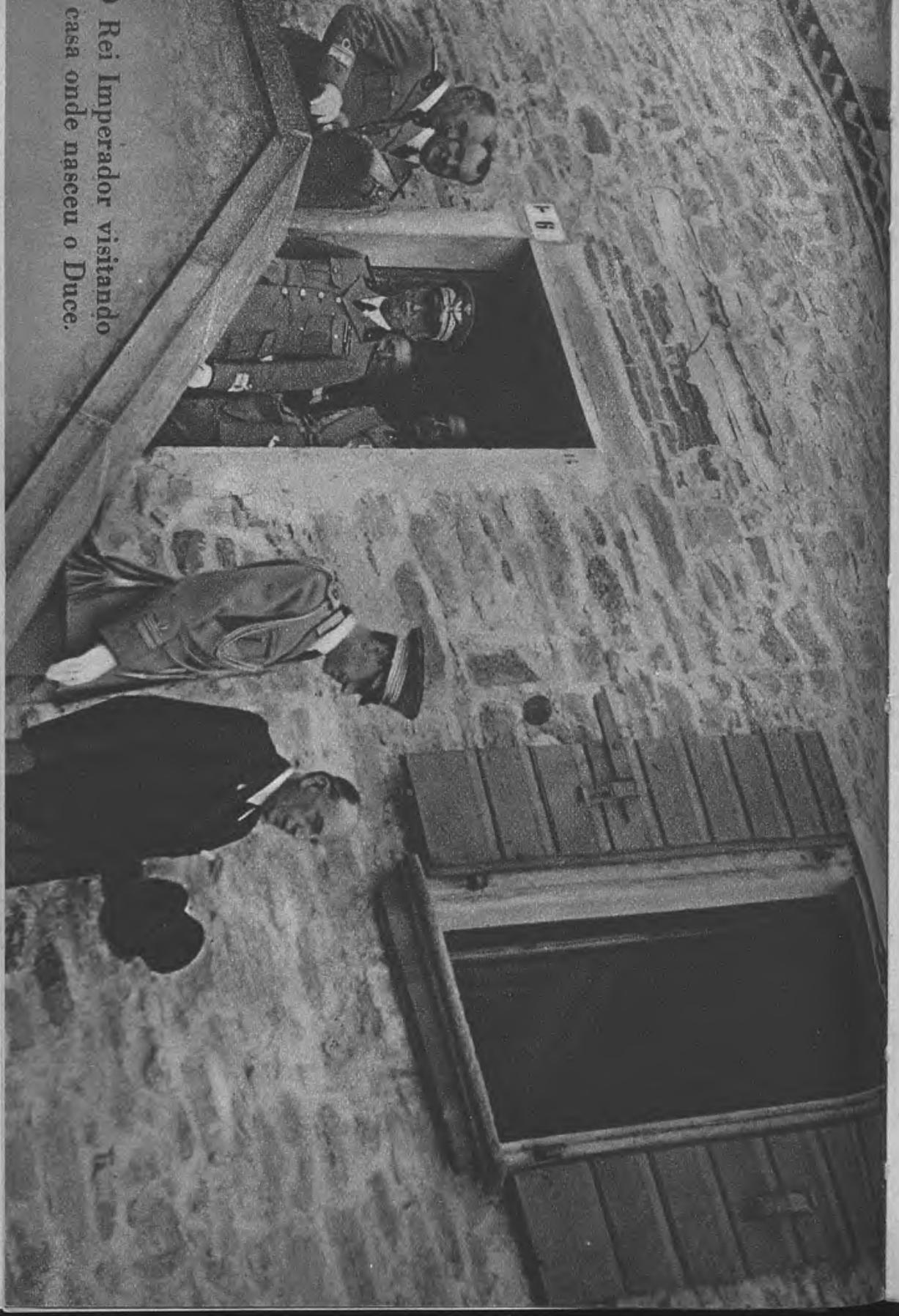
Um instinto telúrico faz com que ele avalie os elementos imponderáveis das varias situações, e da-lhe o pressentimento do futuro. Embora se mantenha no filão da grande tradição política romana, ele volta as costas ao passado e tende constantemente ao futuro. A variedade das coisas, das estações e da paisagem influem mais sobre ele do que a mudança de humor dos homens. Sente o tempo: é climatérico. A sua opinião sobre os homens é indulgente mas pessimista.

Não dá confiança a ningnem; não existem para Mussolini os famosos conselheiros que sempre figuraram ao lado dos condotieros. Afasta até os mais



Mussolini trabalhando  
no Palacio Venezia.

O Rei Imperador visitando  
a casa onde nasceu o Duce.



intimos colaboradores. Nem se deixa influenciar pelos livros. « O livro — diz — é a vida vivida. O mestre, a experiência de cada dia. A realidade da experiência é muito mais eloquente de todas as teorias e doutrinas de todas as línguas e estantes ». Instintivamente, defende-se contra as adulações, insinuações de quem lhe fala. E por isso é esquivo, pouco sociável, apesar da sua actividade e da sua obra serem extremamente sociáveis. Perante as multidões a sua personalidade respira, agiganta-se e manifesta-se em toda a sua força, mas nos colóquios privados a generosidade do seu animo revela-se através de uma extraordinaria discreção, espelho da sua aguda sensibilidade, da sua bondade primordial. Ajuda o mais que possível, perdoa, procura satisfazer as necessidades dos outros com extraordinaria e espontânea distinção, mesmo se não acredita na gratidão dos homens. Pessimista por sistema e no profundo da sua concepção da vida, torna-se otimista na quotidiana acção construtiva, na firme confiança de si mesmo e no destino da Itália. Deante do obstáculo reage com impetuosidade e consegue sempre superá-lo, não através da furia de uma acção desordenada, mas através da energia com a qual actua e desenvolve planos extremamente calculados. Quando ocorrem acções imediatas ou de força, não se detém deante do risco mas atira-se com impeto irresistivel, porque « não se deve ter medo de ter coragem ». Nisto é inteiramente anti-burguez. « O credo do fascista é o heroísmo — disse — o do burguez é o egoísmo ».

Nenhum chefe de governo esteve sempre tão

perto do povo, e tratou com tantas categorias de pessoas. Ele da, protege, e concede nos limites do possível, mas « para restaurar o Estado, encontrou o segredo de uma pequena palavra esquecida. De ha muitos anos que o Estado italiano a força de anuir sempre, acabara perdendo muito credito e muita autoridade. Quem quer governar deve aprender a dizer: não! E a convicção da sua equidade já está tão enraizada que quem recebe um não dálhe razão.

Justamente, porque, é metódico, Mussolini resolve prontamente e elimina e repele tudo quanto fôr superfluo. Com tudo, sabe tratar até nos seus mínimos detalhes as questões importantes com a mesma paciencia com a qual dirige a política estrangeira, entre hostilidades e dificuldades infinitas. Paciencia que significa sabedoria mas que se transforma em accão arrebatadora, no momento oportuno. Ele aprecia os dados positivos, os termos precisos, as estatísticas, as competencias, mas não tolera a subordinação do todo ao particular, do espírito á letra, dos valores ideais, á matéria bruta. Detesta os genericos, os faladores, a enfase, os exageros, os compromissos, as hipocrisias. Tudo isso, é contrario á sua maneira de vida a qual quer elevar os italianos corrigindo neles certos resíduos do costume de épocas decadentes. Exige dos seus colaboradores noção de responsabilidade, sinceridade, coragem moral, e física, explicações sinceras e imediatas. Despreza os presuntuosos, os retrogrados e os catedráticos. A sua formula pratica consiste: « Não procuro e não repilo ninguem ». Quem torna a

ser honesto mesmo depois de precedentes obscuros, é acolhido sem prevenções. Perdoa com facilidade aos que o ofendem. Chega ao ponto de ajudar os adversários que ficaram no meio do caminho, incapazes de levantar-se. Frequentemente, simpatiza com as pessoas mas quem não se torna digno da sua amizade é imediatamente repelido e esquecido.

Mussolini faz questão de manter as promessas que não faz por um cálculo demagógico. A simplicidade e a ordem do seu trabalho são de tal ordem, que ele consegue fixar com precedência de meses e de anos o que fará no futuro e não falta aos seus compromissos. Não tolera privilégios nem para si nem para os seus, nem para os hierarcas. É desrido de qualquer vaidade. A sua ambição é tornar grande a Itália. É profundamente honesto, despreza o dinheiro e os bens materiais e isto não é senão um aspecto do seu total desinteresse. Ele renunciou a qualquer honorário como Ministro.

Não é carola nem puritano, aliás despreza os faceis Catoes e os zelosos que tendem sempre a dessecar tudo; na prática é um moralista, um educador do povo. A sua vida familiar é serena, baseada na autoridade do chefe como nas patriarcais famílias da Romanha. Sua mulher, Rachel, sabia dona de casa cuida dos filhos e a felicidade transparecia no seu semblante ao lado do seu marido, quando foram celebrados os casamentos de Edda com Galeazzo Ciano, de Victor e de Bruno de volta da guerra da África. Mussolini também tomou parte com afecto paternal nas nupcias de Vito e de Ro-

sa, filhos de Arnaldo. Bem cedo tornou-se avô. Ele se orgulha de ter sido um otimo soldado nas trincheiras assim como permitiu prontamente e com satisfação que seu filho Bruno tomasse parte no « raid » Roma-Rio de Janeiro. O seu caracter não é rígido nem feroz como muitos pensam, mas de uma bondade profunda e viril. Mesmo na necessaria aplicação do metodo de seu trabalho não se deixa infiltrar pela ferrugem do habito; sempre bem disposto, agil, ele encerra seu dia de « imperador dos empregados » com a ginastica, e os passeios a cavalo pela manhã. Dá o exemplo da aplicação quotidiana do seu preceito aos jovens, que é empregado também aos veteranos: « Livro e mosquete, fascista perfeito ».

A sua natureza manifesta-se através de aspectos diversos, inesperados como se vivesse ao mesmo tempo muitas vidas. Possui um profundo sentimento humano e sofre pelos sofrimentos dos pobres: « Não consigo dormir, disse ao voltar da sua viagem á Sicilia, quando penso nas horriveis barracas onde se acumulam de ha 15 anos, os que escaparam do terremoto. Vou queimando á medida que vou reedificando as casas. Mas nunca se faz com a pressa necessaria ». Quando pela segunda vez, visitou a Sicilia, quis descer a 400 metros, nas entranhas de uma mina de enxofre. Desde que, assumiu o governo combateu e eliminou quasi inteiramente a malaria e a pelagra. Numerosos italianos de todas as classes e muitos estrangeiros, dirigem-se a ele para obter dinheiro, ou a sua inter-

venção nas questões mais complicadas, e sua secretaria pessoal tem um trabalho considerável.

Mussolini tem predileção pelas crianças; beija-as, ouve-as cantar, deixa-se rodear e agarrar pelos grupos alegres, quando visita uma escola ou uma colónia de mar ou de montanha. Respeita, exalta, protege na mulher a mãe, mas está longe de considerar a mulher igual ao homem e ainda menos superior. Homem no sentido clássico, desconhece a velha concepção oitocentista que fazia do amor romântico o fulcro sentimental da vida dos homens. Como homem, julga a mulher a moda dos românticos: « Ela é analítica e não sintética. Terá a mulher feito arquitectura no decorrer destes séculos? Pedi-lhe para construir uma choupana, não um templo, naturalmente! Não o conseguirá. Ela desconhece a arquitectura que é a síntese de todas as artes, e isto é um símbolo do seu destino ». O Duce de facto, considera a arquitectura como sendo a síntese do génio construtor do homem e prefere Michelangelo a Rafael. Ele mesmo foi colaborador no projecto do arco da Vitoria de Bolzano. Tem predileção pela construção, simpatiza com os construtores.

E o povo o tem com construtor da sorte da Itália. A sua influência sobre as massas é absoluta. Quando fala nas grandes assembleas populares, todos os olhos, todos os corações estão voltados para ele e são frequentes os diálogos entre o Duce e a multidão, manifestação exterior de compreensão recíproca e do consenso de todos. Depois da primeira troca de palavras, seus visitantes, mesmo os mais

timidos, sentem-se logo a vontade deante do homem que tanto desejaram e que ao mesmo tempo receavam encontrar; porque ele é simples, cordial e sabe colocar-se no nível psicologico do interlocutor. A sua personalidade e a sua força, fascinam os mais surdos e tenazes adversarios. Um escritor fascista que visitou em París um antro de anti-fascistas observou: « Ao ve-los, e aos ouvi-los pensei: estes não desejariam ouvir nem o seu nome mas não fazem outra coisa senão falar nêle; desejariam esquece-lo e tem-no sempre deante dos olhos; desejariam revoltar-se contra a sua força e são subjugados pelo receio que se apodera dêles quando o imaginam castigador inexoravel; desejariam fugir-lhe pelo prazer de nega-lo, mas sentem-se paralizados pelo seu olhar, tanto que algumas vezes o terror de ama-lo, torna-se muito maior do que poderia ser o despertar de suas sancções contra os traidores e os transfugas ».

A sua maior devocão está constantemente voltada para a memoria dos mortos na guerra e dos mortos pela Revolução ou no cumprimento do seu dever. É instinctivamente contrario a tudo quanto é macabro, rende homenagem aos tumulos dos martires, faz erigir monumentos aos mortos e ossarios de guerra inspirados em conceitos de vitoria e de triunfo. Exalta o valor do sacrificio porque é o sangue dos herois que dá movimento á roda da historia. Místico e sublime foi um discurso pronunciado deante dos fascistas ajoelhados em torno dos feretros dos jovens esquadristas assassinados em Modena; e durante as fases agudas e solênes da luta

política, depois da guerra da África e durante a guerra da Espanha, quis render com toda a solenidade homenagem aos mortos tanto que os pais, os irmãos e os filhos dos mesmos, recehendo de suas mãos as insignias do valor pediram-lhe para combater no lugar de seus queridos mortos, para substitui-los e vinga-los.

Nos seus encontros com os estrangeiros Mussolini serve-se de um poderoso meio de comunicação como nenhum outro homem de governo: o conhecimento das línguas, desde o dialecto alemão ao francês, inglês e espanhol. Ele pode conversar tanto com um camponês como com o general Astray com Hitler, com Laval, com Mc Donald com jornalistas de todas os países do mundo, com embaixadores de todos os Estados, e pode falar a milhões de alemães fazendo-se compreender perfeitamente na sua linguagem.

O embaixador japonês Yosuke Matsuoka referindo-se ao Duce, disse: « Estou certo de que, não é só a arte de governar que o torna um homem incomparável. Dos seus discursos desprende-se uma força humana que o eleva acima de todas as ideias e de todas as gentes: ele é vosso e pertence ao mundo. Nos poderemos compreender-lo e amá-lo quanto vós o compreendeis e amais. A visão superior que ele tem de todos os problemas e de todos os homens, da justiça e do erro, do princípio e do facto contingente; o seu espírito humanitário quasi sobrehumano; a sua serenidade a sua generosidade, fazem-me crer que ele possui uma natureza superior e divina ».



Entre o futuro e o passado, a perfeição de Mussolini está em saber compreender a vida moderna e tomar parte nos seus aspectos mecânicos sem nunca perder o senso da mais antiga tradição italiana, da aristocracia civil amadurecida nos séculos. Ele ligou a Itália do século vigésimo á Roma dos Cesares, não recuando mas fazendo marchar o seu povo na vanguarda das nações modernas. Considera uma arte a sua capacidade de converter e de reformar sem destruir o que deve ser conservado. Nisto consiste a sua política: «A minha é a arte das artes — afirma — a mais difícil de todas; trabalho a matéria não inerte, a mais frágil e delicada, o homem».

No começo teve que impor-se como um revoltado ao velho mundo italiano, decadente e dominado pelas influências estrangeiras. Mas quando deixou o partido socialista e fundou o «Popolo d'Itália», começou a construir um novo mundo na consciência dos seus sequazes e aos poucos o impôs a todos os italianos, através da guerra e da revolução. No começo, a sua obra consistiu em adaptar a nossa vida civil á vida dos povos que de há muitos séculos haviam alcançado sua independência e unidade. Atingindo êste nível, êste denominador comum, continuou a construir no sentido revolucionário: gradualmente com sabia oportunidade, sem forçar os tempos quando uma reforma não estivesse bem amadurecida. Mas depois de dezasseis anos de Regime, a transformação constitucional tinha chegado ao auge, reforçando-se, pene-



trando nos espíritos e nas coisas, em vez de se com o decorrer dos anos, como aconteceu com a revolução francesa e holchevista.

Ele age sempre segundo uma concepção espiritual da vida, mas atribui o primado á acção. « Eu sou pelo movimento, eu sou un marchador ». « Uma contribuição favorável para o aumento de trabalho, foi dado pelos esforços que realizei para diminuir a palrice ». Nisto, como em muitos outros hábitos perniciosos que pareciam enraizados, ele modificou o costume dos italianos, seu modo de vida. « A democracia tirou o estilo á vida do povo. O fascismo o reintegra: isto é, na linha de conducta, na cor, no pitoresco, no inesperado, no místico, enfim, em tudo quanto tem um valor no espírito das multidões ». Mas nada concedeu aos defeitos da vida burguesa, ás divisões regionais ou bairristas, que reprimiu e destruiu inteiramente. Aborrecem-no as contendidas pessoais, desagregadoras ás quais reage eliminando os concorrentes e os dissidentes. Impôs uma disciplina civil que de há muitos séculos era desconhecida ao individualismo rebelde e hiper-critico dos italianos levados a antepor o interesse individual ao comum, ignoros de toda a organização que tinham desamor pelo exercito e pelas armas, esquivos ás fardas e á subordinação hierárquica. Ele fez do povo italiano, um povo militar com um patrimônio de glórias e de vitórias. Transformou o comportamento físico e moral dos indivíduos e até sua linguagem, introduzindo novas palavras no uso comum. Dinamizou o povo, enquadrou-o em organizações.

mos capilares, políticos, sindicais, corporativos, militares, sem diminuir a família, que é a cellula fundamental da sociedade fascista, aliás, revigorando-a, protegendo-a com numerosas providencias. A saude do povo italiano cresceu juntamente com a media da longevidade. O tipo fisico dos jovens tornou-se mais atletico devido ao consideravel incremento esportivo. Mussolini eliminou o sentimentalismo e o scepticismo, inculcando a cada individuo o orgulho nacional, um sentimento viril e conciente do dever, que as vezes chega ao sacrificio. Não existem durezas na nova educação fascista, mas fraternidade e camaradagem.

A estes dados positivos da influencia mussoliana, sobre a saude fisica e espiritual dos italianos, acrescentam-se as realizações concretas da sua politica. Para êles o nome de Mussolini já está inscrito na historia qualquer que possa ser o destino futuro da sua pessoa. Entre as realizações algumas realçam-se como obras primas de valor inestimável que ninguem pode deixar de reconhecer, nem mesmo seus adversarios: a Revolução sem carnificina, a conciliação do Estado com a Igreja, o Código do trabalho, o sistema corporativo e o Império, ao qual segue o esforço pela autarquia que fixará o grau do poderio italiano entre os Países do mundo, depois que o Fascismo os salvou do perigo bolchevista. Todo o conjunto de obras fascistas resultará cada vez mais claro como fundação da nova civilização europea; e o seu valor etico culminará em expressões esteticas.

É impossivel lembrar todas as manifestações

positivas da actividade mussoliniana em que o facto material converge sempre num objetivo espiritual, mas justamente pelo seu valor espiritual e moral carece lembrar a política fascista da imprensa. No jornalismo, o jornalista Mussolini imprimiu uma dignidade que falta aos Países de sistema democrático parlamentar. Toda a legislação fascista tende energicamente a garantir o País contra o perigo dos jornais de carácter escandaloso e de jornalistas ligados a interesses de individuos ou de grupos em contraste com o interesse do Estado. O Fascismo afirma que para a imprensa a discussão dos problemas e a salutar polémica construtiva é mais um dever do que um direito. Mas destroça qualquer veleidade inconfessável, a intromissão da crónica obscura, a excitação ás desordens, a corrupção: tudo quanto por vulgar interesse possa prejudicar a saude do povo. A imprensa fascista e com ela a Nação são subtraídas a todo e qualquer influencia malefica, que deriva da escravidão da pena, no tocante as sugestões impuras.

Mussolini criou uma nova aristocracia, fundou uma classe dirigente e organizou quadros hierárquicos competentes para todas as actividades civis, política e militares. Conferiu títulos aos herois, aos condotieres de guerra: propôs a nomeação de D'Annunzio a Príncipe de Montenevoso, dos comandantes dos exercitos vitoriosos, a Marechais da Itália, proclamou Diaz Duque da Vitoria, Thaon de Revel Duque do Mar, Badoglio Duque de Addis Abeba e Graziani Marquês de Negueli.

No domínio das letras e das artes fundou a A-

cademia da Itália, renovou os institutos universitários, levou a bom termo a grande obra « Enciclopedia italiana », favoreceu a « Obra omnia » de D'Anunzio, de Oriani, de Arnaldo e as edições nacionais das obras dos classicos; mandou erigir monumentos, dedicou uma cidade ao general Guidoni, instituiu os feriados por ocasião do aniversario da Columbia, do descobrimento da America e pelo aniversario da morte de Marconi, exaltou o primeiro jubileu de reinado de Victor Emmanuel III, favoreceu a reaparicão dos espectaculos classicos, restaurou monumentos, tomou parte nas comemorações de Carducci e de Pascoli, rendeu homenagem a Dante isolando a zona onde o Poeta está enterrado em Ravena, e Virgilio em Mantova. Quis que todos os anos se comemorassem os grandes italianos desta ou daquela região e homenageou D'Anunzio quando vivo e depois de sua morte. Deliberou a reforma do ensino, a reforma dos códigos iniciada por Alfredo Rocco, na qual contribuiu pessoalmente com retoques decisivos para favorecer a redenção dos menores transviados, para atenuar certas penas excessivas aplicadas a delitos comuns, para agravar as que se devem infringir aos culpados de delitos contra o Estado ou contra a colectividade; foi justamente severo nos crimes contra a maternidade e a raça.

O cumho da sua obra de educador já profunda nos espíritos, realça-se nas drásticas e decisivas frases mussolinianas esculpidas nas lápides ao lado do emblema do fascio dos lictores, ou impressas nos muros das casas das cidades e dos campos, em to-

das as regiões. As inscrições que sugerem a nossa linha de conducta avistam-se de longe como pedras miliares do espírito: « Viver perigosamente », « Livro e mosquete » « Prontos para a meta », « Roma doma », « Para deante », « Ir de encontro ao povo », « Muitos inimigos muita honra », « Quem para está perdido ». São estes conselhos que estimulam e acompanham a nossa vida quotidiana e imprimem-se na consciência tanto mais solidamente, por quanto, suscitam recordações de acções, de empresas, de batalhas conduzidas á vitoria através da aplicação dêsses conceitos.

No domínio intelectual, se Mussolini adverte que a experiência e não o papel impresso formou suas ideas, resulta o facto positivo da sua vasta cultura pessoal em continuo desenvolvimento. Desde a época em que era professor, operario, estudante jornalista, sempre teve os principais autores como seus familiares. Como fez mais tarde com a obra de Machiavel, ele dedicou na sua mocidade longas horas de estudo ou de traducao aos autores alemães como Nietzsche, Schopenhauer, Stirner, Weininger, Marx Schiler, Klopstock, Platen, Heine, Goethe, Hegel. Entre os autores italinos prefere: Dante, Carducci, Oriani, Foscolo, Pareto; dos franceses Sorel, Blanqui, Balzac, Le Bon. Le e relê Platão entre as operas prefere as de Wagner, Verdi e Puccini. « Adoro Beethoven — diz — considero-o maior criador das sinfonias e harmonias terrenas. O prazer que ele dá ao espírito é muitas vezes interrompido por um arrepiamento subtil quasi angustioso, tanto é alto e sobrehumano.

De facto, só os excelsos sabem dar a vertigem do absoluto do desconhecido. A musica de Beethoven desprende o homem da sua humanidade mortal. É o prodigo dos santos guiados por Deus ».

Mussolini não é um teorico nem um doutrinário, e prefere não ouvir as emprezas realizadas, por maiores que sejam. Quem faz a historia — diz ele — não tem tempo para narra-la. Contudo, tem um diário seu com notas pessoais quotidianas. Como Alexandre, Cesar, Augusto, Cronwell, Napoleão, Bismarck e Cavour ele não é um sistemático. Apesar de ser escritor no sentido mais clássico, prefere os factos ás elucubrações ideológicas, que tem a pretensão de atingir e fixar o absoluto e o eterno. Mas, as suas ideias são claras e baseam-se em firmes princípios orgânicos que lhe inspiram a obra. Ele é um realista, mas nega o conceito bruto e acaanhado da vida social, regulada pelo determinismo económico. Cuida das coisas terrenas mas todas as suas aspirações visam um ideal. Se o seu espírito se mantém superior ás pequenas fases da luta humana, não permanece alheio ás mais duras exigências da luta pela vida da Nação. Afirma corajosamente a função indestrutível da violência que corta os nós, resolve as situações e vence os obstáculos nos momentos de crise, dos quais depende no interior e no exterior, o destino de um povo. E justifica-a como um fim superior, recusando-se a qualquer falaz ilusão de inexistentes paraízos terrenos. Ele resolveu a crise italiana enfrentando ao mesmo tempo o problema social e o problema nacional, unindo-os, em lugar de contrapô-los como

haviam feito os antigos partidos na sua esteril concorrência desagregadora. Pode portanto, afirmar com plenos direitos que o sistema fascista é sistema de verdadeira democracia, porquanto, interpreta as exigências de todas as categorias sociais e baseia-as na suprema exigência do Estado.

Para vencer os obstáculos serviu-se da força, mas o seu objectivo foi sempre o bem comum e por isso ele sempre obteve o pleno consenso popular. O povo italiano vê no Duce o representante de seus legítimos interesses perante o mundo, o interprete, o defensor da raça, aquele que com a justiça de seu governo impede o prevalecer de uma parte sobre o todo, e a preponderância internacional, em prejuízo da Italia. Daí surge o conceito de hierarquia sem a qual nenhuma ordem duradoura poderá afirmar-se. O fascismo como todos os sistemas políticos e religiosos que constituíram a base dos vários ciclos de força e de civilização de um povo, é uma democracia autoritária e centralizada.

Alem de algumas passagens de seus escritos e discursos, Mussolini traçou uma vez por todas as bases do sistema político e social por ele realizado, com o escrito que apareceu sob a voz «Fascismo» na «Enciclopédia Italiana», antes da fundação do Império. Esse escrito conclui: «Para o Fascismo a tendência ao Império, isto é, à expansão das nações é uma manifestação de vitalidade; o oposto é sinal de decadência: os povos que surgem ou ressurgem são imperialistas os povos que morrem são renunciatários. O Fascismo é a doutrina mais apropriada para representar as tendências, os estados

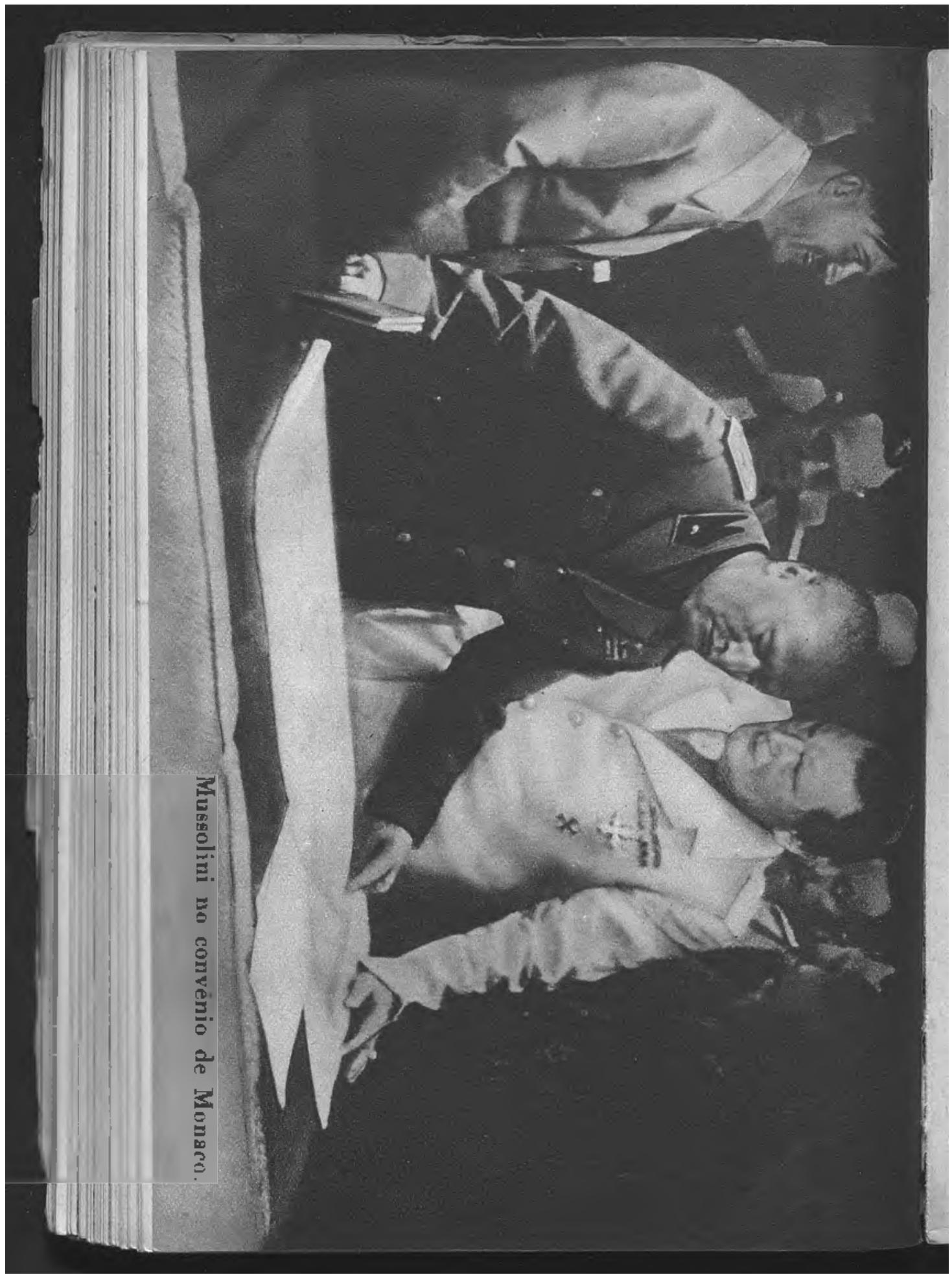
de animo de um povo como o italiano que ressurge depois de muitos seculos de abandono ou da escravidão estrangeira. Mas o Império requer disciplina, coordenação dos esforços dever e sacrificio; isto explica muitos aspectos da ação pratica do Regimen e a orientação de muitas forças do Estado, a severidade necessaria contra os que desejariam opor-se a este movimento expontâneo e fatal da Itália no seculo XX e opor-se agitando as ideologias superadas no seculo XIX, repudiadas onde quer se tenham ousado grandes experiências de transformações políticas e sociais: Nunca como nêste momento os povos tiveram tanta sede de autoridade, de directrizes, de ordem. Se cada seculo possui sua doutrina, numerosos detalhes demonstram que a do seculo actual, é a doutrina do Fascismo. É uma doutrina de vida como prova o facto que suscitou uma fé: fé que conquistou os espiritos, como demonstra o facto, que o Fascismo teve seus mortos e seus martires. O Fascismo possui no mundo a universalidade de todas as doutrinas que realizando-se, representam um momento na historia do espírito humano ».

#### A sorte.

O desenvolvimento do Regime e os acontecimentos europeus identificam-se cada vez mais com a actividade pessoal do Duce. Torna-se cada vez mais difícil distinguir os aspectos particulares dos da vida publica de Mussolini. Daí por deante, a sua biografia confunde-se com a propria história da



O Rei Imperador  
e Mussolini  
assistindo ás  
manobras.



Mussolini no convénio de Mônaco.

Itália; cada gesto seu, cada palavra sua tem uma importância para a colectividade e para a função publica. Em suas linhas mestras a figura do Chefe do Governo é inteiramente inseparável da sua personalidade individual; e comtudo, mais que uma intuição, a exclamação ao Duce dos que trabalham a terra semeando os grãos da bonificação. « Tu és todos nós » foi a afirmação elementar expressa em termos simples e sublimes. O Fascismo é a tradução de uma necessidade histórica da Nação mas foi criado exclusivamente por Mussolini que o conduz segundo as directrizes corajosas que são próprias do seu temperamento e do seu génio. Ha 16 anos que a história italiana é a projeção, o resultado objectivo da sua obra diária. Os acontecimentos que se desdobram, as reformas realizadas, os resultados reunidos, constituem outros tantos capítulos da biografia de Mussolini.

Entretanto, a influência de sua personalidade vai além e fixa por si só a história da Europa. Mussolini foi denominado o « motor do século » a sua figura já sofreu a influência do mito. Poucos meses antes de morrer o maior poeta de nosso tempo Gabriel d'Anunzio, referindo-se à fundação do império, dirigiu a Mussolini uma mensagem em que lhe dizia: « Após tantas batalhas, após tantas vitórias, após tanta força de vontade, realizaste aquilo que na história dos grande homens quasi nunca se consegue realizar. Creaste o mito ». « Em toda a história dos conquistadores nunca se assistiu à criação de seu mito eterno com os elementos humanos ». « Entre os enormes benefícios que me fizeste, tive o de ter visto um homem vivo criar o

seu mito sempiterno ». Nem o fenomeno foi improvisado: Jorge Sorel o havia predito com extraordinaria intuição, muitos anos antes, quando Mussolini era ainda tido como um jovem rebelde e demolidor. Sorel teve a visão de Mussolini a cavalo, condutor de homens que desembainha a espada, mas tambem previu o grande tino do homem politico em uma terceira profecia anterior á guerra mundial, contida em uma carta a Barrès: « A Itália tem a primeira, a melhor diplomacia do mundo. Veremos grandes coisas. Ou uma tremenda guerra, ou uma revolução não menos formidavel e talvez as duas. A Itália não perderá a cabeça. Ignora-se demasiadamente na França o poder da inteligência italiana. Continuar a ignorá-lo, custar-nos-á caro. Comtudo, eu conheço um rapaz um certo Mussolini, socialista, que é o unico socialista que conheço hoje, capaz de não fazer tolice. Ele saherá conduzir muito bem os seus compatriotas para « onde deseja ».

Para onde deseja, mas sempre orientado pela luz do ideal. Por isso, é que seu nome é exaltado, invocado pelos vivos e pelos moribundos nos campos de trabalho ou nos campos de batalha. Hoje em dia os italianos teem nêle a estrela que os guia e que os faz bendizer tanto a vida como o sacrificio dessa vida pela patria. E batalhões de homens que juraram, legiões numerosas de adolescentes cantam em seus hinos valorosos o seu nome, elevando ao céo os instrumentos do trahalho, os punhais, as baionetas.

A força absorvente de Mussolini, fê-lo vencer

todas as oposições todas as inimizades. Durante a crise de 1924, muitos intelectuais italianos ainda escravos da covardia, vitimas de ideologias mal assimiladas em cabeças de outras regiões, abandonaram-se ao mesquinho pronunciamento de condenação do Fascismo e de seu Chefe, tal como sacerdotes de religiões decadentes a oporem-se á heresia libertadora. Entretanto, contra a tal manifestação inspirada pela mentalidade de um homem culte que odeia « as proezas aeroplanicas » surgiram as vozes de outros homens inteligentes. Em poucos anos toda a cultura viva, todo o génio vivo da Itália moderna, se reuniu em torno de Mussolini com intensa devoção, com dedicação total, ao serviço da causa, tal como a força do trabalho, da industria e do esporte. Ao lado de Gabriel d'Anunzio aderiram ao Fascismo, homens de todas as ciencias de todos os temperamentos. Enrico Corradini ofereceu ao Duce a fé e a preparação dos pioneiros naciona listas, Guilherme Marconi o prestigio mundial de seu génio inventivo. Pirandello, Mascagni, Puccini, Respighi, Giordano, Marinetti, Soffici, Papini, Gentile as variadas e eminentes personalidades. As prevenções também desapareceram em outros países. E muitos adversarios como Lord Churchill, o proprio Eden, Lloyd George, Titulescu, Pertinax, Gillet e o indiano Tagore, reconheceram o valor de Mussolini; os principais homens de cada continente exaltaram a sua figura: de Shaw a Strauss, de conde Kalergi a Léon Daudet, de Chamberlain ao Rei Alberto. Recordemos a definição do critico musical Ernesto Decsey: « Dêle emana certa violência

come de um dinamo humano. Não se perturba, não exagera o gesto, não diz: « Quero ser um violento ». Ele o é. Tal como são violentas as tempestades o relampago, o trovão. Parece não ter idade. Mais do que um ser original a « *virtus romana* » reincarnada *rediviva* ». O Cardeal Mercier disse: « É o maior estadista do nosso tempo, um homem eleito de Deus e enviado á Itália para a salvar e para novamente a fazer ressurgir ». Pedro Bonardi observa: « Nos escritos de Stendhal, em data de 4 de outubro de 1817, lê-se a seguinte frase: « *Dai a Roma, por 20 anos um Napoleão, e os romanos serão evidentemente o primeiro povo da Europa!* Cem anos depois dessa profecia o atirador Benito Mussolini, no leito de um hospital em virtude de suas feridas de guerra imaginava fazer dos romanos « *o primeiro povo da Europa* ». O Duce estabeleceu a sua tarefa ha 15 anos, e o vaticínio de Stendhal tornou-se realidade. « *Com que orgulho* — disse a irmã de Nietzsche — *meu irmão olharia para esse Homem prodigioso, que volta a dar confiança á humanidade* ». Gandhi escreveu: « *Infelizmente, não sou um super-homem como Mussolini; sou um simples mortal que não possui nem um pouco da sua calma e da sua inexgotável reserva de energia* ». O primeiro ministro inglez Stanley Baldwin, no periodo das sanções disse: « *Não creio que existam na Europa homens excepcionais como Mussolini* ». E de facto, tinha-o experimentado. É interessante registrar os julgamentos de dois encarniçados adversarios: « *Mussolini é a unica figura gigantesca da Europa* » disse o arcebispo de

Canterbury e finalmente registemos a exclamação que de uma feita teve Lord Cecil: « A figura mágica de Mussolini! ». O visconde Rothermere afirmou que « nenhum homem desempenhou uma missão tão gigantesca na história ». Igor Strawinsky: « Não creio que exista alguém que tenha maior admiração pelo Duce do que eu; é o homem de maior valor do mundo inteiro ». Edison, o grande inventor, disse: « Mussolini é o maior génio político da época actual ». O actor Douglas Fairbanks: « É bem difícil que eu fique nervoso, mas confesso que o encontro com Mussolini perturbou-me. É um homem magnético ». Julgamentos semelhantes foram feitos por numerosas personalidades como Molnar, Kormendi, Herczeg, Kemal Ataturk, Vanderbilt, Roosevelt, Pierpont Morgan, Mc Clure, Knickerbocker, Rudyard Kipling, Otto Kahn, Norman Davis, o Cardeal Ó Connell, Brisbane, o Senador Borah, William Byrd, De Rivera, Mereykovski, Goga, Averescu, Rei Alexandre de Yugo Eslavia, Pasic, Venizelos, De Valera, Walter Runciman, WaWrd Price, Hoare, Goering, Goebbels, Frobenius, Flandin, Gentizon, Daladier, Maurras, De Chambrum, De Jonvenel, René Benjamin, Mauriac, Madelin, Laval, Godoy, Waldemar George, D'Ormesson, De Monfreid, De Kerillis, Bordeaux, Béraud, Dekobra, Bailhy, Franz Lehar, Cantilo e muitos outros.

Muitas vezes o entusiasmo pelo Duce inspira julgamentos superficiais: um deles e o mais errado, é compará-lo com Napoleão, pois entre estes dois condotieros italianíssimos, há uma profunda

diferença; se até hoje o Imperador de França não foi superado como chefe de exercitos, Mussolini possui virtudes pessoais, capacidade política e civil e um destino superior ao do Corso. « Nunca imitei Napoleão — disse o Duce — não posso ser comparado a él. A sua actividade foi bem diferente. Ele concluiu ao passo que eu iniciei uma Revolução. A sua vida indicou-me os erros aos quais dificilmente se escapa, isto é, o nepotismo, a luta com o Papa, e a pouca noção das finanças e da economia ». « E aprendi ainda algo de maior dêle. Destruiu todas as ilusões que se possam fazer sobre a fidelidade dos homens. Mussolini não peca por excessivas ambições e vaidades como Napoleão, o qual teve escasso senso social. O Duce não é como él, não ofende os autenticos direitos de individuos e de nações. Mussolini constroi, sempre na linha da tradição, perseguindo fins de justiça social.

« Comparado-o com o Duce — disse um historiador — Stalin é arrastado pelo fanatismo mais do que pelo génio. Falta-lhe a ductilidade de Mussolini, e a sua qualidade magica ». Pelo contrario o Duce tem grande afinidade com Cesar. « Admirei Cesar — disse él — que possuia a vontade do guerreiro e o engenho do sabio. No fundo era um filosofo, que contemplava tudo « sub specie aeternitatis ». Cesar amava a gloria mas o seu orgulho não o afastava da humanidade ». Mussolini porém, não cairia numa cilada de conspiradores. « Cesar — repetiu certa vez — o maior depois de Cristo ». Ele sente-se da sua raça mesmo se afirma: « Eu pertenço á classe de Bismarck ».

A lealdade de Mussolini para com o Rei e a Monarquia é completa, absoluta. Ele admira Victor Emmanuel III o qual, depois de conhece-lo no hospital de campo, a 8 de junho de 1938, foi visitar em Predapio a casa do Ferreiro onde nasceu o Homem que lhe ofereceu a Coroa imperial. O Duce não nutre ambições pessoais. Um jornal inglês assim o apresentou na crónica relativa ao matrimonio do Príncipe Herdeiro com Maria José da Belgica, que se realizou no Quirinal: Este artífice da renovada grandeza italiana, este salvador da Monarquia Sabauda, e conciliador dos Saboia com o Vaticano, seguirá sorridente e sereno a procissão dos Rei e dos Príncipes, com a testa cingida por uma invisível coroa de loiros». No Rei e no Duce o povo novo e a mais antiga dinastia do mundo, encontraram-se para colaborar em prol da sorte da Itália.

Em Mussolini e em Hitler também se encontraram os dois representantes do Povo Romano e do Povo Germanico, para compreender-se e concluir um ciclo de lutas que enedoaram de sangue a Europa no decurso dos séculos. A conciliação do Estado com a Igreja e do germanismo com a romanidade: eis duas empresas, demonstração do génio superior de Mussolini. Sem êle a Itália o mundo nunca teriam ouvido as palavras pronunciadas por Hitler no Palácio Veneza a 7 de maio de 1938: «Desde a época em que pela primeira vez os romanos e os germanos se encontraram na história pelo que nos consta, já se passaram dois milénios. Encontrando-me sobre o solo mais glorioso da histo-

ria da humanidade, sinto a fatalidade de um destino que outr'ora não tinha traçado limites bem definidos entre estas duas raças de tão elevadas virtudes e valor: sofrimento indescritivel de muitas gerações foram as consequências. Pois bem, hoje depois de dois mil anos em virtude da historica obra realizada por Vos, Benito Mussolini, o Estado romano ressurge de remotas tradições a nova vida. No norte do vosso País inumeras raças formaram um novo Imperio Germanico. Hoje, vos e eu vizinhos imediatos, adestrados pela experiência de dois milenios, pretendemos reconhecer a fronteira natural que a Providência e a historia traçaram aos nossos Povos. À Itália e à Alemanha, ela — com a nitida separação do ambito aberto á vida das duas Nações — permitirá não só a sorte de uma colaboração pacifica, segura, duradoura mas oferecerá também uma ponte para a reciproca assistência e cooperação. É meu desejo, e também meu testamento político ao povo alemão, que se considere intangivel para sempre a fronteira dos Alpes que a natureza erigiu entre nos. Estou certo de que, isto contribuirá para o futuro glorioso e prospero de Roma e da Alemanha ».

Desde então, encerrou-se uma fase da história e iniciou-se uma outra graças a dois homens que se equivalem na alta honestidade politica. Essas palavras de compreensão reciproca e de mutuo, leal respeito, que comoveram o povo, os homens de cultura, os ex-combatentes e Camisas Pretas foram as unicas palavras sinceras de paz e de justiça in-

ternacional que foram pronunciadas nêstes anos de rivalidades continuas.

Mussolini dissera que na época da sua juventude quando das primeiras batalhas tinha o pressentimento de preparar-se para algo de mais importante. Na vida do Duce distinguem-se ciclos de empresas sucessivas e combates e vitorias de ritmo contínuo, crescente. Até hoje, nunca lhe aconteceu de enfrentar um adversario sem supera-lo; quando era socialista revolucionario com poucos amigos e sem recursos alem das proprias energias, conseguiu demolir homens como Bissolati e outros reformistas, chefes de partido; venceu contra o deputado Raimondo o mais formidavel dos oradores que apoiava a Maçonaria. Pareceu derrotado quando iniciou a campanha intervencionista con o « Popolo d'Italia » e foi expulso do partido acusado de traição e peior, contudo venceu a inercia dos neutralistas como oposição de Gioliti e obteve a intervenção. Depois da Vitoria, viveu ainda anos tragicos, censurado pelo governo de Nitti, preso, ameaçado, mas reergueu a Nação e conquistou o poder. Nos primeiros anos de governo teve de entreter certos lugares tenentes discordes e ambiciosos, alem dos partidos da oposição reunidos no Aventino, impondo-se aos primeiros e derrotando os outros. Na conquista do Império teve de enfrentar o exercito do Negus, Genebra, a Inglaterra, e os sancionistas do mundo inteiro, os varios Eden, Benes, Titulescu, Madariaga, Litvinov, Vasconcelos; Mas em sete meses sobrepujou todos, aboliu a escravidão na Etiopia, e para la enviou os veiculos da civiliza-

ção, abrindo estradas nas selvagens plagas africanas, nunca percorridas pelas rodas.

Ele procede com calma, examinando as dificuldades da acção e vibra o golpe energico no momento oportuno. Um dia passeando pelo Vale do Rabi, viu um homem que britava pedras debaixo do sol ardente. Parou, reconheceu nêle um antigo companheiro de escola, e começou tambem ele a fazer o mesmo trabalho. Mas uma pedra mais resistente do que as outras não queria ceder. « É muito dura — disse-lhe o homem — para Vossa Exceléncia ». « Conseguí britar pedras mais duras ». É preciso encontrar a veia e encontrou-a: a pedra quebrou em bocadinhos. Ele é pratico de todos os oficios de construtor e sabe julgar se a armação para erigir um edificio é bastante segura. Uma vez visitando um estaleiro na Romanha, advertiu que as armações eram fracas e teriam podido provocar um desastre.

Na vida particular é simples como o mais modesto cidadão. Detesta as biografias, as definições de sua pessoa e mandou interromper um concurso de uma revista que pedia a melhor definição do Duce. Quando enche a lista familiar de recenseamento da população, se define ainda « jornalista ». Ele vive dos lucros do seu jornal « Popolo d'Italia » situado na rua Moscova em Milão, e considerando a diferença entre a nova e a antiga sede disse aos redactores: « Pode-se passar da tenda ao palacio com a condição de estar sempre pronto a voltar quando for preciso do palacio á tenda. Caso contrario, teríamos riqueza de meios e pobreza de espírito ».

Antes que o povo de Forli lhe oferecesse a Roca das Caminate passava o tempo de suas curtas estadias numa casa de campo em Carpena. Mas a sede do seu trabalho de Chefe de Govêrno é o magnifico Palacio Veneza.

Toda a sua acção revela a absoluta sinceridade de espírito e o equilibrio alcançado através de contrastes de experiências tragicas e de supremas satisfações. O Duce cidadão de Roma e de todas as comunas da Itália, é o mesmo combatente que durante a guerra, certa vez um tal aproximando-se disse-lhe: « És tu Mussolini? Bem, tenho uma boa noticia para ti. Mataram Corridoni. Estou satisfeito. Rebentem todos estes interventionistas ». Não pude vingar a atroz ofensa pois nesse instante passava uma sentinela. O chefe idolatrado debaixo de cuja sacada se reune para aclama-lo o povo de Roma é o mesmo que em 1919, se encontrou sozinho em Milão ameaçado pelos subversivos, renegado por muitos sequazes, derrotado nas eleições, detido pelos agentes do governo e denunciado cadaver. O vingador de Adua, o fundador do Império é o mesmo homem que durante a sua adolescencia lia em Predapio nos jornais as tragicas notícias de Amba Alagi, de Macalé de Abba Garina. A mãe fazia-lhe cantar os versos de Brofferio:

Delle spade il fiero lampo  
tronci e popoli svegliò.  
Italiani, al campo al campo,  
ché la patria ci chiamò.

Das espadas o heroico lampejo  
tronos e povos despertou  
Italianos ao campo, ao campo,  
pois que a patria nos chamou.

E ele acrescentava: « mãe eu farei estremecer a terra ».

O Fundador da Milicia, o Ministro das Forças Armadas, o Primeiro Marechal da Italia é o mesmo combatente que foi repelido pelos precedentes politicos do curso de aspirantes oficiais. O Duce que ao chegar, suscita o entusiasmo de inteiras cidades, faz acudir os camponeses dos campos, os montanheses da altas montanhas, e provoca o pranto e o riso ás pessoas mais graves, é o mesmo servente pedreiro que na Suiça trabalhou por poucos vintens a hora, que dormiu debaixo das pontes e que impelido pela fome pediu um pedaco de pão. O Chefe do Govêrno que voa e comanda que dirige o trabalho dos tecnicos e dos cientistas é o mesmo homem que muitas vezes escapou ileso aos golpes dos inimigos na guerra, á espada dos adversarios nos duelos o aos atentados de assassinos sem patria.

O proletario que impôs os mais elementares direitos dos trabalhadores é o mesmo governante que persuadiu todas as categorias á colaboração serena e produtiva e libertou a Nacão do flagelo da luta de classe.

O revolucionario que sempre repeliu as hipocrisias dos pacifistas com o reconhecimento das mais duras necessidades da acção e da guerra nos momentos decisivos da historia é o mesmo lutador generoso que se opôs ás violências homicidas nas lutas de facções entre socialistas e republicanos na Romanha, que impôs aos esquadristas exasperados uma tentativa de pacificação com os adversarios nas vesperas da Marcha sobre Roma, que impediu a reacção dos Camisas Pretas na campanha do Aventino, que solicitado pelas democracias inimigas e

sancionistas interveiu para propor a justa resolução de Monaco e salvar a paz do mundo.

O nome deste Homem que os italianos tem no sangue, repercute-se como símbolo de força e de bondade em todas as regiões da terra, mesmo onde se desconhece que a Itália entrou na lenda. Numerosos italianos e estrangeiros visitam diariamente em Predapio a casa do Ferreiro e o tumulo dos pais do Duce. Admiradores estrangeiros deixam-lhe seus bens por testamento, atravessam o oceano para ve-lo e falar-lhe, Humildes operários trabalham para oferecer-lhe uma amostra da sua capacidade. Os italianos dizem que Mussolini tem sempre razão. Os legionários do Imperio, os construtores de estradas esculpiram o seu semblante nas rochas africanas. Um jornalista italiano muito viajado escreveu: « Lembrar-me-ei sempre do um descarregador de sal da Bessarabia que ao ver os aeroplanos de Balbo voar, sobre Mar Negro me dizia: « E Mussolini que os mandou aqui ». Mecânicos negros do Congo, forçados rehabilitados da Nova Caledonia, medicos ingleses do exercito indiano contrabandistas de Detroit, marinheiros de Marseille encontrados nos mares do sul, Burgueses de Sidney, e de Melbourne, missionários das ilhas Polinesianas, agricultores do West — para não falar dos italianos — a primeira coisa que dizem é a seguinte: « Falai-me de Mussolini ». É muito frequente esta frase nos italianos: « Se Mussolini soubesse! » e nos estrangeiros: « Se tivessemos um Mussolini! ».

As mulheres mostram-lhe suas crianças e

beijam-lhe as mãos; o seu abraço consola os feridos de guerra; os sacerdotes o abençoam; uma palavra, um olhar, são os maiores prémios para um italiano. Porque Mussolini volta-se antes de tudo para o espírito. Há uma ligação entre a sua vontade e o espírito dos italianos; nunca se deixa exaltar pelos aplausos. Todas as decisões — principalmente as mais graves — são tomadas por ele que examina os dados das várias situações. Ele não pode e não deve deter-se. A sua vitalidade é arrebatadora. « Para ele — a vida — drama não é uma exceção, é norma. Cada minuto da sua vida encerra um drama e se não o encontra na realidade procura-o na fantasia. Não sabe gozar as alegrias do poder porque para ele « poder » é « potência » poder é o que se conquista « sempre mais » minuto por minuto. Em primeiro lugar, no domínio do espírito. E como para o espírito a conquista mais luminosa é a renúncia, eis que Mussolini que a todos parece o homem mais poderoso, mais certo, mais tranquilo do futuro, dispõe o seu espírito a todas as renúncias, toma um avião e atravessa toda a Itália enquanto a Nação assiste a isto maravilhado ».

Com tudo, ele ama a vida « Em Milão num lindo dia de primavera, certa vez exclamou: « Pensar que existirá um dia de primavera em que nós não veremos nem o sol nem as árvores em flor; nesse dia estaremos enterrados. Mas estas reflexões são raras em Mussolini; a sua actividade prevalece sobre a acção aberta sem inhibição, sem reservas subconscientes.

Deante de sua vida, o biógrafo encontra-se nu-

ma situação oposta a que deve enfrentar com a maioria das grandes personalidades: A difícil pesquisa sobre suas intenções secretas e sobre as razões mais ou menos misteriosas será no futuro parca de resultados, justamente pela clareza, pela sinceridade de directrizes de Mussolini, cuja vida se poderá ler no livro aberto da mais importante história da Italia por ele iniciada e continuada. Ele é de facto ao mesmo tempo, o compositor e o director da grande sinfonia nacional que se desenvolve plenamente depois do preludio dos primeiros anos. As suas energias absorvidas pela dura empresa, não são desperdiçadas em factos particulares e secundarios, em vicios, em fraquezas que diminuem o prestigio de quasi todos os condotieres de povos. Pelo seu sentimento de justiça e de equidade, pela sua rectidão de caracter, pelo seu metodo, energia e desinteresse exemplares, Mussolini eleva-se se cada vez mais na estima do povo. A sua atitude é sempre superior a tudo quanto é crueldade, ambição e egoismo, muito facil encontrar em todas as personalidades de todos os seculos. Sua obra, sua pessoa, e sua atração, demonstram a sua fé na imortalidade que lhe faz desprezar os incidentes da vida mesmo os pessoais. Estes não o atingem e parecem que nem mesmo lhe dizem respeito.

Ele demonstra aos que negam o misterio do nosso ultimo destino que « a ciencia fornece aos homens meios extraordinarios. Porem seus ensinamentos não conseguem melhorar a humanidade do ponto de vista moral ». « O homem não pode melhorar senão compenetrando-se e meditando. A

ciência fornece os meios de ação, não de meditação. Vejo que a religião só pode elevar, melhorar. Aliás, não são incompatíveis. Completam-se ». Um dia disse a Carlos Delcroix: « Como católico sou cristão ». Por outro lado admitia: « que uma vez no decurso de milhões de anos, possa haver uma aparição sobrenatural; é possível igualmente que em milhões de anos, uma aparição semelhante se repita. Existe em seu espírito, quando os problemas mais importantes o preocupam um pudor, uma profunda humildade. Uma religiosidade divina ilumina toda e qualquer ação de Mussolini e se repercuta nas palavras conclusivas da sua « Vida de Arnaldo ». Não fiz nem farei nenhum testamento, quer espiritual, quer político, quer profano. Inutil tentar obtê-lo. Só tenho um desejo: o de ser sepultado junto aos meus, no Cemitério de São Cassiano. Seria muito ingenuo se pedisse para me deixarem em paz depois de morto. Em volta dos tumulos dos chefes da grande transformação que chamamos Revolução, não se pode ficar em paz. Entretanto, tudo o que foi feito não pode ser suprimido, ao mesmo tempo o meu espírito libertado da matéria, viverá a curta vida terrena, a vida imortal e universal de Deus.